



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Thamiris Marques da Silva

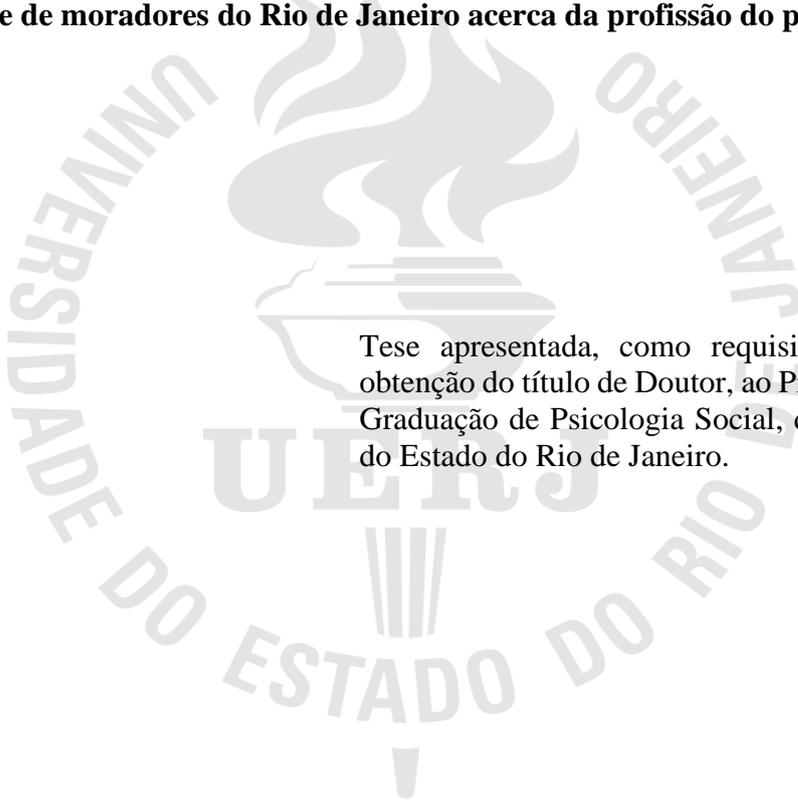
O pensamento social de psicólogos egressos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e de moradores do Rio de Janeiro acerca da profissão do psicólogo

Rio de Janeiro

2020

Thamiris Marques da Silva

O pensamento social de psicólogos egressos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e de moradores do Rio de Janeiro acerca da profissão do psicólogo



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Pecly Wolter

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M357 Marques da Silva, Thamiris.
O pensamento social de psicólogos egressos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e de moradores do Rio de Janeiro acerca da profissão do psicólogo / Thamiris Marques da Silva. – 2020.
154 f.

Orientador: Rafael Pecly Wolter.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Pensamento Social – Teses. 3. Psicólogo – Teses. I. Wolter, Rafael Pecly. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

es CDU 316.6(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Thamiris Marques da Silva

O pensamento social de psicólogos egressos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e de moradores do Rio de Janeiro acerca da profissão do psicólogo

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 16 de Março de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Moura Coelho Pecly Wolter (Orientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ

Prof.^a. Dr.^a. Antonio Marcos Tosoli Gomes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ

Prof. Dr. Claudia Carneiro da Cunha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ

Prof.^a Dra. Ana Lucia Paes de Barros
Universidade Estácio de Sá — UNESA

Prof. Dr. Denis Giovani Monteiro Naiff
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — UFRRJ

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

A Deus, “porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém”.

Romanos 11:36

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sua soberania e profundidade de conhecimento que me permitiram chegar até aqui ao longo dessa década de estudos em Psicologia.

Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) por financiar meu doutorado e tornar esse sonho possível.

Agradeço à UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) por me acolher durante todos esses anos de jornada acadêmica.

Agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para eu chegasse até esse aqui.

RESUMO

MARQUES DA SILVA, Thamiris. *O pensamento social de psicólogos egressos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e de moradores do Rio de Janeiro acerca da profissão do psicólogo*. 2020. 154 f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A presente tese se enquadra no campo da psicologia e, mais precisamente, da psicologia social, utilizando o referencial teórico do Pensamento Social. O objetivo geral é caracterizar o Pensamento Social de psicólogos egressos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e dos moradores Estado do Rio de Janeiro acerca da profissão do psicólogo. A pesquisa está organizada a partir de três estudos relacionados entre si a fim de atingir o objetivo geral da tese. O primeiro estudo se trata da investigação do pensamento social do psicólogo acerca do seu percurso profissional levando em conta a estratificação social. O objetivo foi investigar o pensamento dos psicólogos sobre sua carreira profissional a partir dos capitais cultural e financeiro a fim de comparar os grupos de capital baixo e capital alto. Para isso, 117 participantes formados no curso de psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) responderam a um questionário on line composto por evocações livres, Escala de Likert, Escala de diferencial semântico e questões abertas e fechadas. A análise de dados se deu através da análise prototípica, análise de similitude e teste t de Student. Os resultados mostram uma avaliação positiva por parte dos psicólogos quanto ao seu percurso profissional e a profissão é vista como uma profissão que acarreta outros ganhos além do dinheiro, ressaltando, principalmente, a satisfação da atividade desempenhada. Além disso, a posição dos grupos com mais e menos capital cultural e financeiro, não causou diferenciação no padrão de respostas. O segundo estudo é exploratório e teve por objetivo verificar o pensamento das pessoas em geral acerca dos psicólogos de acordo com a proximidade que se tem do profissional. Foram entrevistados 25 participantes a partir de um roteiro estruturado e, posteriormente, foi feita uma análise de conteúdo das entrevistas. Os resultados mesclam aspectos positivos e negativos tanto da profissão quanto do profissional. O terceiro estudo investiga o estereótipo do psicólogo a partir de quatro subdivisões: características físicas, mentais, traços de personalidade e comportamentos físicos. Ele abarca 340 participantes divididos em: 141 que não tiveram contato profissional com psicólogo e 199 que tiveram contato profissional com psicólogo. Além disso, ainda há uma subdivisão segundo a especificação do contato: participantes que tiveram contato através do ambiente de trabalho, participantes que tiveram contato através da terapia e que não tiveram contato profissional com psicólogo. O instrumento foi um questionário incluindo Escala de itens de Likert, Escala de diferencial semântico, questões abertas e fechadas. A análise se deu pelo teste t de Student e pela Análise da Variância (ANOVA). Os resultados mostram diferenças significativas entre os grupos analisados, mas de forma geral os psicólogos são associados ao espectro político de esquerda e classe média além do estereótipo físico associado ao sexo feminino.

Palavras-chave: Psicologia Social. Pensamento Social. Psicólogo.

ABSTRACT

MARQUES DA SILVA, Thamiris. *The social thinking of graduated psychologists from the State University of Rio de Janeiro and residents of Rio de Janeiro about the psychologist's profession*. 2020. 154 f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This thesis fits the field of psychology and, more precisely, of social psychology, using the theoretical framework of Social Thought. The general objective is to characterize the Social Thought of psychologists graduated from the State University of Rio de Janeiro and residents of the State of Rio de Janeiro about the psychologist's profession. The research is organized based on three related studies in order to achieve the general objective of the thesis. The first study deals with the investigation of the psychologist's social thinking about his professional career taking into account social stratification. The objective was to investigate the psychologists' thinking about their professional career from the cultural and financial capitals in order to compare the low and high capital groups. For that, 117 participants trained in the psychology course at the State University of Rio de Janeiro (UERJ) answered an online questionnaire composed of free evocations, Likert scale, semantic differential scale and open and closed questions. Data analysis was done through prototypical analysis, similarity analysis and Student's t test. The results show a positive evaluation on the part of psychologists regarding their professional career and the profession is seen as a profession that brings other gains besides money, emphasizing, mainly, the satisfaction of the activity performed. In addition, the position of groups with more and less cultural and financial capital, did not cause differentiation in the pattern of responses. The second study is exploratory and aimed to verify the thinking of people in general about psychologists according to the proximity that one has to the professional. 25 participants were interviewed from a structured script and, subsequently, a content analysis of the interviews was made. The results mix positive and negative aspects of both the profession and the professional. The third study investigates the psychologist's stereotype from four subdivisions: physical, mental characteristics, personality traits and physical behaviors. It comprises 340 participants divided into: 141 who had no professional contact with a psychologist and 199 who had professional contact with a psychologist. In addition, there is still a subdivision according to the contact specification: participants who had contact through the work environment, participants who had contact through therapy and who had no professional contact with a psychologist. The instrument was a questionnaire including Likert's Scale of Items, Semantic Differential Scale, open and closed questions. The analysis was done by the Student's t test and by the Analysis of Variance (ANOVA). The results show significant differences between the groups analyzed, but in general psychologists are associated with the political spectrum of the left and middle class in addition to the physical stereotype associated with the female sex.

Keywords: Social Psychology. Social Thinking. Psychologist.

RESUMEN

MARQUES DA SILVA, Thamiris. *El pensamiento social de los psicólogos de la Universidad Estatal de Río de Janeiro y los residentes de Río de Janeiro sobre la profesión del psicólogo*. 2020. 154 f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta tesis se ajusta al campo de la psicología y, más precisamente, de la psicología social, utilizando el marco teórico del pensamiento social. El objetivo general es caracterizar el pensamiento social de los psicólogos graduados de la Universidad Estatal de Río de Janeiro y los residentes del Estado de Río de Janeiro sobre la profesión del psicólogo. La investigación se organiza en base a tres estudios relacionados con el fin de lograr el objetivo general de la tesis. El primer estudio aborda la investigación del pensamiento social del psicólogo sobre su carrera profesional teniendo en cuenta la estratificación social. El objetivo era investigar el pensamiento de los psicólogos sobre su carrera profesional basada en el capital cultural y financiero para comparar los grupos de bajo capital y alto capital. Para eso, 117 participantes graduados en el curso de psicología en la Universidad Estatal de Río de Janeiro (UERJ) respondieron un cuestionario en línea compuesto por evocaciones gratuitas, escala Likert, escala diferencial semántica y preguntas abiertas y cerradas. El análisis de datos se realizó mediante análisis prototípico, análisis de similitud y teste t de Student. Los resultados muestran una evaluación positiva por parte de los psicólogos con respecto a su carrera profesional y la profesión es vista como una profesión que aporta otras ganancias además del dinero, enfatizando, principalmente, la satisfacción de la actividad realizada. Además, la posición de los grupos con más y menos capital cultural y financiero no causó diferenciación en el patrón de respuestas. El segundo estudio es exploratorio y tiene como objetivo verificar el pensamiento de las personas en general sobre los psicólogos de acuerdo con la proximidad que uno tiene con el profesional. Se entrevistó a 25 participantes de un guión estructurado y, posteriormente, se realizó un análisis de contenido de las entrevistas. Los resultados combinan aspectos positivos y negativos tanto de la profesión como de los profesionales. El tercer estudio investiga el estereotipo del psicólogo a partir de cuatro subdivisiones: características físicas, mentales, rasgos de personalidad y comportamientos físicos. Comprende 340 participantes divididos en: 141 que no tuvieron contacto profesional con un psicólogo y 199 que tuvieron contacto profesional con un psicólogo. Además, todavía hay una subdivisión de acuerdo con la especificación de contacto: participantes que tuvieron contacto a través del ambiente de trabajo, participantes que tuvieron contacto a través de la terapia y que no tuvieron contacto profesional con un psicólogo. El instrumento era un cuestionario que incluía la Escala de elementos de Likert, la Escala diferencial semántica, las preguntas abiertas y cerradas. El análisis se realizó mediante la teste t de Student y el Análisis de varianza (ANOVA). Los resultados muestran diferencias significativas entre los grupos analizados, pero en general los psicólogos están asociados con el espectro político de la clase izquierda y media, además del estereotipo físico asociado con el sexo femenino.

Palabras clave: Psicología social. Pensamiento social. Psicólogo.

RÉSUMÉ

MARQUES DA SILVA, Thamiris. *Pensée sociale des psychologues de l'Université d'État de Rio de Janeiro et des résidents de Rio de Janeiro sur la profession de psychologue*. 2020. 154 f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Cette thèse s'inscrit dans le domaine de la psychologie et, plus précisément, de la psychologie sociale, en utilisant le cadre théorique de la pensée sociale. L'objectif général est de caractériser la pensée sociale des psychologues diplômés de l'Université d'État de Rio de Janeiro et des résidents de l'État de Rio de Janeiro au sujet de la profession de psychologue. La recherche est organisée sur la base de trois études connexes afin d'atteindre l'objectif général de la thèse. La première étude porte sur l'investigation de la réflexion sociale du psychologue sur sa carrière professionnelle en tenant compte de la stratification sociale. L'objectif était d'enquêter sur la réflexion des psychologues sur leur carrière professionnelle dans les capitales culturelles et financières afin de comparer les groupes à bas et hauts capitaux. Pour cela, 117 participants formés au cours de psychologie à l'Université d'État de Rio de Janeiro (UERJ) ont répondu à un questionnaire en ligne composé de technique d'association libre des mots, échelle de Likert, échelle différentielle sémantique et questions ouvertes et fermées. L'analyse des données a été effectuée par l'analyse prototypique, l'analyse de similitude et le test t de Student. Les résultats montrent une évaluation positive de la part des psychologues quant à leur carrière professionnelle et la profession est perçue comme une profession qui apporte d'autres gains en plus de l'argent, mettant l'accent, principalement, sur la satisfaction de l'activité exercée. De plus, la position des groupes de plus en moins capital culturels et financiers, n'a pas entraîné de différenciation dans le schéma des réponses. La seconde étude est exploratoire et vise à vérifier la réflexion des gens en général sur les psychologues en fonction de la proximité que l'on a avec le professionnel. 25 participants ont été interrogés à partir d'un script structuré et, par la suite, une analyse du contenu des entretiens a été effectuée. Les résultats mélangent les aspects positifs et négatifs de la profession et du professionnel. La troisième étude examine le stéréotype du psychologue à partir de quatre subdivisions: caractéristiques physiques, mentales, traits de personnalité et comportements physiques. Il comprend 340 participants répartis en: 141 qui n'ont eu aucun contact professionnel avec un psychologue et 199 qui ont eu un contact professionnel avec un psychologue. De plus, il existe toujours une subdivision selon la spécification de contact: les participants qui ont eu des contacts via l'environnement de travail, les participants qui ont eu des contacts via la thérapie et qui n'ont eu aucun contact professionnel avec un psychologue. L'instrument était un questionnaire comprenant l'échelle des éléments de Likert, l'échelle différentielle sémantique, les questions ouvertes et fermées. L'analyse a été réalisée par le test t de Student et par l'analyse de variance (ANOVA). Les résultats montrent des différences significatives entre les groupes analysés, mais en général les psychologues sont associés au spectre politique de la classe gauche et moyenne en plus du stéréotype physique associé au sexe féminin.

Mots-clés: Psychologie sociale. Pensée sociale. Psychologue.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Distribuição dos psicólogos brasileiros por região do Brasil	27
Figura 2 - Relação de psicólogos brasileiros e carga horária	28
Figura 3 - Exemplo de caso envolvendo estereótipo, pré-julgamento e discriminação	36
Figura 4 - Esquema da Teoria da ação racional de Ajzen e Fishbein (1980).....	42
Figura 5 - Esquema da Teoria do comportamento planejado de Ajzen (1988)	43
Figura 6 - Resultados da análise prototípica do termo indutor “psicólogos” por egressos do curso de psicologia da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.....	62
Figura 7 - Resultados da análise de similitude do termo indutor “psicólogos” por egressos do curso de psicologia da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Relação de psicólogos brasileiros e número de trabalhos	28
Tabela 2 -	Rendimento médio total e por hora dos psicólogos brasileiros por raça/cor	28
Tabela 3 -	Exemplificação dos componentes da Atitude	41
Tabela 4 -	Resultados relativos aos itens da Escala de Likert sobre trabalho em função do capital cultural alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente) analisados pelo teste t de Student . Rio de Janeiro, RJ, Brasil.	64
Tabela 5 -	Resultados relativos aos itens da Escala de Likert sobre formação e mercado de trabalho em função do capital cultural alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.	65
Tabela 6 -	Resultados relativos à escala de diferencial semântico sobre avaliação pessoal em relação aos demais egressos do curso de formação em função do capital cultural alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.	66
Tabela 7 -	Resultados relativos aos itens da Escala de Likert sobre trabalho em função do capital financeiro alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.	66
Tabela 8 -	Resultados relativos aos itens da Escala de Likert sobre formação e mercado de trabalho em função do capital financeiro alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.	67
Tabela 9 -	Resultados relativos à escala de diferencial semântico sobre avaliação pessoal em relação aos demais egressos do curso de formação em função do capital financeiro alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.	68

Tabela 10 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente ao contato dos participantes com psicólogo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.	75
Tabela 11 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente aos atributos positivos do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.	76
Tabela 12 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente aos atributos negativos do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.	78
Tabela 13 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às opiniões que os participantes têm da visão que a sociedade possui do psicólogo. Rio de Janeiro, Brasil. N=25.	79
Tabela 14 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições do trabalho do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.	80
Tabela 15 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições dos locais de atuação trabalho do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. RJ, Brasil. N = 25.	81
Tabela 16 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições de personalidade e mentais do psicólogo segundo o que os participantes acreditam que as pessoas em geral acham. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.	82
Tabela 17 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições de personalidade e mentais do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. RJ, Brasil. N = 25.	83
Tabela 18 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições físicas do psicólogo segundo o grupo de participantes que não teve contato profissional com psicólogo (Grupo 1). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 9.	84
Tabela 19 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições físicas do psicólogo segundo o grupo de participantes que teve contato através do ambiente de trabalho, orientação profissional ou avaliação psicológica (Grupo 2). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 8.	85
Tabela 20 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições físicas do psicólogo segundo o grupo de participantes que teve contato através da terapia (Grupo 3). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 8.	85

Tabela 21 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às classes sociais do psicólogo pelos participantes segundo os participantes da pesquisa. RJ, Brasil. N = 25.	86
Tabela 22 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente aos posicionamentos políticos do psicólogo pelos participantes segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.	86
Tabela 23 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente aos níveis de importância do trabalho psicólogo segundo o que os participantes acreditam que a sociedade considera que tem. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.	87
Tabela 24 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente aos motivos de recomendação do trabalho psicólogo segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.	88
Tabela 25 - Participantes da pesquisa por tipo de contato com profissionais da psicologia	93
Tabela 26 - Resultados dos itens da Escala de Likert calculados pelo teste t de Student (grau de liberdade = 337) sobre o trabalho do psicólogo para os participantes que tiveram e participantes que não tiveram contato profissional com psicólogo (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente). Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	96
Tabela 27 - Resultados relativos à escala de diferencial semântico calculados pelo teste t de Student (grau de liberdade = 337) sobre o trabalho do psicólogo para os participantes que tiveram e participantes que não tiveram contato profissional com psicólogo (Escala de cinco pontos). Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	98
Tabela 28 - Resultados relativos à classe social dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	98
Tabela 29 - Resultados relativos à orientação política dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	99
Tabela 30 - Resultados relativos ao nível de importância do trabalho do psicólogo em comparação ao trabalho do psiquiatra segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	99
Tabela 31 - Resultados relativos ao gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	99

Tabela 32 - Resultados relativos à vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	100
Tabela 33 - Resultados relativos à etnia/cor dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	100
Tabela 34 - Resultados relativos à imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	101
Tabela 35 - Resultados relativos às situações antiéticas experienciadas pessoalmente ou relatadas por terceiros aos participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	101
Tabela 36 - Resultados relativos à recomendação pessoal do serviço psicológico segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	101
Tabela 37 - Resultados relativos aos motivos de recomendação do serviço psicológico segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 328.	102
Tabela 38 - Resultados relativos à ofensa ou não ofensa da recomendação do serviço psicológico por terceiros segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.	102
Tabela 39 - Resultados dos itens da Escala de Likert calculados pela Análise de Variância (ANOVA) sobre o trabalho do psicólogo para os participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia, que tiveram contato através do ambiente de trabalho e participantes que não tiveram contato profissional com psicólogo (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente). Rio de Janeiro, Brasil. N = 150.	104
Tabela 40 - Resultados relativos à escala de diferencial semântico calculados pela Análise de Variância (ANOVA) sobre o trabalho do psicólogo para participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia, que tiveram contato através do ambiente de trabalho e participantes que não tiveram contato profissional com psicólogo (Escala de cinco pontos). Rio de Janeiro, Brasil. N = 150.	106
Tabela 41 - Resultados relativos ao gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo. Rio de Janeiro, Brasil. N = 60.	107

Tabela 42 - Resultados relativos à vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo. RJBrasil. N = 60.	107
Tabela 43 - Resultados relativos à etnia/cor dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo. Rio de Janeiro, Brasil. N = 60.....	107
Tabela 44 - Resultados relativos à imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo. RJ, Brasil. N = 60.	108
Tabela 45 - Resultados relativos ao gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através da terapia. Rio de Janeiro, Brasil. N = 50.	108
Tabela 46 - Resultados relativos à vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através da terapia. Rio de Janeiro, Brasil. N = 50.	109
Tabela 47 - Resultados relativos à etnia/cor dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através da terapia. RJ, Brasil. N = 50.	109
Tabela 48 - Resultados relativos à imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através da terapia. Rio de Janeiro, Brasil. N = 50.	110
Tabela 49 - Resultados relativos ao gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho. Rio de Janeiro, Brasil. N = 40.....	110
Tabela 50 - Resultados relativos à vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho. Rio de Janeiro, Brasil. N = 40.	111
Tabela 51 - Resultados relativos à etnia/cor dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho. Rio de Janeiro, Brasil. N = 40.....	111
Tabela 52 - Resultados relativos à imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho. Rio de Janeiro, Brasil. N = 40.....	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASBPM	–	Associação Brasileira de Pesquisadores de Mercado Opinião e Mídia
CFP	–	Conselho Federal de Psicologia
COF	–	Comissão Permanente de Orientação e Fiscalização
DIEESE	–	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
FIPE	–	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	–	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPN	–	Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos
MEC	–	Ministério da Educação
PNAD	–	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PUC-RIO	–	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SESU	–	Secretaria de Educação Superior
UERJ	–	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	–	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	–	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFU	–	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	18
1	JUSTIFICATIVA DO TEMA	20
2	OBJETO E ENFOQUE TEÓRICO	22
2.1	Percurso profissional de psicólogos	22
2.2	Pensamento social	29
2.1.1	<u>Estereótipo</u>	35
2.1.2	<u>Atitude/Pré-julgamento</u>	40
2.1.3	<u>Discriminação</u>	43
2.1.4	<u>Identidade Social</u>	50
2.2	Estratificação social	54
3	ESTUDO 1 – FORMAÇÃO, CARREIRA PROFISSIONAL E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL: O PENSAMENTO SOCIAL DE PSICÓLOGOS EGRESSOS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	59
3.1	Objetivos	59
3.2	Método	59
3.2.1	<u>Participantes</u>	59
3.2.2	<u>Instrumentos</u>	59
3.2.3	<u>Análise de dados</u>	60
3.3	Resultados	61
3.4	Discussão	68
4	ESTUDO 2 – O PENSAMENTO SOCIAL SOBRE O PSICÓLOGO A PARTIR DE PESSOAS QUE TIVERAM E NÃO TIVERAM CONTATO COM O PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO	72
4.1	Objetivos	72
4.2	Método	72
4.2.1	<u>Participantes</u>	72
4.2.2	<u>Instrumentos</u>	72
4.2.3	<u>Análise de dados</u>	73
4.3	Resultados	73
4.4	Discussão	88

5	ESTUDO 3 – O QUE OS MORADORES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO PENSAM ACERCA DO PSICÓLOGO? UM ESTUDO DO PENSAMENTO SOCIAL	93
5.1	Objetivos	93
5.2	Método	93
5.2.1	<u>Participantes</u>	93
5.2.2	<u>Instrumentos</u>	94
5.2.3	<u>Análise de dados</u>	95
5.3	Resultados	95
5.3.1	<u>Resultados de participantes que tiveram contato profissional com psicólogo e que não tiveram contato algum com psicólogo</u>	95
5.3.2	<u>Resultados de participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia, que tiveram contato através do ambiente de trabalho e que não tiveram contato profissional com psicólogo</u>	102
5.4	Discussão	112
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	125
	APÊNDICE A – Descrição da amostra do estudo 1	138
	APÊNDICE B – Instrumento do estudo 1: questionário on line	142
	APÊNDICE C – Descrição da amostra do estudo 2.....	151
	APÊNDICE D – Instrumento do estudo 2: Roteiro de entrevista estruturado	152
	APÊNDICE E – Instrumento do estudo 3: questionário	153

INTRODUÇÃO

A presente tese faz parte do vasto campo da psicologia social, uma vertente da psicologia que leva em consideração tanto aspectos sociológicos, quanto psicológicos, assim como o contexto dos indivíduos. De forma geral, enquanto a psicologia estuda percepções individuais, raciocínio, cognição, motivações e emoções, a sociologia se interessa por fenômenos coletivos, cultura, ideologia e instituições. Assim, a psicologia social surge como uma interseção dessas áreas de conhecimento mesclando o contexto referente tanto ao grupo, quanto ao indivíduo, produzindo conhecimentos sociopsicológicos (FERREIRA, 2010).

Gergen (2008, p. 475) afirma que “a psicologia é usualmente definida como ciência do comportamento humano e a psicologia social como aquele ramo dessa ciência que lida com a interação humana”. A psicologia social também pode ser vista como um estudo focado na interação entre pessoas e o processo cognitivo produzido por essa relação de influência mútua (RODRIGUES, ASSMAR, JABLONSKI, 2000).

Já Moscovici (1984) define a psicologia social como uma ciência de três dimensões que estuda as relações entre o ego, o outro e o objeto. Nesse sentido, para compreender como o ego se relaciona com objeto é preciso saber como o grupo se relaciona com o objeto, ou seja, a relação do sujeito com o objeto passa pelo grupo.

Sá (2015) classifica a psicologia social no Brasil em dois rumos: psicologia social *strito sensu* e psicologia social *lato sensu*. O primeiro rumo engloba as correntes oriundas do *mainstream* desenvolvido nos Estados Unidos e discorre sobre diferentes temas, além de ser marcada por microteorias; engloba também uma psicologia social mais sociológica, desenvolvida na Europa e que aborda como pensamento social e relações intergrupais sendo marcada por perspectivas teórico-conceituais; engloba as perspectivas socioconstrucionista e discursiva; e engloba, ainda, as perspectivas microssociológicas. O segundo rumo, denominado psicologia social *lato sensu*, engloba a perspectiva sócio-histórica; a perspectiva marxista, perspectiva institucional e a perspectiva filosófica (SÁ, 2015).

Ferreira (2010) também propõe uma classificação das áreas da psicologia social por conta da pluralidade de definições e estudos dessa área em três vertentes: a psicologia social psicológica, psicologia social sociológica e psicologia social crítica. A primeira, mais psicológica, tende a focar em estudos voltados à cognição e aos sentimentos, ou seja, processos intra-individuais; a segunda se atenta mais aos grupos e mecanismos de funcionamento da sociedade; e a terceira se apresenta com postura crítica à sociedade e suas organizações.

Tanto a primeira quanto a segunda vertente da psicologia social, ou seja, tanto a mais psicológica quanto a mais sociológica, são contempladas nas considerações desta tese e ilustradas através da arquitetura do pensamento social incluindo o campo de estudos das representações sociais; a teoria da identidade social, processos de estereótipos, pré-julgamento e discriminação; além da teoria da identidade social e processos de comparação social.

A proposta é articular os diferentes níveis de análise que muitas vezes são considerados opostos e excludentes, mas que aqui serão abordados enquanto complementares, visando a articulação entre regulações sociais e cognição, seguindo as ideias propostas por diversos autores (DOISE, 1990; VALA, 2004; VALENTIM, 2013; MENDONÇA, LIMA, 2014).

Tal escolha se justifica pela limitação teórica de uma ou outra vertente da psicologia social, como as visões estritamente individualistas dos fenômenos que não permitem considerar o social além de uma soma de pessoas; o sociologismo exacerbado que materializa os fenômenos a tal ponto de excluir os próprios seres humanos de suas análises; ou o cognitivismo, que muitas vezes considera o humano como uma máquina de funções aprimoradas (GUARESCHI, 2007).

Assim, os processos de preconceito e discriminação serão abordados tanto pelo viés da cognição, cujos processos psicológicos são avaliados com base no processo de informação e julgamento pessoal, quanto pelo viés social, em que o preconceito e a discriminação são vistos como decorrentes de teorias elaboradas socialmente e decorrentes de relações de poder, cujos fatores situacionais quanto socioeconômicos são considerados nos processos de relações sociais.

Cabe ressaltar que a articulação teórica dessa tese ocorre com a finalidade de investigar o pensamento social sobre a vida profissional de egressos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) a partir da arquitetura do pensamento social. Além disso, a proposta também é investigar o pensamento social que as pessoas, em geral, têm dos psicólogos, levando em conta o grau de contato que possuíram/possuem com o profissional.

1 JUSTIFICATIVA DO TEMA

As pesquisas contidas nesta tese de doutorado fazem parte de um conjunto maior de pesquisas acerca de universitários de universidades públicas e seu percurso acadêmico e profissional, envolvendo desde a inserção na universidade, abarcada pelo estudo do pensamento sobre cotas e percurso acadêmico na graduação, até o campo profissional de atuação de egressos.

O conjunto dessas pesquisas se iniciou a partir da minha monografia (MARQUES, 2014) intitulada “O pensamento social de jovens universitários cariocas acerca da reserva de vagas nas universidades públicas”, em que foram levantadas através de entrevistas semi estruturadas as concepções de justiça e os posicionamentos sobre as cotas pertencentes aos universitários de diferentes cursos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A continuidade desse tema se deu através da minha dissertação de mestrado (MARQUES, 2016) intitulada “Pensamento social, justiça e cotas: um estudo de representações sociais com universitários”, que objetivou o estudo do pensamento social de estudantes de diferentes cursos da UERJ (na época, em 2013, completava uma década de vigência das cotas); da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) acerca dessas medidas e seu percurso acadêmico na graduação. Para tanto, visando a comparação dos dados, foram coletados 134 questionários com respostas de sujeitos tanto cotistas quanto não cotistas da UERJ e universitários dessas duas universidades federais (UFU e UFRRJ) cujas medidas de reservas de vagas foram implementadas em 2013 em todo Brasil.

Por fim, esse conjunto de pesquisas culmina na presente tese de doutorado que se propõe a investigar o pensamento social de psicólogos egressos da UERJ sobre sua carreira profissional e o pensamento social das pessoas, em geral moradores do Estado do Rio de Janeiro, acerca dos psicólogos, de acordo com a proximidade com o profissional: pessoas que não tiveram contato profissional com psicólogo; pessoas que tiveram contato profissional com psicólogo através do ambiente de trabalho, avaliação psicológica ou orientação profissional; e pessoas que tiveram contato profissional através da terapia.

Esses psicólogos formados são egressos da UERJ e atuam principalmente no Estado do Rio de Janeiro e, por isso, o grupo de moradores do Estado do Rio de Janeiro integra o grupo de participantes da tese juntamente aos próprios psicólogos a fim de compor o pensamento

social acerca do psicólogo e sua profissão, tanto do ponto de vista interno (dos próprios psicólogos) quanto externo (dos moradores do Rio de Janeiro).

Essa tese é, então, continuação de estudos com universitários acerca das cotas e da graduação que, agora formados, elucidam seu pensamento sobre a profissão. A importância de estudar os grupos sociais, nesse caso a categoria dos psicólogos, é devido ao seu funcionamento e difusão na sociedade.

Embora a psicologia tenha pouco menos de 150 anos enquanto ciência, ao longo da sua propagação tem ganhado espaço e avançado a partir de diferentes campos de atuação. Segundo o levantamento de 2016 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) são 146.721 psicólogos no Brasil, sendo mais de 90 mil somente na região Sudeste. Por isso, o presente estudo pretende fornecer subsídios de conhecimento em relação ao pensamento das pessoas e dos próprios psicólogos quanto à visão e atuação pós formação acadêmica.

2 OBJETO E ENFOQUE TEÓRICO

2.1 Percurso profissional de psicólogos

Por definição, graduação é o “curso de nível universitário, feito após a conclusão do ensino médio” (MICHAELIS, 2015). Ela constitui sistemas de ensino superior que se associam à formação profissional de conhecimentos específicos.

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC), que é um órgão do Governo Federal do país, apresenta a lista dos cursos de graduação reconhecidos pela Secretaria de Educação Superior (SESU), em que está inserido o curso de Psicologia.

A história da Psicologia enquanto profissão passa por três momentos: pré-profissional (1833-1890), profissionalização (1890-1975) e profissional (1975-atual). Primeiro a disciplina surge atrelada a outras áreas de conhecimento, mas não como curso independente; depois passa pelo processo de inauguração de espaços voltados para sua organização, como institutos de pesquisa; e num terceiro momento surgem leis que regulamentam o exercício da profissão (PEREIRA, PEREIRA NETO, 2003).

Na fase pré-profissional, historicamente, o ensino da psicologia se deu como parte do conhecimento necessário para outras áreas, presente, por exemplo, nas faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia (1833-1890), e na Faculdade de Direito de São Paulo (LISBOA, BARBOSA, 2009).

Nesse período temos a psicologia francesa, no final do século XVIII, com enfoque nas terapias para “corpos e mentes perturbados” (MONTEIRO, JACÓ-VILELA, 2013, p. 161) sob forte influência da medicina, que também chega ao Brasil influenciando a elite política e intelectual da época, sobretudo através de nomes como Salpêtrière, Nancy e Charcot que, curiosamente, teve como paciente o imperador D. Pedro II em 1887.

Durante esse período, foi a medicina que se apropriou dos casos de fobia, crises, enfermidades nervosas e outros fenômenos somáticos e psíquicos. Essas práticas psicoterápicas utilizadas por esses médicos também aparecem, inclusive, na psiquiatria do Brasil em nomes como Teixeira Brandão, considerado primeiro psiquiatra brasileiro (MONTEIRO, JACÓ-VILELA, 2013).

Como se vê, o estudo da disciplina surgiu atrelado a outras áreas de conhecimento, sendo usada como ferramenta para formação de outras profissões, ou seja, no início não havia independência da psicologia e seu funcionamento era sem qualquer tipo de sistematização ou institucionalização (PEREIRA, PEREIRA NETO, 2003).

Num segundo momento (1890-1975) ocorreu certa profissionalização da Psicologia, já que esta passou ser regulamentada. Em 1890 ocorreu a reforma do Benjamin Constant que incorporou a disciplina nas escolas normais e em 1906 foram criados laboratórios de psicologia. No entanto, foi no ano de 1953 que ocorreu a criação do primeiro curso de Psicologia e também o código de ética da profissão em 1975.

Assim, apesar desse cenário primário de sistematização profissional, em 1953, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) foi a primeira no país a criar o curso de Formação de Psicólogos, ainda que sem regulamentação do ensino e práticas específicas para profissão, já que o código de ética veio em 1975. Foi também a PUC-RIO que criou, em 1966, o primeiro curso de Mestrado em Psicologia do país (YAMAMOTO, 2006).

O terceiro momento foi iniciado em 1975 com a criação do código de ética e, com isso, a profissão passou a ser mais organizada e estabelecida ganhando independência. Assim, decorrente desse processo de sistematização da Psicologia, em 1928 esta passou a ser obrigatória nas escolas normais a nível nacional tornando-se, então, detentora de certo espaço no mercado de trabalho (PEREIRA, PEREIRA NETO, 2003).

No que diz respeito às áreas de atuação profissional dos psicólogos, a Comissão Permanente de Orientação e Fiscalização (COF) do Conselho Federal de Psicologia (CFP) estabelece como áreas de atuação: Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia de Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade; Psicologia Social; e Neuropsicologia.

Sendo assim, os psicólogos formados podem atuar em diversas áreas que envolvam ensino e pesquisa, como as Universidades; em clínicas e hospitais; instituições penitenciárias e delegacias; nas empresas; locais esportivos; locais que envolvem preparação de condutores para o trânsito; consultorias particulares, etc.

Nesse contexto de formação, os profissionais graduados constituem mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho, entendendo como o meio que associa a oferta com a procura por força de trabalho. Sabe-se que o trabalho está fortemente associado ao emprego e que este ocupa lugar central na sociedade que, por ser capitalista, faz do trabalho algo competitivo e submetido ao movimento do mercado.

De fato,

a organização universitária, como qualquer outra esfera da educação formal, está sendo convocada a assumir um duplo papel, o de educar – que se distingue da mera instrução – e o de preparar profissionais para atender às novas demandas do mercado de trabalho (GONDIM, 2002, p. 300).

Essa associação de trabalho e emprego traz uma questão, pois ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho é competitivo e possui necessidade de alta produtividade, essa obrigação revela uma defasagem da qualidade do trabalho produzido, uma vez que a produção é muitas vezes associada à quantidade e não qualidade do que é feito, como argumenta Acselrad (1995, p. 50):

As estratégias de intensificação de massa do trabalho defrontam-se, portanto, às dificuldades de envolvimento dos trabalhadores nos objetivos de superação das normas de rendimento do trabalho; não se pode ignorar que elas sofrem igualmente da adoção de uma concepção pobre da qualificação do trabalho, na medida em que supõem que a produtividade e a competitividade advirão do simples incremento quantitativo nas unidades indiferenciadas de esforço no trabalho.

Outro desafio de formar profissionais e prepará-los para o mercado de trabalho passa pelo paradoxo do discurso de valorização do conhecimento teórico e desvalorização do conhecimento prático, todavia no cotidiano não apenas a teoria dos profissionais é apreciada como também é exigida experiência profissional prática (MANFREDI, 1998).

Um ponto importante é a necessidade de foco na preparação de profissionais competentes que, além do conhecimento teórico e da experiência prática, sejam comprometidos com o bem-estar coletivo e se portem de maneira responsável com a aquisição decorrente do título profissional.

É importante ressaltar que o percurso profissional passa por categorias de objetivos cognitivos bem específicos, como o *conhecimento* composto por informações específicas, terminologias, classificações e categorias presentes no conteúdo da profissão, mas ele por si só não é suficiente, já que ele apenas torna o graduado em alguém capaz de falar, escrever e dissertar sobre o que lhe foi ensinado.

Outra categoria de objetivos cognitivos é a *compreensão* que requer do graduado uma elaboração do material e de informações originais. Isso implica em saber manusear o conteúdo e representá-lo de outras formas, mas não significa que haja condições de elaborar algo mais complexo. Nesse sentido, o percurso profissional também envolve a categoria de objetivos cognitivos da *aplicação*, uma vez que esta se refere à capacidade de aplicar o conteúdo de forma correta em situações novas e específicas (ABBAD, BORGES-ANDRADE, 2014).

O êxito entre a compreensão e a aplicação é possível através do estágio, que pode ser considerado um meio que promove aprendizado associando o conhecimento adquirido e compreendido à aplicação prática. Em outras palavras, estagiar é contar com uma ferramenta de aprendizado e vivência na qual o estudante tem a oportunidade de experimentar previamente a atuação pós formação.

Segundo Chalegre (2013, p.19),

o estágio pode ser interpretado como um espaço de treinamento, onde o sujeito tem o direito de errar e estará sendo resguardado pelo seu supervisor. É nesse momento que ele deve descobrir sua forma particular de atuar no seu ambiente de trabalho e traçar seu perfil profissional. O estagiário pode e deve errar, e mais ainda, questionar e perguntar sobre tudo que for atividade destinada a ele. Deve ser ativo em sua formação, buscando aprender tudo que lhe for possível.

O estágio é uma forma de integrar o estudante ao mundo do trabalho criando um senso de responsabilidade e moldando valores profissionais. O estagiário pode tomar decisões com base no aprendizado profissional e obter um grau de autonomia cada vez maior até que esteja apto para exercer sua função enquanto profissional formado (CHALEGRE, 2013).

Assim, depois de formado, o psicólogo exerce suas funções trabalhando de acordo com o que aprendeu ao longo do curso, incluindo teoria e prática. O trabalho enquanto atividade pode ser caracterizado como uma experiência em que conhecimentos e habilidades são aplicadas dentro de determinadas condições econômicas, sociais e culturais (ZANELLI, BORGES-ANDRADE, BASTOS, 2014). Logo, é uma prática que transforma a realidade podendo formar uma ponte entre a necessidade de sobreviver e a realização das pessoas.

A compreensão das relações sociais e dos processos subjetivos e objetivos dos meios de produção passa pelo trabalho, que pode ser visto como uma rede de relações complexas que conecta as pessoas à sociedade, na qual um transforma o outro.

Nessa relação, a atividade de trabalhar se constitui de maneira ambígua e variada, já que para alguns é associada ao sofrimento e subsistência, enquanto para outros ao prazer e realização, o que constitui uma variedade de sentidos e significados.

Apesar das várias faces do mesmo objeto, Jahoda (1987) diferencia trabalho de emprego incluindo este como uma forma específica de trabalho que pressupõe remunerações e relações de contrato jurídico. Portanto, esses são termos sinônimos.

Um processo biológico básico relacionado ao trabalho é a motivação. Ela pode ser definida como uma ação focada em determinados objetivos a partir de um conjunto de necessidades, emoções, valores, metas e expectativas. A motivação possui ênfases como o estado inicial do indivíduo/ativação; o alvo/direção da ação; a variabilidade da força da ação/intensidade; e a tentativa de compreender a motivação pela articulação da ativação, direção e intensidade (GONDIM, SILVA, 2014).

De forma ilustrativa, pode-se compreender a motivação a partir de um exemplo prático: se uma pessoa decide ficar até mais tarde no trabalho (ativação) isso pode ser desencadeado por

um desejo de ser bem vista pelo chefe e alcançar promoção (fator extrínseco), ou por um desejo de terminar uma tarefa por não ser uma pessoa de perfil procrastinadora (fator intrínseco).

Ainda nesse exemplo, essa pessoa pode ter consciência ou não do seu desejo (direção da ação), e pode estar pós-expediente por algum tipo de carência pessoal, como não ter sido promovida antes quanto outros já foram, ou pela atratividade da promoção, como maior salário (força da ação). Assim, a persistência da ação é resultado de um conjunto de fatores como necessidades, desejos, traços de personalidade e ambiente (GONDIM, SILVA, 2014).

Portanto, a motivação no trabalho é um caminho pessoal percorrido por inúmeros fatores que devem ser mapeados e ponderados a fim de compreender a persistência da ação de alguns trabalhadores.

Além disso, as emoções estão fortemente relacionadas ao trabalho uma vez que este mobiliza investimentos afetivos, desencadeia emoções nos trabalhadores, e emoções vivenciadas fora do ambiente de trabalho influenciam-no e vice-versa. Além disso, o próprio trabalho constitui um objeto depositário de emoções e afetos que dão diversos significados a essa atividade (GODIM, SIQUEIRA, 2014).

De forma geral, sabe-se que todo indivíduo estabelece vínculos com pessoas, lugares e objetos sociais. Os vínculos com o trabalho tendem a se considerar a partir do viés de satisfação e envolvimento no trabalho (SIQUEIRA, MARTINS, 2013; SIQUEIRA, JÚNIOR, 2014).

A satisfação no trabalho gera resultados na produtividade, desempenho, assiduidade e rotatividade das funções. Sendo assim, é uma variável afetiva que afeta diretamente a relação do trabalhador à atividade desempenhada e seu bem-estar. A frase atribuída a Mário Testino exemplifica a importância do prazer: “trabalhe com aquilo que você ama, porque não se pode esperar cinco dias para aproveitar apenas dois no fim de semana”.

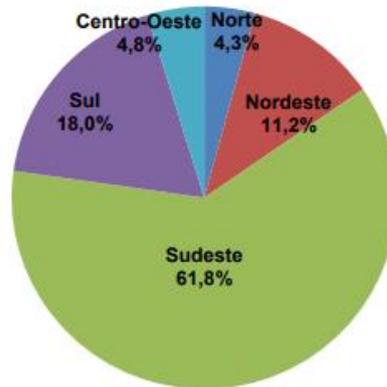
Outra variável relacionada ao vínculo no trabalho é o envolvimento, que possui influência de fatores da personalidade do trabalhador, dos cargos de chefia e figuras de liderança, dos colegas de trabalho, do ambiente e das características do cargo ou função exercida. Trabalhadores mais envolvidos tendem a se esforçar mais, faltar menos, serem mais comprometidos e satisfeitos (SIQUEIRA, JÚNIOR, 2014). A aposta é que a escolha pela profissão de psicólogo, uma vez que poderiam ser escolhidas outras, envolva uma atuação mais gratificante e bem-sucedida no mercado de trabalho.

A verificação de como os psicólogos se encontram no mercado de trabalho ocorreu segundo o levantamento relativo ao ano de 2016 acerca das informações sobre a inserção dos psicólogos no mercado de trabalho brasileiro decorrente do contrato entre o Conselho Federal

de Psicologia (CFP) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

Os dados mostram que o maior número de profissionais da categoria é do sexo feminino (90,0%), sendo aproximadamente 132 mil mulheres em todo Brasil. No que se refere à distribuição dos psicólogos por região do país, a maioria dos psicólogos (61,8%) são da região Sudeste, enquanto 18,0% são da região Sul e 11,2%, do Nordeste. Nas regiões Centro-Oeste e Norte situam-se, respectivamente, 4,8% e 4,3% dos psicólogos (Figura 1).

Figura 1 – Distribuição dos psicólogos brasileiros por região do Brasil



Fonte: IBGE, Pnad. Elaboração: DIEESE/CFP

O relatório também aponta a classificação segundo cor/etnia: 16,5% dos psicólogos são negros, o que corresponde a 24.162 pessoas. Os não negros são 83,5%, totalizando 122.559 mil pessoas.

Os dados que mostram a situação dos psicólogos segundo grau máximo de escolaridade apontam que 90,5% possuem apenas o Ensino Superior completo, enquanto 5,1% possuem Mestrado/Doutorado incompleto e 4,4% possuem Mestrado/Doutorado completo.

Já as condições econômicas dos psicólogos no ano em que o relatório foi feito corresponde a uma média de rendimento domiciliar de R\$ 10.795 por mês. Sendo esse o salário per capita correspondente ao valor médio de R\$ 4.055 mensalmente.

Dados referentes à situação do imóvel em que residem mostram que 69,7% possuem imóvel próprio já quitado, 7,0% ainda estão pagando o imóvel e 21,1% moram de aluguel. Quanto à posse de bens e acesso aos serviços, 97,5% dos psicólogos possuem microcomputador, sendo que 96,5% afirmam dispor de acesso à internet no domicílio. Além disso, 89,6% possuem carro ou moto e 75,9% possuem TV por assinatura.

Os dados relativos à situação de trabalho mostram que 42,0% são autônomos, e dos quase 147 mil psicólogos que atuam no Brasil, 83,6%, ou aproximadamente 123 mil, têm apenas um trabalho. No entanto, cerca de 20 mil deles, o que corresponde a 13,9% têm um trabalho adicional (Tabela 1).

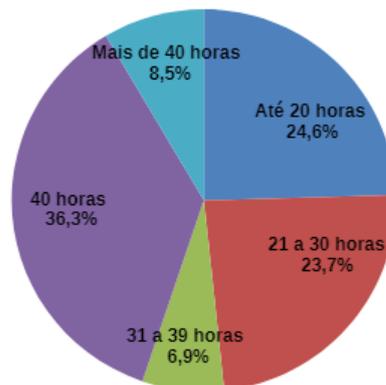
Tabela 1 - Relação de psicólogos brasileiros e número de trabalhos

Número de trabalhos	Psicólogos	
	Em número	Em porcentagem
Um	122.679	83,6%
Dois	20.410	13,9%
Três ou mais	(1)	(1)
Total	146.721	100%

Fonte: IBGE. Pnad. Elaboração: DIEESE/CFP. Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria.

A área de atuação majoritária desses psicólogos é Educação, Saúde e Serviços Sociais (74,8%) somando quase 110 mil psicólogos e, em seguida, Administração pública (18,0%) com mais de 26 mil profissionais. Sobre a carga horária média, 36,3% trabalha 40 horas totalizando 53.239 psicólogos. O segundo maior grupo corresponde a 24,6%, sendo 36.023 psicólogos e o terceiro grupo, 34.839, sendo 23,7% (Figura 2).

Figura 2 - Relação de psicólogos brasileiros e carga horária



Fonte: IBGE. Pnad. Elaboração: DIEESE/CFP

Os psicólogos negros em situação de trabalho recebem, em média, menos que os não negros. Um psicólogo negro, em média, recebe R\$ 2.921 enquanto um não negro recebe R\$ 3.514, conforme demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2 - Rendimento médio total e por hora dos psicólogos brasileiros por raça/cor

Raça/Cor	Psicólogos	
	Total em dinheiro	Total por hora em dinheiro
Negros	R\$2921,00	R\$22,61
Não negros	R\$3514,00	R\$30,06

Fonte: IBGE. Pnad. Elaboração: DIEESE/CFP

Como se pode notar, os dados referentes à vida profissional e mercado de trabalho dos psicólogos apresentam campos e áreas de atuação bem definidos que refletem os melhores salários e as melhores condições de trabalho em seguimentos específicos.

2.2 Pensamento social

O marco de surgimento da psicologia enquanto ciência se deu na Alemanha, século XIX, com a criação do laboratório de Wundt, fundado em 1879 (SCHULTZ; SCHULTZ, 1992; ARAÚJO, 2013). Antes disso, no século XVIII, a psicologia era considerada pré-científica, filosófica e muitas vezes especulativa. Essas nomeações são decorrentes da associação com outras áreas, como a filosofia e religião, e também da escassez experimental, quantitativa e de independência da disciplina (VIDAL, 2013).

A psicologia enquanto ciência surgiu controlada e padronizada, além de apoiada tanto no racionalismo alemão quanto no positivismo (SCHULTZ; SCHULTZ, 1992). Assim, para Wundt o ser humano era um objeto passível de experimentos para descobrir suas leis implícitas, da mesma forma que se fazia com a natureza na época (GUARESCHI, 2007).

A experimentação abriu as portas para outros modelos psicológicos e, então, surgiram as escolas do estruturalismo e funcionalismo. Ao mesmo tempo em que se desenvolvia a psicologia na Alemanha, outras vertentes psicológicas surgiram: o comportamentalismo nos EUA e a psicanálise na Áustria. Como se não fossem suficientes esses grandes marcos da história da psicologia, eles foram se misturando, articulando e se subdividindo dando origem às abordagens derivadas de cada vertente.

Um exemplo disso é que enquanto o cognitivismo apresenta foco no pensamento, linguagem, atitudes, emoções e motivações; o comportamentalismo objetiva o controle e a modificação do comportamento; e a psicanálise se apresenta radicalmente subjetiva e interpretativa.

Sendo assim, o pensamento psicológico se inicia de forma separada, com um marco antagônico e que nada tem em comum, na medida em que cada uma dessas vertentes nega pressupostos das outras. Além disso, não há consenso de objeto de investigação ou quanto ao método e forma de abordá-lo (SPINK, SPINK, 2013).

A psicologia se inicia de forma disseminada e se constitui como uma forma de dispersão do saber, pois como ilustra Luís Alfredo Garcia Roza (1977), a inexistência de consensos

quanto ao objeto, método e pressupostos teóricos faz dela uma disciplina plural desde seu nascimento.

Contudo, apesar das discrepâncias, essas vertentes da psicologia se constituem estritamente psicológicas. Foi a Segunda Guerra Mundial que impactou a disciplina e trouxe a dimensão social de forma enfática, dando origem aos novos paradigmas, já que

no período de antes e durante a Segunda Guerra Mundial e logo depois dela, a psicologia deveria direcionar-se para os processos inerentes às coletividades humanas, grandes e pequenas. Deveria procurar pensá-las e conceituá-las a fim de administrar indivíduos e organizações. Nesse sentido ampliado, então, a psicologia se transformaria em uma verdadeira ciência social. (ROSE, 2008, p. 159)

Apesar desse olhar para o coletivo, a psicologia social herdou da psicologia a experimentação iniciada com Wundt. Por isso, nesse momento, a psicologia, para Farr (1998), tinha seu nome ‘psicologia social’, mas era, na verdade, uma ciência tão experimental quanto a que surgira na Alemanha.

Sob a influência do individualismo cartesiano a psicologia reduzia o social ao indivíduo (GUARESCHI, 2007) e tratava o coletivo, muitas vezes, como algo irracional e sem tanta importância. Foi assim que surgiram os trabalhos de Gustave Le Bon e Gabriel Tarde, por exemplo, falando sobre o funcionamento das massas, do público e da multidão como algo perigoso e de natureza primitiva.

Por conta disso coube à psicologia social olhar para o coletivo, muitas vezes, como uma soma de indivíduos ou com certa rejeição, como se não fosse relevante investigar. Na propagação da psicologia, nascida na Alemanha para os Estados Unidos, esse viés individual se manteve, porém ao voltar para a Europa a psicologia social tomou um novo rumo, um olhar que se apropriava mais do social (GUARESCHI, 2007).

Foi assim que surgiu a psicologia social fundada a partir das ciências sociais da Alemanha, com Weber e Marx; e da França, com Durkheim, Mauss, Lévy-Bruhl e Halbwachs. Essa psicologia social se apropria de conceitos desprezados das ciências sociais, como senso comum, tido como uma forma de conhecimento opinativo e distorcido pela realidade; e o conceito de memória, visto como uma falsificação da realidade.

Esse novo rumo da psicologia social traz a noção de que o social não é um somatório de pessoas e tem uma dinâmica própria. Ela rompe com o paradigma parte/todo, ou seja, indivíduo/social, e produz uma dinâmica de investigação que não se reduz ao indivíduo. Nesse sentido ela se enquadra no monismo epistemológico (MARTINELLI; RODRIGUES; MUCHAIL, 1995), uma vez que não há diferenciação entre indivíduo e sociedade, e seu conhecimento humano se dá através da unidade de ambos. A partir disso, se não há diferença

entre indivíduo e sociedade, também não é possível identificar distintamente tanto o indivíduo quanto a sociedade de forma isolada no acontecimento psicossocial.

Não obstante, esse novo modelo de fazer ciência muitas vezes é considerado de menos valor por ser mais subjetivo se comparado às correntes objetivas (CAMARGO JR, 2007). Contudo, a riqueza dessa investigação psicossocial está em pensar numa psicologia social dentro de uma perspectiva relacional e temporal e, baseada, sobretudo, na tríade alter/ego/objeto.

Trata-se, então, de um novo enfoque, um olhar para os fenômenos que não separa o sujeito do objeto e, mais ainda, não o separa do outro. O social é entendido como uma relação complexa que não pode ser entendida sem os outros, o que difere da análise clássica da psicologia até então que individualizava o social (FARR, 1998).

Sob essa perspectiva, as dinâmicas, relacionamentos, compartilhamentos sociais e eventos psicológicos como afetos, percepções, crenças, juízos e atitudes são fenômenos psicossociais, ou seja, não se reduzem ao indivíduo ou ao social, mas existem em ambos. Nesse sentido, não se faz pertinente saber o que é próprio do indivíduo ou próprio do social, pois a investigação é psicossocial.

Há uma duplicidade sistêmica, pois os conceitos são os próprios objetos de investigação e isso rompe com as microteorias da psicologia, pois o desenvolvimento teórico da disciplina se dá em direção ao acontecimento social a partir das macro teorias de atribuição de sentidos.

Contudo, muitas dessas macro teorias são abertas e inconclusas além de não possuírem validade experimental, o que se justifica pela escolha desse campo epistêmico, dada a complexidade dos fenômenos psicossociais. Essas são as características da psicologia social mais sociológica, que abarca uma visão sistêmica, faz estudos e investigações em campo, trabalha com variações estatísticas não paramétricas e é distinta do método experimental pela impossibilidade de interferência no campo para estabelecer o grupo controle.

O que Durkheim (1989) defende é que há um grau de arbitrariedade no empirismo e que não há empirismo puro, ou seja, o objeto é iluminado por um conceito e isso já é uma forma de mediação, uma vez que não é possível se apropriar de um objeto sem um conceito.

Nessa relação empirista em que a verdade está no objeto e é preciso identificá-la, as condições do objeto são efêmeras, sendo, portanto, circunstanciais. Como na visão mobilista de Heráclito (MARCONDES, 1997), o que ocorre é que o objeto está em constante movimento e nunca retorna ao ponto principal.

Para este problema em relação ao objeto, a saída foi tirar o objeto do movimento e reapresentá-lo, ou seja, torná-lo presente de novo em outro lugar. Foram os gregos que passaram

essa construção do movimento para a essência, uma categoria aristotélica criada com a finalidade de paralisar o objeto que está em constante movimento (MARCONDES, 1997; BARNES, 2001).

Assim, o conceito a partir da essência passa a ser sobre a natureza da realidade a ser conhecida (MARCONDES, 1997). A partir disso há um deslocamento do sujeito que conhece o objeto para o sujeito que pensa e esse sujeito do conhecimento é duplo, pois nele existem dois seres: o social e o individual.

Durkheim (1989), que marcou o desenvolvimento da sociologia enquanto ciência, estabelece que não é possível reduzir as representações coletivas à representação individual, e não se pode deduzir a partir do individual o coletivo. Existe uma concepção hierárquica das representações na qual o individual é o efêmero, circunstancial, e na medida em que participa da sociedade ele ultrapassa a si mesmo, tanto em seus pensamentos, quanto em suas ações, ou seja, o indivíduo continua pensando como indivíduo, mas o que ele pensa é limitado pela conformidade moral e lógica do social.

O senso comum, conhecido por ser o saber que vem da experiência, sempre existiu e antecede até mesmo a ciência (MARCONDES, 1997). Apesar disso, o conhecimento do senso comum tende a ser visto como uma fonte de saber errônea, falha e imprecisa, e seus detentores muitas vezes são tidos como iletrados, enquanto a ciência ocupa um lugar de elegante destaque, ditando muitas vezes até mesmo a forma de viver das pessoas.

Dessa forma, as grandes descobertas da ciência são seguidas e incorporadas na sociedade em várias áreas, como medicamentos, alimentos e tecnologia, enquanto o senso comum, ou seja, aquele que provem das vivências, tende a ocupar uma posição muitas vezes tida como inferior.

Na verdade, essa forma de pensar que não é vista como científica possui uma organização comparável a uma arquitetura. Em outras palavras, o pensamento social (ROUQUETTE, 1973), contém uma lógica própria e informal, mas que não faz dele desorganizado, incorreto ou incoerente.

O pensamento social é regido por dois princípios ilustrados por Rouquette (1996): o primeiro princípio é que as formas de pensamento social podem ir da estabilidade extrema à instabilidade total; e o segundo é que a arquitetura desse pensamento social vai do mais específico ao mais geral.

Portanto, se o pensamento científico é sistemático e obedece a regras, também o pensamento do senso comum possui sua organização e lógica de funcionamento (ROUQUETTE, 2009). A arquitetura do pensamento social abarca a seguinte ordem: ideologia

formando as representações sociais, que, por sua vez, geram as atitudes e opiniões (WOLTER, 2008). Cabe ressaltar que paralelamente às representações sociais pode-se inserir os estereótipos e a identidade social.

A ordem hierárquica é feita a partir do cruzamento do grau de estabilidade e do nível de integração de cada forma de pensamento social e, por isso, a noção de ideologia abarca o topo da hierarquia, já que é mais integrada e mais estável, enquanto a opinião está no final da hierarquia, pois é mais instável e menos integrada (FLAMENT, ROUQUETTE, 2003; WOLTER, 2008).

A ideologia ocupa o nível superior da hierarquia porque contribui para moldar a construção social que as pessoas têm do mundo, constituindo uma forma de pensamento social mais geral e estável, sendo, portanto, superior às representações sociais, atitudes e opiniões (FLAMENT, ROUQUETTE, 2003; WOLTER, 2008).

Vale ponderar que quando se fala em ideologia dentro da arquitetura do pensamento social, não se trata apenas de um ou outro tipo ideário específico, como a religião cristã ou opção política marxista, mas sim de um diretório gerador utilizado em todas essas construções sociocognitivas (FLAMENT, ROUQUETTE, 2003).

A ideologia pode significar cosmovisão ou visão de mundo, ou seja, uma óptica subjetiva de interpretar e interagir com o mundo. A ideologia é a lente pela qual percebemos a realidade. Trata-se de uma instância integrativa das diversas manifestações do pensamento social, já que, além de sua estabilidade, possui longa duração.

Além disso, a ideologia é composta por valores, normas e crenças (FLAMENT, ROUQUETTE, 2003), como ilustra Dumont (1977) que a define como “conjunto de ideias e valores comuns a uma sociedade” (p. 19), e, mais especificamente, “um conjunto de representações sociais” (p. 29).

O campo de estudo das representações sociais foi inaugurado por Serge Moscovici (1978) a partir de sua tese de doutorado publicada em 1961 que visava saber como a psicanálise era percebida na sociedade francesa. Este campo de estudo possui as abordagens societal, processual e estrutural (SÁ, 2013).

A variedade de abordagens permite que haja várias formas de investigação, inclusive quantitativos, qualitativos ou quali-quantitativos. Isso ocorre porque o conceito das representações sociais é amplo e bastante plural, sendo definido por Jodelet (1989/2001, p. 22) como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Jean-Claude Abric (2000, p. 28), precursor da teoria do núcleo central, abordagem estrutural das representações, a define como “um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social [...] ela determina seus comportamentos e suas práticas”.

Para ele, as representações possuem uma organização interna composta por um núcleo central e uma periferia. Trata-se de dois sistemas diferentes entre si com funções distintas, todavia complementares: enquanto o núcleo determina a natureza do objeto, é resistente às mudanças e define a homogeneidade do grupo; a periferia protege o núcleo, abarca conteúdos heterogêneos e aceita contradições (ABRIC, 2000).

Nessa organização o núcleo central situa a diferença entre as representações e, apesar de possuir os mesmos elementos, uma determinada representação do objeto pode ser distinta da outra por conta da relação diferente do seu conteúdo (ABRIC, 2003).

Abric (2003) ressalta que os elementos do núcleo central são poucos e divididos em dois tipos: elementos normativos, inexoravelmente ligados aos valores dos indivíduos do grupo; e funcionais, ligados à prática e descrição do objeto da representação. Ambos os elementos são fundamentais na ação que se tem referente ao objeto, visão de fornecer conhecimento para saber lidar com ele.

Portanto, as representações são formadas por determinado conjunto social com a finalidade de fornecer às pessoas visão e compreensão do mundo para saber se comportar e se posicionar diante dele. Assim, elas orientam as atitudes e comportamentos (MOSCOVICI, 1978) e direcionam e auxiliam nos processos referentes a tomada de posição (JODELET, 2001). Elas constituem o saber ingênuo, sua forma de conhecer o mundo. Não se trata de uma simples reprodução da realidade, mas de uma construção social (ABRIC, 2000) cuja proposição teórica é a transformação do não familiar em familiar.

Assim, essa forma de conhecimento é formada por cognições acerca do objeto representado que possuem três origens: experiências, observações e crenças elaboradas. São essas bases que, segundo Flament (1987), constituem o conteúdo da representação. Esses conjuntos de crenças são divididos por Moliner (1996) em três grupos: estereótipos, categorias/protótipos e scripts.

Sob o ponto de vista da cognição social, esses conceitos fazem parte do processo de formação do pensamento sobre os outros e sobre si, podendo considerar esses conteúdos (estereótipos, categorias/protótipos e scripts) fontes das representações sociais (MENDONÇA, 2018).

2.1.1 Estereótipo

A noção de estereótipo foi introduzida por Lippman (1980) e descrita como imagens em nossas cabeças e como categorias que os seres humanos utilizam para simplificar e descrever as pessoas; e Allport (1954) afirmou que estereótipos são processos perfeitamente normais e necessários.

A própria palavra “estereótipo” provém da união de duas palavras gregas, *stereos* e *typos*, que significam, respectivamente, “rígido” e “traço”. Assim, os estereótipos são definidos como “uma crença sobre atributos típicos de um grupo (PEREIRA et al, 2003, p. 1)”.

“Os estereótipos são esquemas cognitivos de abordagem da realidade que se manifestam na língua e que têm sempre por trás uma avaliação emotiva e preconceituosa da realidade” (SOUZA, 2003, p. 115). Nesse sentido, essa avaliação preconceituosa da realidade refere-se a uma pré-avaliação do real e não ao conceito negativo de preconceito compartilhado pelo senso comum. Assim, os estereótipos funcionam reduzindo ao máximo as características de determinado grupo e as atribuindo a possíveis integrantes deste grupo.

Além disso, podem ser definidos como um conjunto de crenças sobre características compartilhadas envolvendo pessoas ou grupos de pessoas (RODRIGUES, ASSMAR, JABLONSKI, 1999), ou seja, não pode ser considerada uma visão singular e pessoal, e, sendo assim, é necessário certo grau de compartilhamento dessa crença para ser considerado estereótipo.

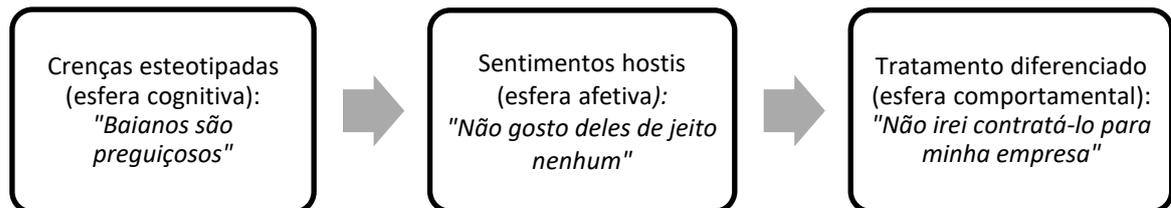
A base cognitiva do pré-julgamento, também chamado preconceito, são os estereótipos, que nada mais são do que um julgamento à priori, uma opinião preconcebida relativa a um grupo de pessoas e seus membros. Esse pré-julgamento estruturado sobre esse estereótipo pode ser tanto positivo quanto negativo (exemplo: alemães são inteligentes, os trato bem – positivo / ciganos roubam, os trato mal – negativo).

Marques e Paez (2006) ressaltam que os estereótipos não são sobre objetos, mas sim pessoas. São considerados estruturas cognitivas que contém nossos conhecimentos, nossas expectativas e determinam nossos julgamentos e avaliações acerca de grupos humanos e também seus membros. Cabe ressaltar que embora as atitudes geralmente sejam coerentes com os estereótipos, os comportamentos nem sempre serão.

A preservação das ideologias de grupo, bem como explicações e justificativas para determinadas ações sociais, provém dos estereótipos (ANTUNES, 2012), que podem estar associados à religião, ao posicionamento político, à profissão, à aparência física, ao gênero, à opção sexual, à raça, à etnia, etc.

Dentro dessa lógica o processo de discriminação refere-se à esfera comportamental, ou seja, expressões, condutas, etc. Dessa forma: crenças estereotipadas (estereótipo) geram sentimentos hostis (preconceito ou pré-julgamento) que podem resultar em tratamentos diferenciados (discriminação), podendo ser expressões verbais grosseiras, condutas agressivas, entre outros (Figura 3).

Figura 3 - Exemplo de caso envolvendo estereótipo, pré-julgamento e discriminação



Fonte: A autora, 2020.

A aparência física possui suma relevância na formação de estereótipos, já que é uma forma simples e rápida na qual visualmente é possível distinguir as pessoas (ZEBROWITZ, 1996). No entanto, o conteúdo dos estereótipos (LIMA, PEREIRA, 2004) pode variar desde características físicas (pequenos, amarelos, gordos, loiros, feios), mentais (burros, inteligentes, corajosos, disciplinados, visionários), traços de personalidade (alegres, depressivos, extrovertidos) e/ou comportamentos físicos (bandidos, ladrões, trabalhadores).

Os estereótipos, por serem socialmente compartilhados, são veiculados e mantidos em diferentes esferas sociais, como família, mídia e sociedade. Muitas vezes eles são aceitos implicitamente, pois quando nascemos eles já fazem parte do ambiente social no qual nos situamos (DOS SANTOS CAVALLEIRO, 2004; NETO, 2007).

Um aspecto relevante sobre os estereótipos é que a ausência de questionamento somada à falta de preocupação por parte de instituições sociais, como família e escola, colabora com a perpetuação do estereótipo, preconceito e discriminação em crianças (DOS SANTOS CAVALLEIRO, 2004).

A sobrevivência à complexidade do mundo a nossa volta, composto por muitas informações e eventos inesperados, se dá devido à capacidade humana de representar o ambiente de forma estável apesar de sua instabilidade e previsibilidade, de forma que possamos responder rapidamente aos acontecimentos urbanos que nos permeiam (PEREIRA, 2008). São os estereótipos que tornam esse processo possível, já que possuem algumas explicações, sendo algumas delas mais individualizantes, outras mais sociais, divididas em: intra-individuais, intergrupais e ideológicas.

A primeira explicação, intra-individual, diz respeito à teoria da categorização social. Nela, as pessoas utilizam critérios observáveis impostos (como o sexo, cor e idade), critérios observáveis não impostos (como roupa e profissão) e critérios não observáveis diretamente (como a religião, pertença a determinado grupo, etc.) para classificar o conjunto dessas características em categorias, e, por sua vez, incluir pessoas a essas categorias de forma que uma comparação entre grupos seja possível (TAJFEL, 1972; BRUNER, 1957).

Os autores Allport (1954) e Bruner (1957) afirmam que o estereótipo é uma consequência natural do nosso funcionamento cognitivo, já que ele reflete uma incapacidade de tratar a totalidade de informações que nos atingem, sendo, então, necessário agrupá-las.

Logo, a categorização social possui por vantagens justamente a facilidade de não precisar tratar todos os elementos presentes em uma pessoa, ou seja, ao atribuir os elementos ou características de alguém a determinada classe, pode-se tratá-la como um exemplar dessa classe. Além disso, o meio em volta fica mais fácil de compreender já que se torna mais previsível (TAJFEL, 1972; PEREIRA et al, 2003).

Dessa forma, a partir de poucas informações adquiridas de alguém é possível fazer inferências sobre sua forma de agir e sua personalidade, além de poder julgar essa pessoa e moldar o próprio comportamento a ela, ou seja, o processamento de informações se dá de forma prática e rápida, já que a realidade é apreendida a partir de pressupostos cognitivos anteriores (HILTON, VON HIPPEL, 1996; PEREIRA et al, 2003).

Já as desvantagens do processo de categorização social são as assimilações de exemplares da mesma classe, que acabam reduzidos aos critérios presentes na categoria em que foram incluídos, tornando-os homogêneos; e também a diferenciação entre exemplares de classes distintas, na qual a percepção dos exemplares tende a uma visão de diferença exacerbada entre eles.

A segunda explicação para os estereótipos, intergrupais, abarca a teoria do bode expiatório (DOLLARD et al, 1939), a teoria dos conflitos reais (SHERIF, 2010) e os processos intergrupais descritos por Tajfel (1982). Segundo a teoria do bode toda frustração leva a reações agressivas e essas reações tendem a se direcionar para a origem da frustração. Todavia, caso não seja possível, e as frustrações aumentem, elas se dirigem a um bode expiatório.

Dollard era comportamentalista e psicólogo social, baseando-se em Freud para explicar o conceito de frustração, já que afirmava que a pulsão canalizada conforme o desejo era dirigida para um bode expiatório de modo agressivo. De fato, essa teoria se apresenta como uma possível explicação para os estereótipos, já que em períodos de crise há considerável aumento de discriminação, como noticia a rádio TSF (2014) e a rádio Atlântida (2013).

Ainda nas explicações intergrupais, além da teoria do bode expiatório (DOLLARD et al, 1939) temos também a teoria dos conflitos reais de Sherif (2010), que a partir do experimento “Robbers Cave” afirma que estereótipos se desenvolvem em situações de conflito.

Em geral o que ocorre é a competição pela aquisição ou controle de recursos naturais e/ou econômicos funcionando como base para conflitos intergrupais. Assim, o mesmo que ocorre em grupos mínimos, artificiais, também ocorre em grupos sociais, uma vez que na sociedade também há competição. A partir disso, tal conflito gera uma coesão grupal e uma diferenciação intergrupar, além de uma avaliação das motivações e características dos grupos externos (SHERIF, 2010).

Outro tipo de explicação intergrupar é ilustrada por Tajfel (1982) na qual o simples fato de existirem grupos distintos já gera uma separação e alteração de percepção natural dos indivíduos criando comparações entre os grupos de pertença (endogrupos) e os demais grupos (exogrupos).

No que se refere aos processos de preconceito e discriminação, a pertença positiva a determinado grupo social ocasiona identificação e manutenção dessa pertença contribuindo para uma atitude positiva ao endogrupo, enquanto o exogrupo é visto cada vez mais de forma distinta. Quando esse processo é associado às relações de poder entre os grupos é possível constatar ideologias que sustentam e justificam atitudes negativas e depreciativas, bem como comportamentos discriminatórios (PEREIRA, TORRES, ALMEIDA, 2003).

A terceira explicação para os estereótipos, ideológica, envolve a teoria da justificação do sistema (TJS) de Jost e Banaji (1994) e a crença da justiça do mundo ou crença no mundo justo (LERNER, 1970).

Na teoria da justificação do sistema (JOST, BANAJI, 1994) o sistema social se perpetua graças aos estereótipos sociais. Ou seja, os estereótipos seriam instrumentos de perpetuação do sistema possuindo, como consequência, uma função ideológica de justificação, legitimação da situação social.

A TJS propõe que existe desigualdade entre os grupos sociais e expressa o processo de legitimação dessas diversas estratificações sociais que ocorrem em função de interesses pessoais particulares de pessoas e grupos (JOST, BANAJI, 1994).

Já na crença da justiça do mundo (LERNER, 1970) as pessoas tendem a conservar a crença de que as pessoas tem o que merecem e merecem o que tem. Esse conceito foi desenvolvido por meio de estudos voltados para compreensão do sofrimento de vítimas inocentes. Os resultados mostram a crença de que o mundo onde vivemos não é um lugar de

eventos aleatórios, operando, portanto, a lei do merecimento, justificada pela crença relação direta entre as ações das pessoas e os ocorridos que as alcançam.

Em relação ao mecanismo de funcionamento dos estereótipos, acredita-se que estes funcionem através da profecia autorrealizadora, atribuição causal e da correlação ilusória, como veremos a seguir.

O fenômeno da profecia autorrealizadora ocorre da seguinte forma: o estereótipo funciona quando sua associação a uma pessoa nos predispõe a suposição de comportamentos que sejam compatíveis com o estereótipo (LIPPMAN, 1980). Desta maneira, as percepções são seletivas, o que significa que comportamentos incompatíveis com os comportamentos do estereótipo que se tem passam despercebidos ou podem ser distorcidos para que se enquadrem; também é possível que haja suposições de ações típicas do estereótipo, mas que talvez não tenham ocorrido de fato; e, além disso, existe uma tendência a induzir a ação da pessoa alvo do estereótipo de modo que ela se comporte de acordo com o esperado, confirmando, assim, o estereótipo (MERTON, 1968).

Essa profecia autorrealizadora ou autorrealizável (MERTON, 1968) consiste na expectativa colocada sobre algo ou alguém que concorre para sua concretização, e mesmo que seja errônea ou diferente da vontade do indivíduo, pode se concretizar.

Já a atribuição causal é a busca constante de uma causa para explicar acontecimentos cotidianos (FITCH, 1970; KELLEY, 1973; WEINER, 1974). Ela acontece quando uma causa é atribuída às disposições pessoais, como capacidade própria; ou impessoais, como fatores situacionais. Essas atribuições costumam ser consistentes com as crenças e preconceitos das pessoas.

A correlação ilusória (HAMILTON, GIFFORD, 1976) também se articula com o funcionamento dos estereótipos pelo fato de acontecer quando há a impressão de que dois acontecimentos estão, de alguma forma, associados, embora na realidade não estejam. O que acontece é o efeito de dupla saliência, em que estímulos menos frequentes se sobressaem mais do conjunto dos estímulos (exemplo: minoria social); e atos contra normas sociais também chamam atenção (exemplo: infrações).

O estereótipo produz efeitos em quem o concebe, como avaliações, julgamentos e discriminação (HIRATA, 2015). Além disso, as crenças acerca do alvo do estereótipo são adaptadas e a explicação de seus comportamentos também, o que gera hostilidade, afetos negativos e até mesmo agressão.

Já no alvo estereotipado os efeitos são estigmatização sobre as emoções e autoestima, além do afeto do desempenho da pessoa quando ativado o estereótipo (FELICISSIMO, 2013).

Outro aspecto é que a identidade social (TAJFEL, 2010) do sujeito também é afetada, podendo levar a três alternativas distintas: a pessoa muda de grupo social; tenta mudar a visão que as pessoas tem do seu grupo; ou incorpora, aceita passivamente sua situação.

Assim, a consequência sobre os comportamentos e cognição do autor do estereótipo é a profecia autorrealizadora, enquanto que na vítima o que ocorre é a ameaça ao estereótipo (PEREIRA, 2004).

Em síntese, a teoria da ameaça dos estereótipos prevê que um indivíduo que pertence a um grupo de estereótipo negativo, quando submetido a alguma atividade relacionada a esse estereótipo, terá seu desempenho afetado, ou seja, seu desenvolvimento intelectual (STEELE, ARONSON, 1995; DA SILVA, PEREIRA, 2009).

Todavia, o desempenho afetado negativamente não é decorrente de falta de habilidade do sujeito, mas sim do contexto em que é submetida a tarefa (DA SILVA, PEREIRA, 2009). Assim, a teoria da ameaça dos estereótipos trouxe a mudança de ótica da visão de essência e de algo inerente ao sujeito para a visão de caráter situacional e, portanto, não relacionadas a disposições inerentes aos indivíduos.

Em termos práticos, a relevância dessa teoria está na possibilidade de alteração do foco de fatores genéticos para fatores socioeconômicos e questões ligadas às oportunidades, por exemplo.

Além disso, existem fatores relacionados à questão situacional, como ansiedade, autoconfiança, autoestima, etc. (DA SILVA, PEREIRA, 2009). Um exemplo dessa ameaça situacional abarca um experimento realizado no ambiente de cotistas e não cotistas de universidades, no qual, segundo Da Silva e Pereira (2009) a diminuição da hostilidade do contexto atrelada à valorização positiva de atributos dos cotistas reduziu as diferenças de rendimento intelectual entre cotistas e não cotistas.

2.1.2 Atitude/Pré-julgamento

No senso comum, “ter atitude” é a descrição de alguém que possui comportamento ousado, como alguém que corre atrás do que quer ou que não mede esforços para alcançar seus objetivos da vida. Entretanto, cientificamente, esse constructo é comumente utilizado na psicologia e possui outro significado.

Na psicologia social o conceito de Atitudes é antigo e amplo (TAFANI, SOUCHET, 2001), possuindo mais de cem definições ilustradas por Allport (1935). Ele é visto pela psicologia social como um mediador entre pensamentos e ações. Leyens (1979) afirma que as

atitudes possibilitam conhecer o mundo; além de possuir um caráter instrumental, ou seja, ligação com comportamento; e permitem comunicar nossos valores aos outros.

Atitudes podem ser definidas como uma forma de avaliação de algo expressa com algum grau de favor ou desfavor (EAGLY, CHAIKEN, 1993), ou como “sentimentos pró ou contra pessoas e coisas com quem entramos em contato” (RODRIGUES; ASSMAR, JABLONSKI, 1999, p. 99).

Além disso, atitudes representam um estado psíquico e nervoso de preparação à resposta que exerce influência nos resultados dos indivíduos sobre objetos e situações (ALLPORT, 1935). Mais precisamente são uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a ação coerente com as cognições e afetos relativos ao objeto (RODRIGUES; ASSMAR, JABLONSKI, 1999).

O sujeito da atitude pode ser um indivíduo, um grupo ou uma categoria social, e o objeto pode ser qualquer entidade concreta ou abstrata. Atitudes são definidas como forma de avaliação, afeto e predisposição comportamental (OLSON, ZANNA, 1993), ou seja, elas possuem três componentes: cognitivo, afetivo e comportamental (TAFANI, SOUCHET, 2001).

O componente cognitivo da atitude refere-se ao conhecimento do objeto, ou seja, são as ideias, pensamentos e crenças que se tem acerca deste. Assim sendo, para alcançar o componente afetivo da atitude é fundamental que o objeto seja representado cognitivamente (LINES, 2005; TORRES, NEIVA, 2011).

A parte afetiva da atitude é relacionada à forma como se sente diante do objeto, de forma positiva ou negativa, agradável ou desagradável. Já o componente comportamental comumente é manifestado a partir da dimensão afetiva das atitudes, contudo, embora predisponham comportamentos não necessariamente as atitudes conduzem ao comportamento predisposto (Tabela 3).

Tabela 3 - Exemplificação dos componentes da Atitude

Componente	Exemplo
Cognitivo	“Frutas são fontes de vitaminas”
Afetivo	“Eu gosto muito de frutas”
Comportamental	“Vou fazer uma salada de frutas”

Fonte: A autora, 2020.

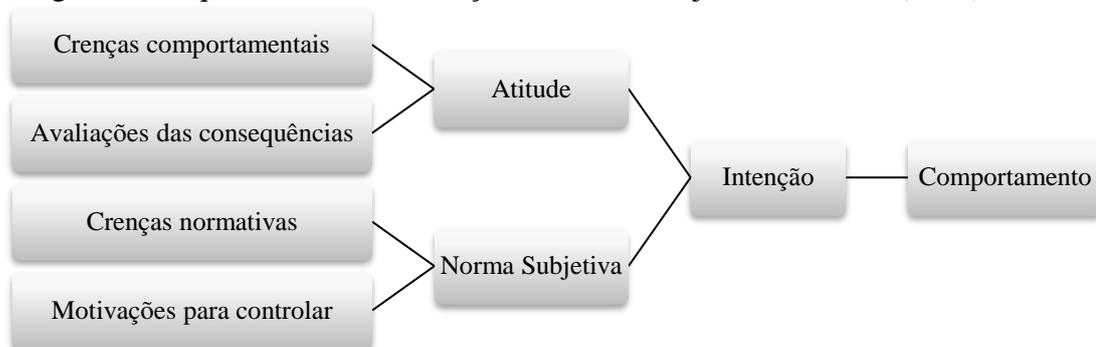
Para Katz (1960) e Smith (1947) as atitudes possuem funções que correspondem a motivações sociais básicas, que seriam duas: motivação à compreensão e motivação à pertença. Estas, respectivamente, se traduzem na avaliação do objeto com objetivo de realização de interesses pessoais e expressão de valores, pois muitas vezes as atitudes traduzem valores.

Essa motivação à compreensão refere-se à busca pelo conhecimento dos outros e do mundo, o que permite guiar comportamentos e avaliar o objeto a partir dessa percepção (exemplo: conhecimento de ataques terroristas vindos da Palestina; afeto negativo diante de palestinos e afastamento de um palestino em um transporte público). A motivação à pertença revela que atitudes carregam os valores do grupo e expressam uma pertença (exemplo: atitude negativa com relação ao aborto pode expressar pertença à determinada posição política e/ou religiosa).

A dimensão de previsão do comportamento das atitudes é descrita tanto na Teoria da ação racional – TAR de Ajzen e Fishbein (1980), quanto na Teoria do comportamento planejado – TCP de Ajzen (1988).

Na Teoria da ação racional (AJZEN, FISHBEIN, 1980) as crenças comportamentais (o que me acarreta? Quais as características dessa escolha?) e avaliações das consequências (o que eu ganho ou perco com isso?) influenciam a atitude; e paralelamente crenças normativas (o que os outros pensam?) e motivações para controlar (o que os outros pensam é importante para mim?) influenciam a norma subjetiva. Ambas, atitude e norma subjetiva, dirigem a intenção, que, por sua vez, direciona o comportamento. A partir disso é possível prever o comportamento (Figura 4).

Figura 4 - Esquema da Teoria da ação racional de Ajzen e Fishbein (1980)



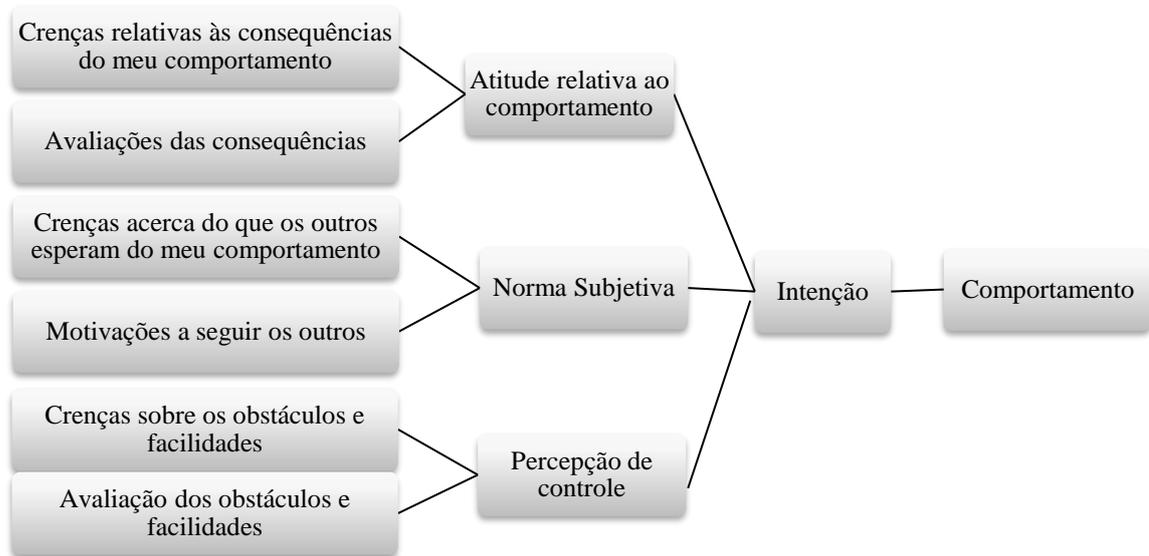
Fonte: A autora, 2020.

Deste modo, a Teoria da ação racional considera os indivíduos como seres humanos racionais que possuem poder de decisão e que diante de suas ações determinam suas escolhas ponderando a relação custo/benefício.

Na Teoria do comportamento planejado de Ajzen (1988), considerada um avanço da Teoria da ação racional, as crenças relativas às consequências do meu comportamento e a avaliação das consequências influenciam a atitude relativa ao comportamento; paralelamente as crenças acerca do que os outros esperam do meu comportamento e a motivação a seguir os outros influenciam a norma subjetiva; paralelo a essas relações, as crenças sobre os obstáculos,

as avaliações e facilidades influenciam a percepção de controle. A partir disso, tanto a atitude relativa ao comportamento, quanto a norma subjetiva e a percepção de controle exercem influência sobre a intenção, que, por sua vez, dirige o comportamento (Figura 5).

Figura 5 - Esquema da Teoria do comportamento planejado de Ajzen (1988)



Fonte: A autora, 2020.

Dentro dessa Teoria de Ajzen (1988), quanto maior for a avaliação dos obstáculos e facilidades, menor será a percepção de controle e a chance do comportamento ocorrer. Nela os indivíduos tomam decisões de acordo com informações coletadas no ambiente considerando a si mesmo, os outros e as consequências de suas ações. A TCP é útil e tem sido amplamente usada nas investigações de predição do comportamento (DE REZENDE PINTO, 2010).

As atitudes também são conhecidas como pré-julgamentos ou preconceitos e, como ilustram Pereira, Torres e Almeida (2003), existem outras teorias como: racismo moderno (MCCONAHAY, 1986), racismo simbólico (KINDER, SEARS, 1981), racismo ambivalente (KATZ, HASS, 1988) e racismo sutil (MEERTENS, PETTIGREW, 1999). Essas teorias descrevem e destacam processos discriminatórios que se manifestam de forma mais sutil e encoberta, ou seja, o processo de discriminação aparentemente diminui, mas na realidade está camuflado por outros tipos de crença que protegem a real fonte de discriminação.

2.1.3 Discriminação

O processo de discriminação é o produto final das crenças estereotipadas e do preconceito, ou seja, a discriminação é a esfera comportamental que provém da esfera afetiva do preconceito e da esfera cognitiva do estereótipo.

Embora seja comum falar de discriminação como algo ruim, ela pode ser positiva ou negativa, assim como os pré-julgamentos e estereótipos. Discriminar é tratar alguém de forma diferenciada dos demais, e muitas vezes esse processo se dá pelo grupo social ao qual a pessoa pertence, sua etnia, cor, religião ou origem. Por exemplo: em um grupo de amigos é possível que alguém discrimine positivamente outra pessoa por ser da mesma religião e lugar de origem, e discrimine negativamente outra pessoa por ser de religião e lugar de origem diferentes.

Apesar disso, a discriminação positiva não é um termo utilizado apenas para falar de tratamentos diferenciados de determinadas pessoas dos demais, mas, sobretudo, ela tem sido associada e utilizada para se referir especificamente às políticas de ações afirmativas e às cotas, que possuem por variação o nome de discriminação positiva (MOEHLECKE, 2002). Assim, o termo tem sido usado com a finalidade de se referir aos processos que visam equiparar desigualdades sociais, discriminando, dessa forma, grupos considerados em desvantagem com os demais.

Em termos jurídicos, a discriminação é uma prática que constitui crime no Brasil segundo o art. 1º da Lei nº 7.716, ano 1989, no qual: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.

A Constituição Federal de 88, a partir da Emenda Constitucional nº 91, de 2016, também apresenta, no art. 3º, item IV, que um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil é “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. E, sobretudo, a discriminação racial é considerada “crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão” (art. 5º, incisos XLI e XLII).

A proibição do preconceito e da discriminação garantida pela lei foi uma conquista de grupos minoritários que ocasionou o desenvolvimento de estratégias ideológicas para perpetuá-los não mais de forma aberta, mas sim encoberta. Dessa forma, os processos discriminatórios são assegurados com base em argumentos relacionados de defesa da justiça e igualdade universal (PEREIRA, TORRES, ALMEIDA, 2003).

Assim sendo, segundo Camino et al (2001) essa proibição assegurada pela lei faz com que as atitudes negativas das pessoas se mantenham internas, o que ocasionaria formas mais brandas de discriminação. Isso pode ser observado na falta de atribuição de traços negativos e positivos aos grupos discriminados socialmente, ou seja, “nos países ocidentais o preconceito não se expressa hoje em dia pela atribuição de traços negativos, mas pela negação de atributos positivos a um grupo-alvo” (p. 19).

Outro aspecto relevante é o papel da meritocracia e do igualitarismo como modelador nos processos de preconceito e discriminação (KATZ, HASS, 1988; PEREIRA, VALA, 2007), pois ao ativar (*priming*) valores igualitários como igualdade e justiça social a tendência é que se acentuem as atitudes a favor do negro. Por outro lado, quando são ativados (*priming*) valores meritocráticos como esforço e mérito a tendência é surgir processos de preconceito e discriminação.

Uma forma de discriminação comum é o racismo, que vem de uma construção social chamada raça (ZAMORA, 2012). Esta noção é utilizada para agregar indivíduos que compartilham determinados aspectos físicos observáveis em comum. Trata-se de uma noção amplamente aceita e que tem sua manutenção através de práticas do dia-a-dia.

A sociologia aborda raças como “discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc.” (GUIMARÃES, 2003, p. 96).

Embora tenha sido criada pela biologia e pela antropologia física, não há respaldos científicos que justifiquem e pressuponham a noção de raças, mas foi através dessa noção que tornou-se possível considerar seres humanos em subespécies, como animais, em que cada raça teria particularidades próprias (GUIMARÃES, 2003).

A partir disso, o racialismo ou racialização ganhou destaque ao considerar que existem distintas raças humanas. Cabe ressaltar que o racialismo se difere do racismo por se caracterizar como crença de que raças existem, enquanto o racismo vai além e estabelece uma relação de hierarquia entre essas raças (ZAMORA, 2012).

Para entender o histórico de discriminação no Brasil é pertinente saber o ponto de partida das relações entre os povos, que nesse caso, se deu principalmente com o início da escravidão em solo brasileiro.

Os escravos foram trazidos para o Brasil no século XVI onde permaneceram nesta condição até o século XVIII (CAMINO et al, 2001). Segundo o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), em torno de dez milhões de negros vieram para o continente americano, sendo cerca de seis milhões para o Brasil, e, mais precisamente, destes seis milhões, 60% para o Sudeste.

Como os negros não eram tratados como pessoas, mas sim como animais, não só era possível, como totalmente legal e aceitável, que fossem tratados de forma distinta dos demais. Na prática, isso significava que o intenso tráfico de negros chegava a transportar de uma só vez 400 escravos deitados nos porões dos navios e amarrados em pares. A falta de separação de negros doentes e saudáveis facilitava a proliferação de doenças e ocasionava em mortes

excessivas ao chegar no Brasil. Segundo o IPN em seis anos, de 1824 a 1830, dos 5868 escravos que chegaram no país 95,53% deles foram sepultados.

O que se chama atualmente de “cemitério dos pretos novos” é um sítio arqueológico localizado na Rua Pedro Ernesto, 36, Gamboa, Rio de Janeiro. O cemitério era uma enorme vala onde eram lançados os escravos e também restos de louças, cerâmicas, vidros e entulhos. O que corrobora, mais uma vez, o quanto esses negros não eram visto como pessoas, mais sim próximos aos animais, uma vez que não tinham qualquer tipo de cerimônia em suas mortes e se encontravam numa grande vala junto a restos de lixos.

Sendo assim, antigamente no Brasil a sociedade escravocrata era marcada por relações sociais fechadas pela cor e também pela classe, ou seja, haviam os brancos e negros / senhores e escravos. Essas ideias de raças e classes se articulavam intimamente, mas o conceito de raça ainda não havia sido apropriado pela ciência, já que a escravidão não passava de uma justificativa teológica (GUIMARÃES, 2003).

Com o passar do tempo os escravos foram sendo soltos e com o grande número de alforrias a categoria predominante de classificação deixou de ser raça e deu lugar a cor (GUIMARÃES, 2003). Contudo, a partir das teorias científicas europeias do século XIX, como as teorias evolucionistas, o negro voltou a ser visto como uma raça diferente dos brancos, só que agora com um suposto respaldo científico (DOS SANTOS CAVALLEIRO, 2004).

Apesar dessas teorias científicas serem combatidas por cientistas da biologia, sociologia e antropologia que tentaram apagar o construto após a II Guerra Mundial, ainda sim, muitas formas de pensar o negro provém da noção de raça (GUIMARÃES, 2003; CABECINHAS, 2007; ZAMORA, 2012).

De fato a criação desse construto é compreendida a partir de muitas ações que a justificariam, como a dominação que se torna possível ao considerar que algumas raças são inferiores a outras e, portanto, permite que haja desigualdade entre elas nas mais diversas instâncias, como social, político, cultural e psicológico, legitimando, dessa forma, suas diferenças sociais a partir dessas supostas diferenças biológicas (GUIMARÃES, 2002; CABECINHAS, 2007; ZAMORA, 2012).

Então, a partir da noção de raça e de racionalismo, surge o racismo, que nada mais é do que essa ideia de que existem raças diferentes e algumas são superiores enquanto outras são inferiores (GUIMARÃES, 2003; DOS SANTOS CAVALLEIRO, 2004; ZAMORA, 2012). Deste modo, processos de dominação foram legitimados e a humanidade passou a ser dividida por extratos, demandando diferentes formas de tratamento para cada uma deles. Um exemplo é a noção de Eugenia (DIWAN, 2007), que dita regras de condutas com as diferentes raças.

Relações assimétricas permeiam alguns grupos humanos e essas assimetrias podem ser marcadas pela questão racial. Como ilustra Fanon (2008) em seus estudos sobre colonização dos povos, as relações entre brancos e negros estão calcadas no racismo. Além disso, o processo de colonização não gerou apenas a subordinação material do negro, mas também deu origem a outros processos, como o complexo de inferioridade, já que a cultura do povo colonizado tende a ser sepultada e desconsiderada pelos colonizadores.

A impossibilidade de identificação com a própria cultura e com seu povo (visto como inferior e retrógrado) causa no negro distorção e perda de identidade, já que o negro tem como impostas apenas condições de existência: ser branco ou, no mínimo, semelhante a ele. Dessa forma, alguns negros procuram se elevar socialmente através de uma espécie de branqueamento (BENTO, 2002), no qual o colonizado que domina o idioma e a cultura do branco europeu colonizador tende a ser bem vista, embora nunca consiga se igualar ao branco (FANON, 2008).

O processo de colonização deixou legados aos negros e isso é indiscutível, mas o legado de privilégios dos brancos é algo quase nunca mencionado. Esses benefícios são tanto concretos quanto simbólicos e acabam perpetuados por não serem discutidos, o que permite a não indenização ou reparação do legado dos negros, já que esse legado dos brancos não é debatido. A partir disso, políticas públicas em prol dos negros são tidas como favores e não direitos da população negra (BENTO, 2002).

Bento (2002) afirma que o desejo de manter o privilégio dos brancos somado à rejeição dos negros pode culminar no processo de discriminação. Assim, é possível que os brancos neguem o preconceito e a discriminação como algo próprio e pessoal, mas ao mesmo tempo reconheçam o impacto social do racismo na vida dos negros, mas não o reconheçam em suas vidas.

A colonização do homem branco europeu sobre o negro escravo ocasiona o ideal de branqueamento, em que o indivíduo negro tende de todas as formas a se associar ao branco buscando integração e ascensão social (BENTO, 2002). Esse processo se dá desde casamentos com pessoas brancas às transformações na imagem, como os processos de alisamento de cabelos crespos e tingimento com tintas loiras (SANTOS, 2002).

Assim, o resultado desse processo de hierarquização entre colonizador e colonizado, marcado por brancos e negros, é a imposição de uma cultura vista como superior sobre uma população tida como atrasada e selvagem, ou seja, apenas a cultura do grupo dominante é reconhecida (FANON, 2008).

As representações dos negros presentes na literatura refletem bem esse processo de primazia dos brancos no que se refere a um padrão social. A literatura infantil, por exemplo,

que se caracteriza como um referencial de conduta e transmissões de valores para as crianças, sempre foi marcada pela ausência de personagens negros ou presença de negros associados ao seu passado enquanto escravos e praticamente sem voz (DE GOUVÊA, 2005).

Contudo, a figura do negro tem aparecido mais atualmente, embora com imagem estereotipada calcada na transmissão de histórias orais, servidão e geralmente associada à faixa etária dos adultos ou idosos, já que as crianças negras são tratadas na literatura de forma destituída da sua origem, ou seja, de forma branqueada, uma vez que são vistas como iguais às crianças brancas, mas com diferenciações físicas. Além disso, os termos usados para se referir aos negros são associados a sua raça e não a um nome próprio (DE GOUVÊA, 2005).

Assim, a preferência dos autores pelos brancos é claramente presente na literatura infantil que apresenta um padrão de cultura e estética focados nos brancos e, embora às vezes os negros apareçam, estão sempre remetidos ao passado e processo histórico de colonização e escravidão (DE GOUVÊA, 2005).

Cabe ressaltar que a literatura adulta também se caracteriza pela pouca frequência da figura do negro: nas últimas duas décadas foram 80% de personagens brancos em romances (DALCASTAGNÈ, 2008). Ademais, a ilustração do negro é sempre a partir da miséria e exclusão social, além de associação à criminalidade, ao animalismo e às religiões afrodescendentes; o que se justifica pelo alto número de autores brancos (93,9%) que possuem visão de mundo típica do seu grupo social. Esses resultados estereotipados dos negros não são exclusividade da literatura, acompanhando jornalismo e cinema, o que é comum já que esses meios refletem a estrutura da sociedade (DALCASTAGNÈ, 2008).

No Brasil, o racismo pode ser constatado a partir de comparações quantitativas e qualitativas acerca da desigualdade constatada entre negros e brancos. Dessa forma é possível observar que essa crença chamada racismo gera um preconceito que, por sua vez, resulta em uma discriminação (DOS SANTOS CAVALLEIRO, 2004).

O Brasil pode ser considerado um país multirracial de classes onde suas classes são abertas e é possível que os brasileiros transitem entre essas classes, ao contrário de sociedades com classes fechadas, como a Índia e sua divisão de castas, por exemplo (GUIMARÃES, 2002). Além disso,

O racismo histórico e contemporâneo, consolidado na sociedade brasileira, fica evidente quando se analisam diversos indicadores sociais (e.g., renda, educação, saneamento). Entretanto, o racismo estrutural e sutil configura o padrão nas relações raciais no Brasil, através de um sofisticado sistema de classificação racial baseado na aparência, condição socioeconômica e região de residência, assim como na convivência com padrões raciais de desigualdade de oportunidades (NUNES, CAMINO, 2011, p. 137).

Apesar disso, a discriminação não é assumida por grande parte dos brasileiros e um dos motivos da negação da discriminação racial no Brasil é justamente o argumento das classes sociais, já que os mais pobres são majoritariamente também os mais negros (GUIMARÃES, 2002). Por esse motivo, os problemas de desigualdade no país raramente são atrelados a outros motivos que não os financeiros (BAUMAN, 2013).

A distribuição da população brasileira por cor ou raça apresentada em 2010 pelo censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Economia) revela que 47,7% se autodeclaram brancos; 7,6% pretos; e 43,1% pardos. Com relação a renda, o IBGE, em 2011, apurou que famílias negras tinham uma renda média de R\$ 1.978,30, já as brancas, de R\$ 3.465,30, isto é, 75,2% a mais.

Segundo o mapa da violência de 2016, o Brasil ocupa o décimo lugar no ranking mundial por homicídios de armas de fogo. Cem países foram analisados e o Brasil obteve resultado 207 vezes maior do que países como Alemanha e Espanha; e 103 vezes maior que a França e Egito. Além disso, obteve resultado maior, inclusive, do que países que estão em situação de guerra, como Israel e Egito, por exemplo. Dessas vítimas, 94,4% são homens e 5,6% mulheres. E se comparados brancos e negros, estes últimos morrem 158,9% mais do que os brancos, ou seja, 2,6 vezes mais.

Apesar das desigualdades entre brancos e negros, sabe-se que na última década 99% dos brasileiros não se definia como preconceituoso, embora 98% também tenha afirmado que conhecia alguém preconceituoso (SCHWARCZ, 1993), ou seja, eles admitem que há preconceito no Brasil, mas não assumem isso de forma pessoal (NUNES, CAMINO, 2011).

Em 2009 a Pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar foi realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) a pedido do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). A pesquisa foi feita em 501 escolas com mais de 18 mil estudantes e revelou que o preconceito atinge 99,3% de pessoas do ambiente escolar. Dos entrevistados, 96,5% têm preconceito com relação aos portadores de necessidades especiais, 94,2% têm preconceito étnico-racial, 93,5% de gênero, 91% de geração, 87,5% socioeconômico, 87,3% com relação orientação sexual e 75,95% têm preconceito territorial (GAZETA DO POVO, 2009).

Na internet o preconceito não só está presente como tem aumentado: 86,5 mil casos de ódio aos negros e outras etnias foram contabilizados em 2014; aumento de 34,15% em relação a 2013. Em relação ao nordeste houve aumento de 365,46% expressos em 9921 casos (MATSUURA, 2016).

Em relação aos universitários da UFPB, dos 120 estudantes participantes da pesquisa de Camino et al (2001), 82% declararam que existe preconceito no Brasil, mas não se considera preconceituoso. Embora, em sua maioria, não se definam como preconceituosos, esses mesmos estudantes atribuem atividades de habilidades naturais como esportes, artes e lazer aos negros (69,0%); e atividades qualificadas e ligadas ao poder aos brancos (69,5%). Além disso, adjetivos de pessoas de terceiro mundo sugeridos na pesquisa foram relacionados aos negros, e adjetivos do primeiro mundo aos brancos.

No âmbito da psicologia social, teorias contemporâneas sobre racismo estão associadas à noção de infra humanização (LEYENS et al, 2001; LIMA, VALA, 2005). Isso se deu a partir de Allport (1927) que ressaltou o grupo como algo além de um coletivo de pessoas associadas, mas sim como indivíduos dotados de um sentimento de pertença que os faz querer se distinguir dos demais, o que ocasionaria a atribuição de uma essência aos demais grupos sociais justamente com essa finalidade de diferenciá-los.

O processo de diferenciação entre os grupos humanos é natural no curso da humanidade, mas a forma como ocorre varia de acordo com o momento histórico e a sociedade. Além disso, ele não se dá de forma neutra, já que essas semelhanças e diferenças entre os grupos tendem a ser positivas e negativas (COSTA-LOPES et al, 2008). Muitas vezes essas desigualdades são explicadas a partir da natureza, como no discurso de Aristóteles e em muitos outros no período dos séculos XVIII ao século XX (CABECINHAS, 2007).

O processo de inferiorização de outro grupo social frente ao grupo de pertença a partir de características de natureza é chamado de infra humanização, definido como um processo de “representação das diferenças entre grupos humanos que exprime um modo particular de preconceito” (COSTA-LOPES et al, 2008, p. 772).

Dentro dessa perspectiva o racismo é visto como um processo decorrente da essencialização das diferenças intergrupais visando hierarquizar a relação entre os mesmos. Esse mecanismo está fortemente associado à teoria da identidade social de Tajfel (1982) e sua tendência de favorecer o grupo de pertença enquanto o exogrupo tende a ser visto de uma forma distinta e até mesmo inferior.

2.1.4 Identidade Social

Segundo o dicionário da língua portuguesa Michaelis (2015), a palavra identidade significa “série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos

distingui-las”, ou seja, pode-se afirmar que se trata de um conjunto de características que distinguem pessoas ou coisas de forma que seja possível individualizá-las.

Assim, de uma maneira geral, alguns atributos biológicos, psicológicos, físicos e/ou sociais como sexo, idade, nome e outros permitem distinguir pessoas umas das outras. Essas mesmas variáveis identificam não apenas o indivíduo em si, mas também seus grupos sociais de pertença, já que para responder aos outros quem somos partimos de características presentes nos grupos que pertencemos.

Dessa forma, integrar um determinado grupo social é participar e compartilhar de seus valores, formas de agir e se comportar, determinando assim as características dos indivíduos a partir das condições sociais nas quais os grupos estão inseridos (TAJFEL, 1982).

A diferenciação da identidade atrelada ao indivíduo e da identidade atrelada ao grupo de pertença são chamadas, respectivamente, de identidade pessoal e identidade social (DESCHAMPS, MOLINER, 2009). A primeira é associada ao processo de diferenciação do indivíduo com os outros e a segunda ao processo de semelhança e características comuns com os outros.

A ideia de identidade atrelada aos grupos é descrita na teoria da identidade social (TAJFEL, 1978) e na teoria da categorização social (TAJFEL, 1982). Segundo a teoria, cada pessoa integra inúmeros grupos sociais cuja importância de cada grupo varia conforme o contexto e o sujeito.

Na relação indivíduo-pertença, ao mesmo tempo em que os indivíduos buscam pertencer a determinado grupo, também procuram se distinguir com características próprias dentro dele. Já na relação entre grupos, o que prevalece é a homogeneidade intragrupal e a diferenciação intergrupala (DESCHAMPS, MOLINER, 2009).

A gênese, tanto das identidades pessoais quanto sociais, se dá a partir dos processos de interação e o meio pelo qual o indivíduo adquire uma identidade social, que determina seu lugar na sociedade e se dá através da pertença aos distintos grupos sociais (DESCHAMPS, MOLINER, 2009). Del Prette e Del Prette (2008, p. 127) afirmam que “o grupo é, também, a base para a formação de sua identidade social, juntamente com as crenças e comportamentos a ela associados”.

A identidade social está ligada à forma como as pessoas buscam compreender o mundo e, para tanto, o organizam através de sistemas classificatórios: pessoas e objetos são separados a partir de características comuns e diferenças. A partir disso, a consequência desse processo é que “a sociedade é formada por diferentes grupos sociais, em que cada filiação a um grupo

específico contribui, positiva ou negativamente, para a formação da autoimagem do indivíduo” (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2008, p. 127).

Cabe ressaltar que há a constante busca por uma identidade social positiva por parte dos indivíduos, refletindo uma necessidade de imagem positiva de si, em que quanto mais forte for a identidade social, menos importante é a pessoal, e quanto mais forte for a identidade pessoal, menos importante é a social (DESCHAMPS, MOLINER, 2009). Assim, pelo simples fato de pertencer a um grupo, isso já leva a avaliar mais positivamente seu grupo comparativamente com o outro grupo.

No processo de avaliação entre os grupos há também uma tendência a perceber os membros do endogrupo como semelhantes, enquanto os membros do exogrupo são percebidos como diferentes. Essa discriminação é decorrente do processo de categorização que é um processo cognitivo que facilita a compreensão do mundo através da organização e simplificação de pessoas e objetos em grupos a partir de características comuns percebidas como iguais por seus membros/componentes (TAJFEL, 1972).

Tajfel (1972) define a categorização como um processo psicológico que tende a organizar o ambiente a partir de semelhanças em categorias tanto de objetos quanto pessoas e eventos. Quando a organização é feita utilizando objetos semelhantes em categorias é chamada apenas de categorização, já quando a organização é feita com pessoas é chamada de categorização social.

A categorização permite um recorte do ambiente e possui dois aspectos: o indutivo, que é a atribuição de um estímulo a uma classe de estímulos em que a partir de algumas características do objeto se é visto como um exemplar de uma classe mais abrangente; e o dedutivo, que ocorre quando o exemplar pertence a uma classe, então se deduz que ele tenha as características dessa classe.

Entre as consequências do processo de categorização está o fato de que elementos atribuídos a mesma categoria sejam percebidos como similares, e elementos atribuídos a categorias diferentes sejam vistos como diferentes independente de serem assim ou não. Dentro dessa perspectiva, o estereótipo também é uma consequência da categorização social.

A categorização social abarca dois processos chamados de assimilação e diferenciação. A assimilação é a tendência de perceber pessoas de uma mesma categoria como semelhantes. Ela é tão forte que quando subcategorias são agrupadas deixa-se de lado as diferenças e passa-se a perceber mais as semelhanças. Assim, os exemplares dentro de uma mesma categoria são vistos como semelhantes, mas os mesmos exemplares em categorias diferentes são vistos como diferentes (DOISE, DESCHAMPS, 1979).

Um exemplo disso são as categorias de pessoas de diferentes Estados do Brasil percebidas como diferentes entre si: ‘gaúchos’ diferentes de ‘cariocas’ que são diferentes de ‘baianos’. Todavia, quando essas três categorias são incluídas em uma maior, a categoria ‘brasileiros’, e comparados com outra grande categoria como ‘alemães’, leva esses mesmos exemplares (gaúchos, cariocas e baianos) a serem percebidos como semelhantes nessa situação (brasileiros).

O outro processo presente na categorização social é a diferenciação, no qual indivíduos que pertencem às categorias distintas tendem a serem vistos com características distintas. Ou seja, se categorizarmos indivíduos em categorias distintas, haverá uma tendência a atribuir características distintas a esses indivíduos.

Um exemplo disso são as categorias de pessoas de diferentes profissões, como médicos e engenheiros. Se uma pessoa for incluída na categoria de médico e outra na categoria de engenheiro, características distintas serão atribuídas a cada profissional.

Decorrente do processo de categorização social há o processo de comparação social em que grupos não só são percebidos como distintos, mas também avaliados de forma discriminatória em relação ao grupo de pertença (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2008; TAJFEL, 2010). Ambos os processos de categorização e comparação social estão intimamente ligados e são complementares.

Em seu estudo, Sherif (2010) aborda a comparação social e demonstra que o grupo existe na medida em que há um objetivo comum. Em Robbers Cave, ao formar grupos e promover competições, o fato de recompensar apenas um dos grupos gerou no outro grupo a criação de estereótipos e rivalidade, e o conflito só foi resolvido quando metas que precisavam da cooperação de ambos os grupos para alcançar o objetivo foram impostas. Fica claro assim que para formar a identidade é preciso que haja o outro e, mais que isso, a identidade é algo que envolve o pessoal e o social.

Contudo, embora a teoria da identidade social da Escola de Bristol, representada por Tajfel (1972), possua por princípios básicos as ideias de categorização, busca de uma pertença positiva, e comparação social; a teoria da identidade estudada por Doise Deschamps (1979) apresenta algumas diferenças como a noção de categorização como um processo ligado a estruturas sociais e não algo meramente cognitivo. Assim, a categorização tem como fonte o saber e a visão do mundo do grupo, ou seja, não está desligada do campo de estudo das representações sociais.

Assim, as operações de categorização, estereótipos e comparação social não são consideradas fora de um mundo sem significado social, elas agem em indivíduos que dispõem

de numerosas representações acerca do mundo a sua volta e estas representações mantêm uma relação de compatibilidade entre elas (DOISE, DESCHAMPS, 1979).

Para Rouquette (1996) as razões desta compatibilidade devem ser buscadas no nível ideológico. Enquanto Tajfel apresenta em sua teoria apenas a noção de pertença; Doise e Deschamps acrescentam a pertença às representações sociais e Rouquette acrescenta a essas duas à ideologia.

Segundo Deschamps e Moliner (2009) o fato de compartilhar representações levaria os indivíduos a operar de maneira idêntica e apresentar os mesmos processos identitários. Além disso, a visão que os membros de um grupo têm do seu próprio grupo e do outro grupo determinam os estereótipos, a categorização e a avaliação destes.

Outro ponto dentro dessa perspectiva é que as representações sociais funcionam como um marcador identitário (DESCHAMPS, MOLINER, 2009) em que a maneira como o grupo representa um dado objeto social, em muitos casos, é um meio de acentuar as diferenças com o exogrupo e as semelhanças com o endogrupo. Ademais, existe na categorização certa assimetria constatada por Doise e Sinclair (1973), segundo a qual as representações intergrupais permitem justificar comportamentos de um grupo em relação ao outro e permitem também uma antecipação dos comportamentos dos indivíduos de outros grupos.

2.2 Estratificação social

O conceito de estratificação social vem do campo da sociologia e pode ser definido como a classificação de pessoas em grupos por critérios socioeconômicos comuns em que as diferenças econômicas, políticas e sociais fazem dessas distinções meios para adquirir status, poder e/ou privilégios de determinados grupos em detrimento de outros (BARKER, 2003). Portanto, essa classificação de pessoas em grupos e desses grupos em hierarquias é o que chamamos de estratificação social.

Esse é um tema clássico da sociologia que visa compreender as relações de poder e dominação entre os grupos sociais, bem como o modo de divisões sociais em classes. Além disso, pode ser abordado de duas formas: através de camadas sociais avaliadas por variáveis simples como renda, bens e escolaridade; e através da dinâmica de relações e organizações sociais.

A estratificação social encontra-se desde sociedades mais simples a sistemas sociais mais sofisticados, e toda sociedade possui algum meio que permita dividir verticalmente seus

indivíduos gerando essa estratificação, seja por sexo, idade, grau de parentesco, status, prestígio, etc. (CHERKAOUI, 1995).

Todas as esferas da sociedade são estratificadas: temos diferentes rendas e diferentes fontes dessa renda, diferentes religiões, diferentes poderes de grupos e/ou pessoas, diferentes estilos de vida, etc. Enfim, em cada esfera social que há diferenciação e desigualdade, há estratificação (CHERKAOUI, 1995).

Embora esteja presente desde o Egito antigo, Babilônia e amplamente discutida por pré-socráticos, o estudo científico do conceito de estratificação é recente e comumente atribuído ao campo sociológico. A partir do viés científico da estratificação é possível elucidar algumas de suas consequências: diferenças de fecundidade e mortalidade, de tipos de socialização e de consumo (CHERKAOUI, 1995).

Essas consequências da estratificação social não ocorrem somente pelo volume de renda acumulado, da situação de prestígio ou escolaridade, já que a posição social ou o poder que se tem na sociedade depende, sobretudo, da articulação dos sentidos desses valores em determinado momento histórico. Assim sendo, são variáveis materiais e simbólicas que possuem uma relação complexa e de interdependência (NOGUEIRA, CATANI, 1998).

No Brasil, a Associação Brasileira de Pesquisadores de Mercado Opinião e Mídia (ASBPM) define as classes sociais com base em critérios de renda e grau de instrução do chefe da família, bem como em função do poder de compra e consumo, sendo estas organizadas de A à E: A, B1, B2, C1, C2, D e E. Esse modelo considera vários elementos, e não apenas os monetários, mas existem outros modelos mais complexos, como a estratificação em Bourdieu (1986), que articula e pondera outros fatores: econômicos, políticos, simbólicos, sociais, etc.

Esse sociólogo francês aborda a estratificação social elucidando os jogos de poder que se dão a partir de distinções econômicas e culturais presentes no espaço social (termo utilizado pelo autor) ou sociedade hierarquizada. Segundo o autor, em sua pesquisa intitulada “a autonomia do gosto” de 1976, os gostos e práticas dos indivíduos, ou como ele chama “agentes”, são resultado da cultura e de condições específicas de socialização cujas vantagens e desvantagens são aprendidas nos grupos sociais que pertencemos.

Esses gostos e práticas dos agentes são definidos como habitus, que é um conceito apresentado por Bourdieu para falar de padrões de conduta seguidos tendencialmente por agentes de um mesmo campo. É o habitus que define o estilo de vida dos agentes, e ele é refletido em práticas cotidianas, como alimentação, gostos musicais, esportes, etc. (WACQUANT, 2007).

Bourdieu (1983, p. 94) define habitus como

sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins dos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim.

Esse sistema, *habitus*, é o alicerce da estrutura social constituindo os julgamentos e valores que temos do mundo, sendo regido por: *ethos* (valores em estado prático que regem a moral cotidiana); *hêxis* (postura e expressão corporal adquirida) e *eidos* (apreensão intelectual da realidade).

Em sua conceituação Bourdieu ressalta que o campo possui normas particulares que influenciam tanto na ascensão quanto declínio dentro dele. Os campos podem ser acadêmicos, políticos, econômicos, etc. e possuem sua organização própria entre os capitais, todavia o campo econômico tende a se sobrepor sobre os demais.

O campo pode ser considerado um campo de forças no qual atuam agentes que mantem ou modificam sua estrutura. Ele pode ser definido como um espaço estruturado de posições onde os agentes são classificados em dominantes e dominados lutando pela manutenção e pela obtenção de certos postos.

São exemplos de campo: a moda, religião, ciência, etc. Cada campo possui normas que os agentes aderem disputando benefícios e posições específicas. Essas lutas que ocorrem dentro do campo envolvem a distribuição e posse de um ou mais capitais específicos. Esse capital é necessariamente distribuído e acumulado de forma desigual, o que sustenta as tensões.

Nesse processo os agentes dominantes de capital tendem a estabelecer estratégias de conservação do privilégio. Tanto os dominantes quanto aqueles que querem ascender no campo concordam sobre a importância do espaço e os conflitos são decorrentes, na maioria das vezes, da busca por prestígio e reconhecimento, ou seja, bens simbólicos.

Assim, para o autor os campos de força possuem forças desigualmente distribuídas o que faz com que os grupos possuam posições diferentes. Dentro dessa perspectiva a sociedade seria justamente um conjunto de campos imbricados e esse espaço social possuiria regras próprias utilizadas por grupos de poder e grupos marginalizados.

É nesse espaço social que se organizam as diferenças sociais e se articulam as posições sociais dos agentes. Nesse sentido, Bourdieu se difere de Karl Marx quando apresenta o conceito de espaço social ao invés do conceito de classes sociais propostas por Marx, uma vez que o conceito de classes emoldura os indivíduos, sobretudo no setor econômico, enquanto o espaço vital é simbólico e marcado por lutas e diferenças subjetivas e concretas (DE CÁSSIA PEREIRA LIMA, FARIA CAMPOS, 2015). Em vista disso, as desigualdades são pensadas em

Bourdieu para além dos fatores econômicos ou de renda, sendo analisadas sob a ótica de problemas que se relacionam com aspectos simbólicos e culturais, ainda que abarquem o financeiro.

Sendo assim, o autor critica o fato do conceito de classes abarcar estritamente o aspecto econômico:

Paradoxalmente, os intelectuais têm interesse no economicismo que ao reduzir todos os fenômenos sociais, e particularmente os fenômenos de troca, à sua dimensão econômica, os deixa fora da jogada. É por isso que é preciso lembrar a existência de um capital cultural e que este capital proporciona lucros diretos, primeiramente no mercado escolar, é claro, mas também em outros lugares, e também lucros de distinção estranhamente esquecidos pelos economistas marginalistas que automaticamente resultam de sua raridade, isto é, do fato de que ele é distribuído desigualmente (BOURDIEU, 1983, p. 9).

Assim, Bourdieu vai além da questão econômica e enfatiza aspectos simbólicos da classe social, como a situação no âmbito educacional, em que o sucesso ou fracasso escolar são decorrentes da bagagem que se tem ou não de uma família culta que apresente minimamente os códigos e instrumentos para a apropriação do conhecimento apresentado ao indivíduo na escola. Em outros termos, estudantes que possuem origem social superior na estratificação terão mais facilidade no processo de aprendizagem e assimilação do conteúdo por já adquirirem parte desses ensinamentos em casa.

Nesse sentido, para o autor não é suficiente que haja condições iguais de aprendizagem nas escolas, pois será cobrado de todos o que só alguns detêm na escola: famílias de origem social com amplo conhecimento para auxiliar os estudantes. Assim, o autor destaca que existem desigualdades sociais de origem e não apenas desigualdades circunstanciais, o que torna insuficiente equiparar as condições presentes oferecendo acesso democrático às escolas e exigir desempenhos semelhantes dos estudantes.

Através dessa ilustração podemos ressaltar que esse aspecto simbólico, além do econômico, abarca a estratificação em Bourdieu, que concebe a sociedade ou espaço social (termo usado pelo autor) como um sistema hierarquizado de poder e privilégio relacionado ao acúmulo de capitais: econômico; cultural; e social. Todavia, para Bourdieu não há determinismo causado pela simples soma de capital, uma vez que o espaço social é concebido enquanto um lugar de posições distintas específicas e relacionais:

A classe social não é definida por uma propriedade, nem por uma soma de propriedades, mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas (BOURDIEU, 2008, p. 101).

Dentro dessa perspectiva, a classe social envolve também uma luta simbólica marcada pelo volume e acúmulo de capitais que delineiam classes quando concebem habitus específicos por seus agentes. É estabelecido então, um campo de forças onde os que estão em posição elevada na estratificação querem cada vez mais se distinguir, e os que estão em posição não privilegiada querem ascender.

Esse campo de forças possui disputas pelo estabelecimento e legitimidade de regras sociais, e nessa disputa os capitais possuem papel fundamental de determinar quem possui vantagem na elaboração dessas regras.

Outros autores desenvolveram o estudo da estratificação social antes de Bourdieu, como os clássicos escritos de Weber e Marx. Weber identificou três componentes na estratificação social: a classe, o status e o poder. Para ele, as classes agrupam indivíduos de características similares e envolvem pessoas que possuem patrimônio ou que podem adquiri-lo através de qualificação, por exemplo. Já o status, diz respeito ao prestígio e estilo de vida, e o poder é definido pela habilidade de exercer poder sobre as outras.

Em outra perspectiva Marx reduziu a estratificação ao poder gerado pelo controle dos meios de produção econômicos. Para ele a estratificação ocorre mediante uma luta de classes em que o acesso aos recursos molda a hierarquia entre os grupos. Marx define essas relações como uma “formação social em que o processo de produção domina os homens, e ainda não o homem o processo de produção” (MARX, 1985, p. 76). Dessa forma, as mercadorias que antes eram apenas relações de troca entre consumidores e produtores agora ganham vida e definem a forma como as pessoas se relacionam entre si e com elas mesmas.

A diferença básica entre ambos, Weber e Marx, é que apesar de valorizarem os interesses e a organização política, para Marx estas não podem ser reduzidas ou compreendidas pelas relações de mercado e renda, como Weber defende.

Nesse contexto, ao elaborar sua visão acerca da estratificação social, Bourdieu selecionou conceitos-chave desses autores clássicos como a classificação econômica e social, além da questão da dominação trabalhada por Weber e a dominação e reprodução social proposta por Marx. Assim sendo, Bourdieu apresenta assim um modelo complexo de análise das sociedades que constitui uma modalidade sociologicamente mais forte que os modelos de classe anteriormente propostos por Weber e Marx, fornecendo subsídios mais completos para compreender a estratificação social.

Dito isto, a estratificação social e, sobretudo, os conceitos de capital descritos por Bourdieu servem como subsídios teóricos importantes que permitem que esses conceitos sejam relacionados a outras teorias de investigação de dimensões macro estruturais e micro estruturais exatamente como se pretende no presente trabalho.

3 ESTUDO 1 – FORMAÇÃO, CARREIRA PROFISSIONAL E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL: O PENSAMENTO SOCIAL DE PSICÓLOGOS EGRESSOS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

3.1 Objetivos

O objetivo é investigar o pensamento que os profissionais de psicologia recém-formados pela UERJ têm sobre sua carreira profissional a partir dos capitais cultural e financeiro a fim de verificar se há diferenças entre os grupos que possuem capital baixo e capital alto, já que se passou pouco mais de uma década de funcionamento das políticas de cotas na UERJ e surgiram, então, as primeiras turmas formadas após a implementação da política de cotas.

3.2 Método

3.2.1 Participantes

A presente pesquisa possui 117 participantes formados no curso de psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sendo 106 do sexo feminino (90,6%) e 11 do sexo masculino (9,4%). A idade média dos participantes é de 30,22 anos, com desvio padrão de 5,58. Cabe ressaltar que as tabelas com as descrições dos participantes estão no APÊNDICE 1 desse trabalho.

3.2.2 Instrumentos

O instrumento da pesquisa é um questionário on line (APÊNDICE 2) e a escolha dessa forma de coleta se deu pela dificuldade de acesso presencial aos egressos do curso de psicologia da UERJ, uma vez que cada um se encontra em um espaço físico diferente (tanto de endereço residencial quanto de endereço profissional), sendo o meio virtual a ferramenta mais rápida e precisa de encontro destes.

O questionário on line é composto por evocações livres de até cinco palavras do termo indutor “psicólogo”, itens da Escala de Likert e Escala de diferencial semântico acerca da área de inserção, permanência e saída do mercado de trabalho; formação e perspectiva profissional; e renda. Além disso, o questionário on line também apresenta itens de caracterização dos

sujeitos e questões abertas e fechadas que visam verificar os níveis de capital cultural e financeiro dos sujeitos (BOURDIEU, 1986).

Uma vez que os capitais representam um conjunto de características e práticas sociais que distingue as classes na sociedade e intervém nas relações de poder entre elas, a investigação desses capitais (BOURDIEU, 1986) nesta pesquisa se dá pela possibilidade de permitir ponderar se existe diferença do pensamento em função do capital cultural e financeiro, sejam altos ou baixos.

Visto que as primeiras turmas formadas que passaram pelas cotas no vestibular surgiram apenas depois de cinco anos (tempo de conclusão do curso de psicologia na UERJ) da implementação das medidas (implementadas no ano de 2003), o universo de pessoas que poderiam participar da pesquisa se restringiu às pessoas formadas a partir de 2008.

Logo, o link do questionário on line foi distribuído individualmente para 900 sujeitos formados no curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro através da rede social *Facebook*, aplicativo *Whatsapp*, e-mail e pessoalmente. Contudo, o número de resultados preenchidos corresponde a 139, sendo 117 deles utilizados na presente análise, pois nos outros questionários os sujeitos não atenderam ao critério de inclusão da pesquisa, ou seja, não eram psicólogos egressos da UERJ ou se formaram antes do ano de 2008.

Segundo a plataforma usada para distribuição do questionário on line, *JotForms*, entre os meses de março e novembro de 2018 foram 280 visualizações e um tempo médio de 16 minutos de preenchimento.

3.2.3 Análise de dados

A análise das evocações foi realizada com a análise prototípica. Esta técnica, que também é conhecida como análise das quatro casas, proporciona melhor conhecimento dos elementos presentes na estrutura da representação social. De uma forma geral, é feita uma análise das evocações dos sujeitos frente ao termo indutor sempre relacionado ao tema da pesquisa.

Calcula-se a frequência das evocações e também sua ordem média de evocações, de forma que palavras ou expressões evocadas mais prontamente e em maior número compõem o primeiro quadrante ou elementos do núcleo central; maior frequência, porém menos prontamente evocados compõem o segundo quadrante ou elementos da primeira periferia; mais prontamente evocadas, mas com menor frequência compõem o terceiro quadrante ou zona de

contraste; e evocações de menor frequência e menos prontamente evocados compõem o quarto e último quadrante ou elementos da segunda periferia (WACHELKE, WOLTER, 2011).

Além disso, foi feita a análise de similitude das evocações sobre o termo indutor “psicólogos”, uma vez que essa análise visa explicitar a relação entre os possíveis candidatos ao núcleo central da representação social (FLAMENT, 1985) . Já os itens da Escala de Likert e da Escala de diferencial semântico foram analisados a partir de estatística inferencial no software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) pelo teste t de Student enquanto as questões fechadas e os itens de caracterização dos sujeitos foram analisados a partir da estatística descritiva.

3.3 Resultados

A partir do termo indutor “psicólogos” foram feitas a análise prototípica e a análise de similitude. Os termos evocados não foram agrupados em elementos que constituíam o mesmo universo semântico sob o critério da lematização a fim de preservar ao máximo a originalidade das respostas dos participantes. O critério de separação entre as maiores e menores frequências do quadrante de análise prototípica foi a média, e o ponto de corte para a ordem média de evocação seguiu a mesma regra. Os tipos com frequências inferiores a quatro foram desconsiderados na análise.

A Figura 6 apresenta os resultados da análise prototípica sobre o termo indutor “psicólogos” para egressos do curso de psicologia da UERJ. O ponto de corte das frequências foi 9,83, já a ordem média de evocação foi de 2,68. Os possíveis candidatos ao núcleo central dessa representação social são “escuta”, “cuidado”, “saúde mental”, “mente” e “acolhimento”. Essas evocações possuem as maiores frequências e foram evocadas pelos participantes mais rapidamente. A zona de contraste apresenta, por exemplo, o termo “profissionais”.

Figura 6 - Resultados da análise prototípica do termo indutor “psicólogos” por egressos do curso de psicologia da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Elementos do Núcleo Central			Elementos da primeira periferia		
Frequência $\geq 9,83$ OME $\leq 2,68$			Frequência $\geq 9,83$ OME $> 2,68$		
Evocação	F	OME	Evocação	F	OME
Escuta	29	2,5	Terapia	28	2,8
Cuidado	26	2,2	Empatia	12	3,6
Saúde mental	23	1,8	Trabalho	10	2,7
Mente	17	2,1	Ética	10	3,8
Acolhimento	15	2,6			
Ajuda	14	2,4			
Saúde	14	2,2			
Clínica	13	2,4			
Profissão	13	2,6			
Psicanálise	10	2,5			
Elementos de Contraste			Elementos da segunda periferia		
Frequência $< 9,83$ OME $\leq 2,68$			Frequência $< 9,83$ OME $> 2,68$		
Profissionais	7	2	Psicoterapia	8	3
Profissional	6	1,8	Estudo	7	3,9
Vida	6	2,3	Consultório	7	3,7
Felicidade	5	2,4	Comportamento	6	3
Apoio	5	2,2	Atendimento	5	3,6
Palavra	5	2,6	Formação	5	4,8
Transformação	4	2,5	Atenção	5	3,2
			Amor	5	2,8
			Ajudadores	4	2,8
			Qualidade de vida	4	3,5
			Sociedade	4	3,5
			Freud	4	3,8
			Análise	4	3,5
			Paixão	4	4,2

Fonte: A autora, 2020.

A análise de similitude (Figura 7), feita a partir do software Iramuteq, mostra a relação entre as evocações do termo indutor “psicólogos” levantadas através da análise prototípica. Foram consideradas nessa análise as evocações com frequência maior que três. As evocações com círculos maiores são as que possuem maiores frequências e quanto mais grossa for a linha que une os termos, maior a conexão entre eles.

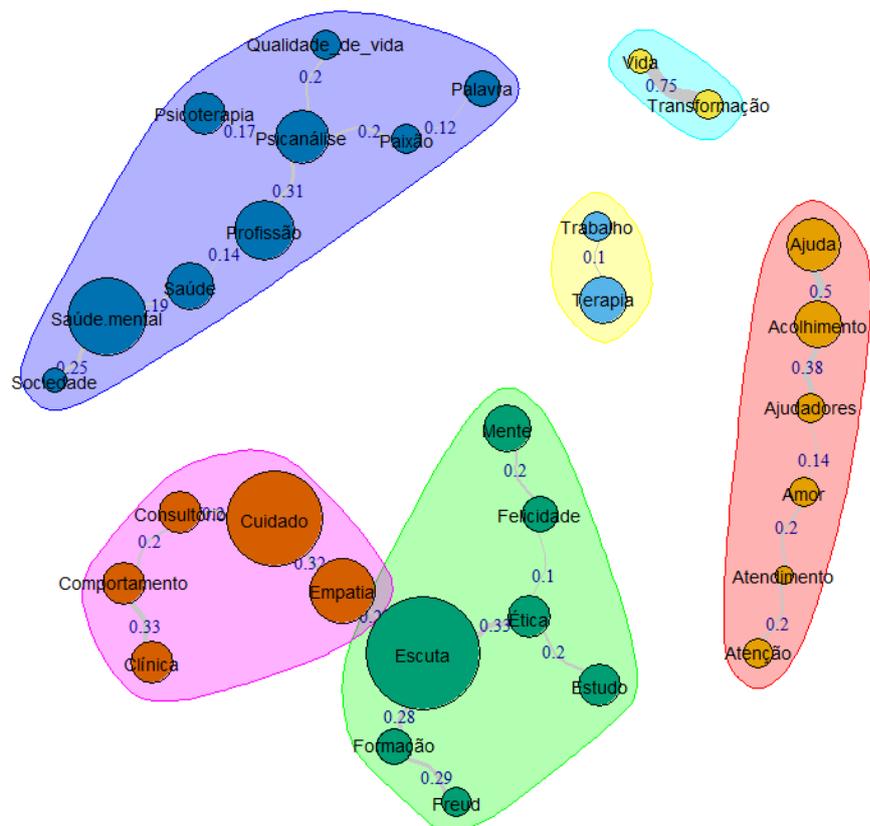
As evocações relativas ao termo indutor “psicólogos” constituem seis grupos de respostas. No grupo azul a profissão se mostra ligada à psicanálise e saúde, já a saúde mental aparece ligada à sociedade. Além da profissão, a psicanálise também se conecta com psicoterapia, qualidade de vida e paixão.

Também temos o cuidado ligado a empatia e consultório, bem como a escuta ligada à ética e formação. A ajuda aparece ligada ao acolhimento que, por sua vez se conecta com ajudadores e este com o amor.

Dutra (2004) ressalta que o exercício da prática clínica passa pelo acolhimento da demanda e da escuta. Portanto, as respostas dos participantes apresentam em maior ou menor grau “psicólogos” como algo relacionado ao perfil da área de atuação clínica. Além do mais, a psicanálise e, sobretudo, a psicanálise de Freud aparece como aporte teórico mais referenciado na prática dos psicólogos.

Outro ponto é que, de forma geral, os resultados da análise de similitude mostram a prática profissional calcada no cuidado para promover, sobretudo, a saúde mental. Nesse sentido, a escuta parece uma ferramenta nesse processo de atuação.

Figura 7 - Resultados da análise de similitude do termo indutor “psicólogos” por egressos do curso de psicologia da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.



A Tabela 4 apresenta os resultados dos itens da Escala de Likert dos egressos do curso de psicologia da UERJ sobre trabalho em função do capital cultural deles, alto ou baixo. Os itens são de cinco pontos, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente.

Pode-se notar no item 2 que as médias dos dois grupos de participantes, de capital cultural alto e baixo, se aproximam de uma atitude neutra quanto a trabalhar para sustentar a família. Ambos os grupos discordaram quanto a qualquer um poder fazer sua atividade no trabalho (item 15) e quanto à satisfação da remuneração (item 13), todavia a atividade desempenhada no trabalho tem grande significado (item 14).

Resultados significativos ($<0,05$) estão no item 5, no qual o grupo dos participantes com capital cultural alto discorda mais do que o grupo com capital cultural baixo quanto à sensação de ganhar menos do que outros profissionais da área. Resultados ainda mais significativos ($<0,01$) estão no item 10, em que o grupo dos participantes com capital cultural baixo discorda mais do que o outro grupo de capital alto quanto ao trabalho atual não condizer às expectativas da vida universitária.

Tabela 4 - Resultados relativos aos itens da Escala de Likert sobre trabalho em função do capital cultural alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente) analisados pelo teste t de Student . Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Itens de likert sobre trabalho	Capital cultural	N	Média	Sig.	Classificação da Sig.
1 - A razão que me faz trabalhar é o dinheiro	Baixo	41	3,05	0,944	n.s.
	Alto	49	3,18		
2 - Eu trabalho para sustentar minha família (esposo/a, filhos/as, etc.) ou lar.	Baixo	41	2,98	0,850	n.s.
	Alto	49	3,06		
3 - Eu trabalho para que eu seja reconhecido socialmente.	Baixo	41	3,10	0,969	n.s.
	Alto	49	3,22		
4 - Eu trabalho por obrigação.	Baixo	41	2,27	0,890	n.s.
	Alto	49	2,47		
5 - Sinto que ganho menos do que outros profissionais da minha área que estão no mercado de trabalho	Baixo	41	2,98	0,036	$<0,05$
	Alto	49	2,78		
6 - O tempo “voa” quando estou trabalhando.	Baixo	41	3,68	0,512	n.s.
	Alto	49	3,76		
7 - Quando levanto pela manhã fico triste ao saber que preciso trabalhar.	Baixo	41	1,90	0,574	n.s.
	Alto	48	2,10		
8 - Conto os dias para chegada dos dias de folga	Baixo	41	2,66	0,867	n.s.
	Alto	49	2,82		
9 - É difícil me desligar do trabalho.	Baixo	41	3,17	0,984	n.s.
	Alto	49	3,16		
10 - Meu trabalho não condiz com as expectativas de quando era universitário(a).	Baixo	41	2,83	0,006	$<0,01$
	Alto	48	3,10		
11 - Sinto que tive uma formação útil na universidade para lidar com meu trabalho.	Baixo	41	3,59	0,965	n.s.
	Alto	49	3,78		
12 - Não tenho a menor ideia do que faria caso perdesse o emprego.	Baixo	41	2,46	0,595	n.s.
	Alto	49	2,20		
13 - Sinto-me satisfeito com a remuneração do meu trabalho.	Baixo	41	2,41	0,143	n.s.
	Alto	49	2,43		
14 - A atividade que desempenho no trabalho tem grande significado para mim.	Baixo	41	4,24	0,750	n.s.
	Alto	49	4,14		
15 - Qualquer um pode fazer minha atividade de trabalho.	Baixo	41	1,80	0,101	n.s.
	Alto	49	1,90		

Fonte: A autora, 2020.

A Tabela 5 apresenta os resultados dos itens da Escala de Likert dos egressos do curso de psicologia da UERJ sobre formação e mercado de trabalho em função do capital cultural deles, alto ou baixo. Os itens são de cinco pontos, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente.

Ambos os grupos, de capital cultural alto e baixo, estão mais satisfeitos com o curso em que se formaram (item 22) do que com a universidade (item 21). Além disso, eles não se mostram muito preocupados com a carreira em relação aos colegas de profissão que se formaram com eles (item 16).

Tabela 5 - Resultados relativos aos itens da Escala de Likert sobre formação e mercado de trabalho em função do capital cultural alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Itens sobre formação no curso de psicologia e mercado de trabalho	Capital cultural	N	Média	Sig.	Classificação da Sig.
16 - Quando olho para vida profissional das pessoas que se formaram comigo fico preocupado com minha carreira.	Baixo	58	2,57	0,506	n.s.
	Alto	59	2,53		
17 - Quando olho para vida profissional das pessoas que se formaram comigo acho que estou no caminho certo.	Baixo	58	3,53	0,570	n.s.
	Alto	59	3,68		
18 - Quando olho para vida profissional das pessoas que se formaram comigo percebo que estou melhor do que eles.	Baixo	58	2,93	0,999	n.s.
	Alto	59	3,05		
19 - Sinto que estou defasado em relação aos demais profissionais do mercado de trabalho	Baixo	58	2,50	0,400	n.s.
	Alto	58	2,40		
20 - A universidade em que me formei contribuiu positivamente para minha inserção no mercado de trabalho.	Baixo	58	3,60	0,294	n.s.
	Alto	59	3,92		
21 - Estou muito satisfeito com a universidade em que me formei.	Baixo	58	3,91	0,040	<0,05
	Alto	59	4,24		
22 - Estou muito satisfeito com o curso em que me formei.	Baixo	58	4,09	0,317	n.s.
	Alto	58	4,19		

Fonte: A autora, 2020.

A Tabela 6 apresenta os resultados da escala de diferencial semântico dos egressos do curso de psicologia da UERJ sobre avaliação pessoal em comparação aos demais egressos em função do capital social deles, alto ou baixo. Os itens são de cinco pontos, sendo o primeiro adjetivo um e o segundo adjetivo cinco.

Mais uma vez, as médias são bem próximas, em ambos os grupos, de capital cultural alto e baixo, ou seja, os participantes em geral se mostram ora neutros, ora com aproximação quanto aos adjetivos positivos. Eles se sentem mais competentes (item 27), seguros (item 23), talentosos (item 24) e bem-sucedidos (item 25). O ponto que aparece mais neutro é quanto a se sentir superior aos demais (item 26).

Tabela 6 - Resultados relativos à escala de diferencial semântico sobre avaliação pessoal em relação aos demais egressos do curso de formação em função do capital cultural alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Escala de diferencial semântico sobre avaliação pessoal voltada para comparação social	Capital cultural	N	Média	Sig.	Classificação da Sig.
23 - Seguro / Inseguro	Baixo	58	3,90	0,979	n.s.
	Alto	59	3,88		
24 - Talentoso / sem talento	Baixo	58	3,98	0,809	n.s.
	Alto	58	4,05		
25 - Bem-sucedido / fracassado	Baixo	58	3,60	0,812	n.s.
	Alto	59	3,78		
26 - Superior / Inferior	Baixo	58	3,07	0,229	n.s.
	Alto	59	3,15		
27 - Competente / incompetente	Baixo	58	3,98	0,342	n.s.
	Alto	58	3,93		

Fonte: A autora, 2020.

A Tabela 7 apresenta os resultados dos itens da Escala de Likert dos egressos do curso de psicologia da UERJ sobre trabalho em função do capital financeiro deles, alto ou baixo. Os itens são de cinco pontos, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente.

Os resultados mostram médias próximas entre os grupos, assim como nos demais capitais. Tanto participantes de capital financeiro alto, quanto baixo apresentam atitudes neutras quanto ao dinheiro como principal razão para trabalhar (item 1), quanto à dificuldade de se desligar do trabalho (item 9) e quanto à trabalhar para ser reconhecido socialmente (item 3).

Ambos os grupos discordam sobre a afirmação de que qualquer um pode fazer seu trabalho (item 13) e sobre estarem satisfeitos com sua remuneração (item 15). Além disso, eles concordam que o trabalho significa muito para eles (item 14).

Tabela 7 - Resultados relativos aos itens da Escala de Likert sobre trabalho em função do capital financeiro alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Itens da Escala de Likert sobre trabalho	Capital financeiro	N	Média	Sig.	Classificação da Sig.
1 - A razão que me faz trabalhar é o dinheiro	Baixo	41	3,12	0,248	n.s.
	Alto	49	3,12		
2 - Eu trabalho para sustentar minha família (esposo/a, filhos/as, etc.) ou lar.	Baixo	41	2,88	0,445	n.s.
	Alto	49	3,14		
3 - Eu trabalho para que eu seja reconhecido socialmente.	Baixo	41	3,02	0,179	n.s.
	Alto	49	3,29		
4 - Eu trabalho por obrigação.	Baixo	41	2,34	0,576	n.s.
	Alto	49	2,41		
5 - Sinto que ganho menos do que outros profissionais da minha área que estão no mercado de trabalho	Baixo	41	3,15	0,410	n.s.
	Alto	49	2,63		
6 - O tempo “voa” quando estou trabalhando.	Baixo	41	3,95	0,107	n.s.
	Alto	49	3,53		
7 - Quando levanto pela manhã fico triste ao saber que preciso trabalhar.	Baixo	41	1,83	0,074	n.s.
	Alto	48	2,17		
8 - Conto os dias para chegada dos dias de folga	Baixo	41	2,63	0,028	<0,05
	Alto	49	2,84		

Tabela 7 - Resultados relativos aos itens da Escala de Likert sobre trabalho em função do capital financeiro alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Itens da Escala de Likert sobre trabalho	Capital financeiro	N	Média	Sig.	Classificação da Sig.
9 - É difícil me desligar do trabalho.	Baixo	41	3,17	0,007	<0,01
	Alto	49	3,16		
10 - Meu trabalho não condiz com as expectativas de quando era universitário(a).	Baixo	40	3,08	0,536	n.s.
	Alto	49	2,90		
11 - Sinto que tive uma formação útil na universidade para lidar com meu trabalho.	Baixo	41	3,93	0,018	<0,01
	Alto	49	3,49		
12 - Não tenho a menor ideia do que faria caso perdesse o emprego.	Baixo	41	2,32	0,825	n.s.
	Alto	49	2,33		
13 - Sinto-me satisfeito com a remuneração do meu trabalho.	Baixo	41	1,95	0,100	n.s.
	Alto	49	2,82		
14 - A atividade que desempenho no trabalho tem grande significado para mim.	Baixo	41	4,32	0,483	n.s.
	Alto	49	4,08		
15 - Qualquer um pode fazer minha atividade de trabalho.	Baixo	41	1,83	0,971	n.s.
	Alto	49	1,88		

Fonte: A autora, 2020.

A Tabela 8 apresenta os resultados dos itens da Escala de Likert dos egressos do curso de psicologia da UERJ sobre formação e mercado de trabalho em função do capital financeiro deles, alto ou baixo. Os itens são de cinco pontos, sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente. Os participantes se mostram muito satisfeitos com o curso e universidade de formação, como é possível ver nos itens 21 e 22. Além disso, eles concordam que a universidade contribuiu para a inserção no mercado de trabalho (item 20).

Tabela 8 - Resultados relativos aos itens da Escala de Likert sobre formação e mercado de trabalho em função do capital financeiro alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Itens sobre formação em psicologia e mercado de trabalho	Capital financeiro	N	Média	Sig.	Classificação da Sig.
16 - Quando olho para vida profissional das pessoas que se formaram comigo fico preocupado com minha carreira.	Baixo	66	2,98	0,125	n.s.
	Alto	51	1,98		
17 - Quando olho para vida profissional das pessoas que se formaram comigo acho que estou no caminho certo.	Baixo	66	3,30	0,537	n.s.
	Alto	51	4,00		
18 - Quando olho para vida profissional das pessoas que se formaram comigo percebo que estou melhor do que eles.	Baixo	66	2,68	0,603	n.s.
	Alto	51	3,39		
19 - Sinto que estou defasado em relação aos demais profissionais do mercado de trabalho	Baixo	66	2,71	0,029	<0,05
	Alto	50	2,10		
20 - A universidade em que me formei contribuiu positivamente para minha inserção no mercado de trabalho.	Baixo	66	3,62	0,299	n.s.
	Alto	51	3,94		
21 - Estou muito satisfeito com a universidade em que me formei.	Baixo	66	4,00	0,340	<0,05
	Alto	51	4,18		
22 - Estou muito satisfeito com o curso em que me formei.	Baixo	66	4,11	0,891	n.s.
	Alto	50	4,18		

Fonte: A autora, 2020.

A Tabela 9 apresenta os resultados da escala de diferencial semântico dos egressos do curso de psicologia da UERJ sobre avaliação pessoal em relação aos demais egressos em função do capital financeiro deles, alto ou baixo. Os itens são de cinco pontos, sendo o primeiro adjetivo um e o segundo adjetivo cinco.

O capital financeiro alto ou baixo, mais uma vez, parece não influenciar em grandes diferenças nas médias de respostas. Assim como nas tabelas referentes ao capital cultural, os participantes em geral se mostram ora neutros, ora com aproximação quanto aos adjetivos positivos.

Tabela 9 - Resultados relativos à escala de diferencial semântico sobre avaliação pessoal em relação aos demais egressos do curso de formação em função do capital financeiro alto ou baixo dos participantes da pesquisa (Escala de cinco pontos) analisados pelo teste t de Student. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Escala de diferencial semântico sobre avaliação pessoal voltada para comparação social	Capital financeiro	N	Média	Sig.	Classificação da Sig.
23 - Seguro / Inseguro	Baixo	66	3,85	0,771	n.s.
	Alto	51	3,94		
24 - Talentoso / sem talento	Baixo	65	4,06	0,304	n.s.
	Alto	51	3,96		
25 - Bem-sucedido / fracassado	Baixo	66	3,68	0,434	n.s.
	Alto	51	3,71		
26 - Superior / Inferior	Baixo	66	3,08	0,628	n.s.
	Alto	51	3,16		
27 - Competente / incompetente	Baixo	65	3,95	0,730	n.s.
	Alto	51	3,96		

Fonte: A autora, 2020.

3.4 Discussão

Esta pesquisa se propôs a investigar o pensamento social de psicólogos egressos que foram cotistas e não cotistas acerca da formação acadêmica e percurso profissional a partir dos capitais financeiro e cultural.

Os participantes fazem uma avaliação da própria categoria profissional, psicólogos, como algo ligado à prática clínica, cuidado, saúde e escuta sugerindo ideias fortemente ligadas ao contexto da área clínica. Embora a Comissão Permanente de Orientação e Fiscalização (COF) do Conselho Federal de Psicologia (CFP) determine várias áreas de atuação (Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia de Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade; Psicologia Social e Neuropsicologia), a profissão de psicólogo, para os participantes, segue enquanto prática voltada para uma psicologia mais clínica.

Os resultados seguem os achados de Mello (1975), Lahm e Boeckel (2008): a psicologia é conhecida principalmente pela psicologia clínica, sendo esta, inclusive, uma preferência de área de atuação entre os próprios psicólogos. Cabe ressaltar que também surgem no mesmo grupo de respostas os termos “terapia”, “psicanálise” e “Freud”, sendo, de fato, a grande área de atuação dos profissionais da pesquisa (APÊNDICE 1).

É importante ressaltar o caminho da psicologia até a atualidade. Por seu nascimento recente, muitas pessoas ainda não conhecem de forma clara a função do psicólogo, porém esta tem se difundido amplamente. Se nos anos 30 tínhamos psicólogos atuando com educadores e aplicando testes psicológicos, nos anos 50, após a regulamentação da profissão, os campos se abriram e a área clínica, então, se mostrou uma das preferidas (GIL, 1985).

Tamanha preferência pode ser justificada, segundo Gil (1985), em parte pelo benefício de autonomia profissional e em parte pela semelhança com profissões da área da saúde, como a medicina, uma profissão privilegiada e bem vista na sociedade. Além disso, a difusão da disciplina no Brasil é atrelada à medicina, já que a psicologia historicamente fez parte das faculdades de medicina do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia (LISBOA, BARBOSA, 2009).

Outro ponto de associação entre psicologia e medicina é a apropriação histórica da psicoterapia no tratamento de doenças nervosas, psíquicas e somáticas, bem como o uso destas relatado a partir de psiquiatras brasileiros, o que pode contribuir para essa visão da psicologia como uma área da saúde, da clínica e do cuidado (MONTEIRO, JACÓ-VILELA, 2013).

A presença não só da clínica e psiquiatria, mas também da psicanálise não é majoritária apenas no presente da psicologia, mas também enquanto influência histórica, já que o pai da psicanálise, Sigmund Freud foi psicanalista e médico psiquiatra (MOREIRA, ROMAGNOLIS, DE OLIVEIRA NEVES, 2007). Dessa forma, o surgimento da clínica vem justamente da forte associação entre psicologia e medicina, o que parece justificar os resultados dos participantes da pesquisa que apresentam uma visão da psicologia a partir da clínica e da psicanálise freudiana.

Quanto à avaliação de adjetivos em relação aos demais, os participantes apresentam respostas próximas à neutralidade, contudo se mostram mais seguros, talentosos, bem-sucedidos, competentes e afirmaram que não se sentem defasados se comparados aos outros profissionais. A neutralidade das respostas de autoavaliação pode sugerir forte integração ao grupo, já que os participantes se percebem e se avaliam de forma semelhante.

Esses resultados de autoavaliação positiva podem ser vistos a partir do viés identitário dos participantes, uma vez que a teoria da identidade social ressalta que os indivíduos se

esforçam para manter uma imagem positiva de si no grupo (TAJFEL, 1982; DESCHAMPS, MOLINER, 2009).

Além disso, Deschamps e Moliner (2009) afirmam que quanto mais os indivíduos se percebem como semelhantes aos demais do grupo, mais eles acentuam as diferenças intergrupais. Isso pode justificar o posicionamento enfático dos participantes quanto à impossibilidade de que qualquer um pode realizar suas tarefas no trabalho.

Outro ponto importante é referente às atividades do trabalho dos participantes, uma vez que grande parte deles afirma que não trabalha por obrigação e não conta os dias para as folgas. Embora a maioria não esteja tão satisfeita com a remuneração, ainda sim, a atividade que desempenham do trabalho possui grande significado de forma que não é qualquer pessoa que possa fazê-la.

O conjunto de respostas conduz, possivelmente, a visão da psicologia por parte dos participantes como uma profissão que acarreta outros ganhos além do dinheiro, ressaltando, principalmente, a satisfação da atividade desempenhada. Ou seja, os participantes da pesquisa possuem a relação com trabalho além do vínculo empregatício voltado para o sustento assumindo uma esfera afetiva positiva da atividade desempenhada.

Zanelli, Borges-Andrade e Bastos (2014) descrevem o trabalho com uma prática transformadora da realidade que conecta a necessidade de sobreviver e a realização das pessoas, e paralelamente Godim e Siqueira (2014) afirmam que o trabalho mobiliza investimentos afetivos e também desencadeia emoções vividas fora e dentro do ambiente de trabalho.

Essa visão de Zanelli, Borges-Andrade e Bastos (2014) e de Godim e Siqueira (2014) do trabalho como algo afetivo e alvo de realização que mobiliza investimentos afetivos aponta justamente para o perfil de respostas da presente pesquisa. Os participantes afirmam que não contam os dias para os períodos de folga, nem se sentem tristes ao acordar e irem para o trabalho, o que nos leva à frase atribuída a Mário Testino exemplificando o padrão de respostas ligado ao prazer da atividade: “trabalhe com aquilo que você ama, porque não se pode esperar cinco dias para aproveitar apenas dois no fim de semana”.

A junção dos grupos de cotistas e não cotistas para o grande grupo dos psicólogos egressos formados pode ter contribuído para a homogeneidade de ideias, já que há uma tendência descrita por Deschamps e Moliner (2009) de pessoas que possuem uma mesma identidade social se perceberem de forma semelhante enquanto percebem os demais de forma distinta.

Por fim, a pesquisa mostra que a posição dos grupos com mais e menos cultural e financeiro não causou diferenciação no padrão de respostas quanto ao pensamento social sobre trabalho e avaliação pessoal. Após a saída da universidade os participantes parecem constituir uma forma muito semelhante de pensar e representar sua atividade profissional.

É importante considerar que, como afirma Bourdieu (1986), o espaço social possui dimensões estruturantes que conferem poder aos que ocupam as posições mais altas dessa hierarquização.

Sabe-se que o nascimento das ciências sociais e, sobretudo o desenvolvimento da psicologia esteve ligado aos interesses da burguesia. Ela serviu à classe a partir do foco no controle e diferenciação de grupos sociais a fim de assegurar poder, ou seja, status quo (GUERRA, 2002). Historicamente, formou-se, então, um esquema de interesse mútuo, em que a psicologia diferenciava grupos sociais e legitimava a discriminação favorecendo a burguesia, e a burguesia se apropriava da psicologia se mantendo no topo do campo social.

Dessa forma, pode ser que os psicólogos, enquanto profissionais que asseguram poder, é claro, também detém poder, uma vez que são eles que ditam saúde e doença, e favorecem ou não os grupos sociais. O que se pode dizer dentro dessa perspectiva é que essa identidade social não está isolada da estruturação do campo social ao qual está inserida. A identidade, aqui, não é considerada apenas um fruto da categorização social, mas também um processo fortemente articulado a partir das simetrias do campo social.

Portanto, as condições de existência que o grupo dos psicólogos possui no espaço social parecem contribuir para a formação de uma percepção e autoavaliação que é elaborada de forma positiva (DESCHAMPS, MOLINER, 2009). Dessa forma, a representação que é positiva gera uma apropriação identitária também positiva.

Isso significa que provavelmente esses psicólogos se sentem bem vistos socialmente, o que acarreta ganhos afetivos e, de alguma forma, privilégios ao desempenhar a profissão, além do ganho financeiro e também permite fazer parte desse grupo social e representar sua atuação de forma prazerosa.

Contudo, assim como em seu início, na atualidade a psicologia continua com problemas de concordância quanto aos pressupostos básicos, objetivos de estudo e formas de atuação (SPINK, SPINK, 2013). Essa falta de consenso pode contribuir para a falta de exatidão quanto a uma ou mais categorias cujos psicólogos estão inseridos socialmente.

Ou seja, as mais variadas formas de atuação dos psicólogos no campo envolvem áreas e apropriações teóricas mais distintas ainda, o que possivelmente dificulta a apropriação de apenas um ponto de vista quanto a esses profissionais. Apesar disso, a posição que os psicólogos ocupam no campo social a partir do acúmulo de mais ou menos capital parece não influenciar em como se veem e em como pensam sua atuação.

Em suma, a identidade social dos psicólogos nessa pesquisa é marcada por pontos positivos em relação a si mesmo, a sua categoria profissional e sua atuação. Os participantes, em geral, partilham as mesmas ideias e valores acerca da profissão, o que faz deles um grupo social comum e coeso (TAJFEL, 1982).

4 ESTUDO 2 – O PENSAMENTO SOCIAL SOBRE O PSICÓLOGO A PARTIR DE PESSOAS QUE TIVERAM E NÃO TIVERAM CONTATO COM O PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

4.1 Objetivos

Os objetivos compreendem verificar o pensamento das pessoas em geral acerca dos psicólogos de acordo com a proximidade que se tem do profissional, podendo ser pessoas que não tiveram contato com psicólogo; pessoas que fazem/já fizeram terapia e pessoas que têm/tiveram contato mediante avaliação psicológica, orientação profissional ou ambiente de trabalho.

Mais precisamente, pretende-se verificar se há diferença na forma de representar e no estereótipo da profissão do psicólogo de acordo com a distância ou proximidade que têm dessa categoria profissional, ou seja, nenhum contato, contato razoável (através do ambiente de trabalho, orientação profissional e avaliação psicológica) e muito contato (através da terapia).

4.2 Método

4.2.1 Participantes

Os participantes são 25 pessoas, sendo 7 do sexo masculino e 18 do sexo feminino, em que: 9 deles não tiveram contato profissional com psicólogo; 8 deles fazem/já tinham feito terapia, e 8 deles fizeram avaliação psicológica, orientação profissional ou trabalhavam com psicólogo. A idade média dos participantes é 35,12 com desvio padrão de 14,73. Eles são moradores da cidade do Rio de Janeiro compreendendo zona sul, norte, oeste e centro. Quanto à cor: 2 deles são amarelos, 9 são brancos, 7 são pardos e 7 são pretos.

Vale ressaltar que a descrição detalhada dos participantes do estudo 2 da presente tese está em uma tabela disponível no APÊNDICE 3.

4.2.2 Instrumentos

O instrumento é um roteiro de entrevista estruturado (APÊNDICE 4) formulado a partir de perguntas abertas a fim de realizar um estudo exploratório. O roteiro abarca ideias que circulam a profissão e sua atuação, bem como o conteúdo dos estereótipos do psicólogo, que

são as características físicas, mentais, traços de personalidade e comportamentos típicos (LIMA, PEREIRA, 2004). A escolha de um roteiro estruturado (BONI, QUARESMA, 2005) se deu por conta do objetivo de comparação das respostas dos três grupos da pesquisa.

Mais precisamente, foram elaboradas perguntas sobre o tipo de contato com o psicólogo; seu trabalho e importância; onde ele pode atuar; e características físicas, mentais e de personalidade. Essas as perguntas foram elaboradas a partir de estudos (DE ALMEIDA, 1978; CFP, 1992; PRAÇA, NOVAES, 2004; DE ASSIS, DE SOUZA MATTHES, 2014).

4.2.3 Análise de dados

As entrevistas foram analisadas segundo a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). As etapas são pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Num primeiro momento ocorreu a leitura flutuante do material, no caso, as entrevistas.

Essa leitura permitiu separar as falas dos participantes em recortes de um mesmo significado que são as unidades de registro (URs). A partir disso, as URs foram codificadas em temas que são organizações semânticas em núcleos de mesmo sentido. Esses temas, por sua vez, são agrupados em categorias ainda maiores, que são os meta-temas.

Assim, ao todo, o conteúdo das entrevistas permitiu que fossem codificadas 793 unidades de registro acopladas em 167 temas que, por sua vez, foram inseridos em 48 meta-temas.

4.3 Resultados

Os resultados da análise de conteúdo das entrevistas estruturadas foram sintetizados em tabelas. Os três grupos são: grupo 1 - nenhum contato profissional com psicólogo, grupo 2 - contato através do ambiente de trabalho, orientação profissional ou avaliação psicológica, e grupo 3 - contato através da terapia.

Na Tabela 10 vemos os resultados acerca do contato que os participantes tiveram com o profissional de psicologia. O grupo 1, dos participantes que não tiveram contato com psicólogo, possui o maior número total de unidades de registro (Total = 22). Suas respostas giram em torno da dificuldade de responder e associação do trabalho do psicólogo com outros profissionais como o psiquiatra e o *coach*.

Possivelmente a falta de contato com o trabalho do psicólogo fez com que os participantes associassem o serviço do psicólogo com outros profissionais. De fato, a formação de uma representação social acerca do objeto como algo que surge decorrente de dois

mecanismos: ancoragem e objetivação (SÁ, 1993). Nesse sentido, os participantes podem ter feito uma ancoragem, ou seja, rotular algo estranho em uma categoria mais conhecida. Na ancoragem ocorre a assimilação de objetos novos a partir dos antigos enquanto na objetivação ocorre a instrumentalização do novo.

Em relação a como seria o contato com psicólogo, as opiniões no grupo 1 ficam divididas. A unidade de registro “Não desprezando a profissão não, mas eu não consigo, não gosto” exemplifica a esfera de avaliação negativa, enquanto a unidade de registro “Acho que seria interessante porque eu tenho tanta coisa para falar... Então acho que eu ia gostar” demonstra a esfera positiva. Já a esfera de avaliação neutra abarca a unidade de registro “Eu acredito que o contato seria normal”.

No grupo 2, o número de unidades de registro é menor e surge o tema relacionado à descrição do trabalho do psicólogo, que é visto como aquele que aconselha/direciona o futuro, como demonstra a UR “Eu fiz uma orientação profissional quando eu tinha 17 anos. Eu acho que a gente fez dez sessões e no final dessas dez sessões ela deu cinco opções de profissões que tinham a ver comigo, mas acabou que eu não fiz nenhuma delas”.

No grupo 3 surgem pontos positivos e negativos atribuídos ao contato profissional decorrente da terapia. A avaliação positiva pode ser vista nas URs “Faço terapia e meu contato com ele é maravilhoso” e “Está sendo bom. Está sendo bem legal”. Contudo, embora haja uma boa avaliação do trabalho do psicólogo, surge o meta-tema dos problemas do vínculo profissional.

Pode-se exemplificar esse meta-tema a partir do tema da dificuldade de confiar no profissional e se expor decorrente do seguinte registro: “Eu jogava vôlei, fui atleta de vôlei. A psicóloga era irmã da minha treinadora e eu comecei realmente a me abrir pra ela e contar meus problemas particulares, mas em alguns treinos eu via que quando eu não estava desenvolvendo bem a minha treinadora colocava alguns desses problemas e eu comecei a achar isso muito estranho. Então eu percebi que a minha psicóloga contava pra minha treinadora as coisas que eu particularizava somente a ela. Foi quando eu perdi a confiança porque pra mim o psicólogo tem que ser como um padre, ele não pode confessar, nem falar para ninguém, independente do que for. Ele tem que guardar pra ele”.

Sobre esse registro contido em uma das entrevistas vale lembrar que o Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005), no art. 9º, instituiu como dever fundamental dos psicólogos “respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional”. O que constata uma infração clara e lamentável do exercício do profissional, como relatado por esse participante.

Ainda nos problemas do vínculo profissional surge também a conduta inapropriada do profissional observado na UR “Uma vez eu fui numa psicóloga que mexia com essas questões de tarô, de esoterismo, queria fazer um mapa astral meu porque disse que ia me dar um direcionamento legal... falou de religião... Enfim, foi uma experiência ruim que eu tive”.

Mais uma vez, o profissional, segundo relato de outro participante, fere os princípios éticos da profissão, já que segundo o art. 2º do Código de Ética (CFP, 2005) é vedado ao profissional de psicologia “induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais”.

Tabela 10 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente ao contato dos participantes com psicólogo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.

Questão 1 - Por favor, descreva como foi ou como imagina ser o contato com o psicólogo.				
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Avaliação negativa	Avaliação negativa da profissão	4	1	4
	Prefere terapia em grupo a individual	0	0	1
	Esperava mais do contato com o psicólogo	0	0	2
Avaliação neutra	Seria um contato normal	3	0	1
Avaliação positiva	Sente vontade de fazer terapia com psicólogo	1	0	0
	Avaliação positiva da profissão	3	0	7
	Seria esclarecedor	2	0	0
Contato indireto com psicólogo	Contato pessoal com psicólogo no ambiente familiar	3	0	0
	Proveito pessoal do contato profissional com psicólogo no ambiente de trabalho	0	1	0
Dificuldade de responder	Não soube responder	2	0	0
	Não sabe descrever exatamente porque era criança/muito jovem	0	3	1
Psicologia associada à psiquiatria	Associação do trabalho do psicólogo com psiquiatria	2	0	0
Psicologia associada ao coach	O trabalho do psicólogo é motivacional e semelhante ao coach	2	0	0
Descrição do trabalho do psicólogo	O psicólogo aconselha/direciona o futuro	0	4	0
	O psicólogo deve ser totalmente profissional	0	0	2
Problemas do vínculo com o profissional	Dificuldade de confiar no profissional e se expor	0	0	3
	Implica na transparência da pessoa com o psicólogo	0	1	0
	Conduta inapropriada do psicólogo	0	0	2
Contato profissional com psicólogo no ambiente de trabalho	Conheço psicólogos decorrente do meu trabalho	0	5	0
Total		22	15	21

Fonte: A autora, 2020.

A Tabela 11 mostra os atributos positivos evocados pelos participantes referentes aos psicólogos. De forma geral, o psicólogo é visto pelos três grupos como aquele que ajuda e, em especial, sua ajuda é relacionada a problemas e questões pessoais, como ilustram as seguintes URs: “Eles ajudam a gente a controlar as nossas emoções”; “Uma coisa que eu acho bom no psicólogo é que além de te ajudar com os seus problemas do dia a dia, traumas...”; e “O psicólogo ajuda com as dificuldades de abandonar algum tipo de coisa, como um vício”.

Outro ponto é que ele é descrito pelos que tiveram contato com ele (grupos 2 e 3) como um profissional que ouve e que conversa, além de ser considerado também por ambos os grupos como um profissional que desempenha trabalho importante.

Tabela 11 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente aos atributos positivos do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.

Questão 2 - O que você acha de bom no psicólogo?				
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Descrição do trabalho do psicólogo	Auxilia beneficentemente na saúde mental	1	1	0
	O psicólogo é aquele que ouve e conversa	0	1	4
	O psicólogo ajuda organizar ideias e fornece uma perspectiva	0	1	4
Atributos dos psicólogos	O psicólogo estudou para entender e ajudar melhor as pessoas	2	1	0
	Psicólogos são observadores	0	0	1
	O psicólogo é sincero	0	0	2
	O psicólogo é uma ferramenta de apoio	0	1	0
O psicólogo é um profissional competente	O psicólogo é um profissional eficiente	1	0	0
O psicólogo é um profissional que ajuda	O psicólogo ajuda a esclarecer situações	1	0	0
	O psicólogo ajuda a lidar com problemas e questões pessoais	10	6	3
Atributos dos psicólogos	O psicólogo é atencioso	1	0	0
Avaliação negativa	Contato profissional negativo com psicólogo no ambiente de trabalho	0	2	0
	Avaliação pessoal negativa do contato com psicólogo	0	0	1
Avaliação positiva	O trabalho do psicólogo é necessário/importante	0	2	2
Dificuldade de responder	Não soube responder	0	0	1
Problemas do vínculo com o profissional	Dificuldade de confiar no profissional e se expor	0	0	1
Total		16	15	19

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 12 o grupo 1 possui maior frequência de resposta no tema que “não reconhece algo de ruim na profissão do psicólogo”. Contudo também surgem respostas relacionadas à dificuldade de confiar no profissional e se expor, como se pode ver na UR “Ter que falar da sua vida para uma pessoa que você não conhece, se expor, expor seus conflitos, coisas íntimas para alguém que você não conhece para essa pessoa te ajudar”.

Já o grupo 2 vê como um ponto ruim os critérios de avaliação subjetivos do psicólogo exemplificado na UR “No trabalho, às vezes, a dificuldade que eu sinto é que eu acho que eu sou mais objetiva. Às vezes eu acho que a falta de objetividade é um pouco dificultador, porque a gente é mais da ação, a gente quer uma ação mais imediata e eu entendo que a formação de vocês é as vezes mais subjetiva, acho que às vezes tem uma dificuldade nisso, mas acho que é isso, faz parte da especificidade de cada profissão”.

O outro ponto ruim ressaltado pelo grupo 2 é uma formação voltada, muitas vezes, para o conhecimento pessoal do próprio psicólogo, como se vê na UR “Existem pessoas que acham que vão se tratar ali fazendo a psicologia, é uma experiência que eu tenho, até com os alunos mesmo, às vezes a gente recebe alunos aqui com um problema, aí a gente vê muito na fala "ah eu tô na dúvida, não sei se eu vou fazer engenharia de produção ou psicologia", a gente escuta muito isso”.

O grupo 3 apresentou alguma dificuldade de responder, mas acabou levantando pontos relacionados ao vínculo com o profissional como o receio de se expor, de encontrar o profissional correto e o silêncio do profissional durante os atendimentos na terapia. Além disso, outro ponto relacionado ao vínculo é a dificuldade de saber até onde este é sadio: “Eu acho de ruim esse vínculo que a gente acaba criando, porque assim é bom ter um tempo para conversar e expor coisas que às vezes você não expõe para todo mundo por medo de julgamento, ou que alguém leve adiante, ou por falta de intimidade... mas é como se você passasse muito tempo fazendo terapia porque gosta de ter um tempo para falar as coisas e não necessariamente porque está precisando. Eu fico com muito receio disso, do tempo até onde eu fico, até onde é necessário, até onde é porque eu estou acomodada com essa coisa de poder falar e ter um tempo para pensar, até que ponto é realmente uma necessidade”.

A avaliação pessoal negativa também está presente nas respostas do grupo 3, como se vê nessa UR: “Na minha última terapia eu parei de ir, a psicóloga tentava me convencer de uma coisa que eu era contra porque não era o que eu acreditava. Eu sou cristã, evangélica, e ela sabia porque eu conversava sobre isso com ela, me abria, e ela tentava me convencer que era normal ser gay, sendo que é uma coisa que eu acredito e ela queria me convencer de qualquer jeito... que era normal, mas eu estava magoada porque meu ex-namorado virou gay depois de um mês que a gente terminou, então eu estava muito mal pensando que ele me enganou durante todos os anos, e ela queria me convencer que eu tinha que aceitar, que ele nasceu assim... mas eu sigo a bíblia, então ela tinha que me respeitar. Aí eu sai da terapia, ela me fez mal, eu fiquei me sentindo mal... foi horrível”.

Lamentavelmente o registro anterior do participante da pesquisa ilustra a falta de ética do psicólogo que segundo o art. 2º do Código de Ética da profissão (CFP, 2005) veta ao profissional de psicologia “induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais”.

Tabela 12 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente aos atributos negativos do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.

Questão 3 - O que você acha de ruim no psicólogo?					
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	
Dificuldade de responder	Não soube responder	3	1	2	
Problemas do vínculo com o profissional	Dificuldade de confiar no profissional e se expor	1	0	0	
Não há pontos negativos na profissão	Não há nada de ruim na atividade do psicólogo	5	0	2	
	Absorção de problemas dos pacientes	1	1	1	
	Não saber até onde o vínculo com o profissional é sadio	0	0	1	
	Valor dos atendimentos	0	1	0	
Problemas da profissão	Alguns psicólogos se formam para ter ferramentas na vida pessoal	0	4	0	
	Psicólogos tem critérios de avaliação muito subjetivos	0	4	0	
	Mudança de ótica de crime para enfermidade psíquica	1	0	0	
	Dificuldade de confiar no profissional e se expor	3	0	1	
Atributos dos psicólogos	Existem maus e bons profissionais de psicologia	0	1	0	
	Psicólogos devem ser bem resolvidos	0	0	1	
Avaliação pessoal negativa	O silêncio do profissional durante os atendimentos	0	0	2	
	Avaliação pessoal negativa do contato com psicólogo	0	4	1	
	Técnica não combina com emoção	0	2	0	
	Dificuldade de encontrar o profissional correto	0	0	1	
Descrição do trabalho do psicólogo	O psicólogo pode manipular a vida dos outros	0	0	1	
	O psicólogo aconselha/direciona o futuro	0	1	0	
Psicologia associada à loucura	Psicólogos podem enlouquecer	0	0	1	
	O trabalho do psicólogo é associado ao tratamento de loucos	0	2	0	
Avaliação positiva	Avaliação pessoal positiva do contato com psicólogo	0	1	0	
Total		14	22	14	

Fonte: A autora, 2020.

A opinião dos participantes em relação à visão que a sociedade possui do psicólogo está na Tabela 13. Os três grupos concordam que o trabalho do psicólogo é associado à loucura. No grupo 1 vemos a UR “As pessoas acham que psicólogo é para tratar gente maluca. Todo mundo

acha isso”. E esse tema também surge no grupo 2 “acham que psicólogo é para maluco” e no grupo 3 “Eu trabalho com esportes, crianças e adolescentes, e alguns eu entendo que precisam ter a ajuda de um profissional, de um psicólogo e a mãe pergunta: você tá dizendo que meu filho tá maluco?”.

Contudo, os três grupos também concordam que esse trabalho é bem visto pela sociedade. O grupo 3, em especial, apresenta os temas voltados a procura do psicólogo em último caso e à má avaliação do trabalho do psicólogo, que é pouco considerado socialmente. As URs a seguir exemplificam isso: “A sociedade vê como algo que não é necessário. Eles veem como algo desnecessário”; “Acho que a sociedade não vê como um trabalho importante, valorizado”.

Tabela 13 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às opiniões que os participantes têm da visão que a sociedade possui do psicólogo. Rio de Janeiro, Brasil. N=25.

Questão 4 - Na sua opinião, como a sociedade vê o trabalho do psicólogo?					
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	
A sociedade possui uma visão plural	Visão ambígua da sociedade	1	0	0	
O trabalho dos psicólogos é bem avaliado socialmente	O trabalho do psicólogo é bem visto pela sociedade	10	4	1	
	Atualmente a profissão é mais bem vista que antes	0	3	3	
Avaliação positiva	Avaliação pessoal positiva do contato com psicólogo	1	0	0	
O psicólogo é um profissional que ajuda	O psicólogo ajuda a lidar com problemas e questões pessoais	1	0	0	
Dificuldade de responder	Não soube responder	3	0	0	
Psicologia associada à loucura	O trabalho do psicólogo é associado ao tratamento de loucos	4	2	5	
	Psicólogos são doidos	1	0	0	
O trabalho dos psicólogos é mal avaliado socialmente	Consideram pouco	0	0	5	
	Procuram o psicólogo em último caso	0	1	3	
Problemas da profissão	Quem vai ao psicólogo é frágil/problemático	0	1	1	
	Psicólogos resolvem problemas/atuam em crises	0	1	0	
Descrição do trabalho do psicólogo	Psicólogos são agentes de cura	0	1	0	
	Total	21	13	18	

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 14 se vê que os três grupos de participantes da pesquisa concordam que o trabalho do psicólogo é importante e que ele é aquele que ouve e conversa. Contudo, o grupo 1 apresentou mais dificuldade de responder, o que já se esperava já que eles não tiveram contato profissional com psicólogo. “Não sei descrever como o psicólogo trabalha” e “Não sei dizer o que o psicólogo faz” são algumas das URs do meta-tema dificuldade de responder.

O grupo 2 aborda ideias ligadas ao exercício profissional do psicólogo (UR: “Eu acho que é conseguir conectar pontos de conexão entre vivência e a teoria”) enquanto o grupo 3 aborda questões mais práticas e descritivas do profissional de psicologia, como se notam nas

URs “O psicólogo ajuda a fazer a gente enxergar o que a gente não enxerga, nossos problemas” e “Ele fala dos pontos que ele acha que você precisa trabalhar pra ficar bem”.

Os apontamentos práticos e descritivos do grupo 3 em comparação aos demais grupo pode se justificar pelo que Abric (1976) chama de elementos funcionais da representação. Para o autor, esses elementos se relacionam com as práticas desempenhadas sobre o objeto. Elas podem estar ligadas ao fato de que esses participantes do grupo 3, por estarem em situação de terapia, possuem mais ideias descritivas do exercício do psicólogo, uma vez que eles vivenciam isso.

Tabela 14 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições do trabalho do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.

Questão 5 - Como você descreveria o trabalho do psicólogo?				
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Avaliação positiva	O trabalho do psicólogo é necessário/importante	1	6	2
	Avaliação pessoal positiva do contato com psicólogo	0	0	3
Descrição do trabalho do psicólogo	O psicólogo é aquele que ouve e conversa	2	1	2
	O psicólogo faz um tratamento com base num diagnóstico	2	0	0
	O psicólogo não pode prescrever medicamentos	1	0	0
	Existem psicólogos com diferentes métodos e linhas teóricas	1	0	0
	O psicólogo pode alinhar sua profissão à religião	1	0	0
	O psicólogo aconselha/direciona o futuro	0	0	2
	O psicólogo conecta teoria e prática	0	1	1
	O psicólogo ajuda organizar ideias e fornece uma perspectiva	0	1	2
	Psicólogos resolvem problemas/atuam em crises	0	2	0
	Auxilia beneficemente na saúde mental	0	1	0
	Dificuldade de responder	Não soube responder	6	0
Psicólogos são pessoas comuns com diferencial da formação em psicologia		0	1	0
O psicólogo é um profissional competente	Psicólogos têm escuta qualificada	0	3	0
	O psicólogo estudou para entender e ajudar melhor as pessoas	1	0	0
O psicólogo é um profissional que ajuda	O psicólogo ajuda a lidar com problemas e questões pessoais	4	2	0
	Psicólogos tem critérios de avaliação muito subjetivos	0	1	0
Problemas da profissão	O psicólogo pode manipular a vida dos outros	2	0	0
	O trabalho do psicólogo exige confiança no vínculo	0	0	1
Total		21	19	15

Fonte: A autora, 2020.

Em relação aos locais de trabalho do psicólogo, a Tabela 15 mostra três temas com as maiores frequências de respostas dos três grupos, que são hospitais, empresas, clínicas/consultórios e escolas.

Esses resultados da visão do psicólogo como um profissional voltado para clínica acompanham estudos anteriores (PRAÇA, NOVAES, 2004; DE ASSIS, DE SOUZA

MATTHES, 2014). Dessa forma, os psicólogos ainda são vistos como aqueles que atuam majoritariamente em hospitais, escolas, empresas e clínicas/consultórios.

A questão aqui é que a menor de percepção dos psicólogos em outros espaços pode contribuir para a visão de uma profissão elitista, uma vez que não notados em outros locais da sociedade o serviço do profissional pode se comprometer com um aspecto específico da sociedade, ao invés do bem-estar social como um todo.

Entretanto, o que se sabe é que segundo os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), os locais de trabalho com maior atuação dos psicólogos se situam na educação, saúde e serviços sociais (74,8%).

Tabela 15 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições dos locais de atuação trabalho do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. RJ, Brasil. N = 25.

Questão 6 - Você saberia me descrever os locais onde os psicólogos podem atuar?				
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Área da assistência social	Comunidades	1	0	0
	Caps	0	3	0
	Abrigo	0	1	0
	Centro de apoio	0	1	0
	Presídios	1	0	0
	Trabalho voluntário	0	0	1
Área da saúde	Hospitais	6	4	6
	Psiquiatria	0	1	0
	Residências terapêuticas	0	1	0
	Postos de saúde	1	0	0
Área esportiva	Esportes	1	0	0
Área familiar	Área familiar	1	0	0
Clínicas/consultórios	Clínicas e Consultórios	7	7	6
Área de trabalho e empresa	Área trabalhista	1	0	0
	Empresas	4	6	6
	Escolas	4	6	3
Instituições de ensino	RH	0	2	0
	Universidade	0	2	0
	Faculdades	1	0	0
	Sala de aula	0	0	1
Instituições militares e de segurança pública	Instituições militares	2	0	0
	Polícia	1	0	0
Judiciário	Judiciário	1	0	0
O campo de trabalho é vasto	O psicólogo pode trabalhar em muitos lugares	4	3	0
	Domiciliar	1	0	0
Local físico	Locais abertos	0	0	1
	Jardim	0	0	1
Dificuldade de responder	Não soube responder	1	1	2
Prefeitura da cidade	Prefeitura	1	0	0
Governo	Governo	0	1	0
Total		39	39	27

Fonte: A autora, 2020.

As principais características que na opinião dos participantes os outros atribuem aos psicólogos estão na Tabela 16. Os três grupos afirmam que as pessoas em geral os descrevem como calmos e equilibrados. Além disso, são vistos como profissionais que analisam pessoas e

situações, como se nota, por exemplo, nessa UR do grupo 1: “As pessoas pensam que eles ficam examinando tudo que a gente faz o tempo todo”. Outro ponto é que são vistos como doidos, como vemos nessa UR do grupo 3: “Geralmente as pessoas falam que são pessoas malucas e... acho que é isso, resumindo, uma pessoa muito maluca”.

Tabela 16 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições de personalidade e mentais do psicólogo segundo o que os participantes acreditam que as pessoas em geral acham. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.

Questão 7 - Em sua opinião, como as pessoas, em geral, descrevem os psicólogos? Suas características, comportamentos, personalidade...					
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	
Avaliação positiva	Avaliação pessoal positiva do contato com psicólogo	1	0	1	
Dificuldade de responder	Não soube responder	3	0	2	
Descrição do trabalho do psicólogo	O psicólogo é aquele que ouve e conversa	1	1	1	
	Psicólogos resolvem problemas/atuam em crises	1	0	0	
	Psicólogos analisam pessoas e situações	4	1	2	
	O psicólogo aconselha/direciona o futuro	0	0	1	
	Auxilia beneficemente na saúde mental	0	0	1	
Atributos dos psicólogos	Psicólogos curtem a vida	2	0	0	
	Psicólogos são atenciosos	1	1	0	
	Psicólogos são bem resolvidos	2	0	1	
	Psicólogos são calmos	3	1	1	
	Psicólogos são centrados	0	1	0	
	Psicólogos são pacientes	0	1	0	
	Psicólogos são compreensivos	1	0	0	
	Psicólogos são equilibrados	2	2	3	
Psicologia associada à loucura	Psicólogos são pessoas comuns	1	0	0	
	Psicólogos são doidos	2	2	2	
O psicólogo é um profissional competente	Psicólogos são pessoas comuns com diferencial da formação em psicologia	1	0	3	
	O psicólogo estudou para entender e ajudar melhor as pessoas	1	0	0	
O psicólogo é um profissional que ajuda	O psicólogo ajuda a lidar com problemas e questões pessoais	0	0	2	
O trabalho dos psicólogos é bem avaliado socialmente	O trabalho do psicólogo é bem visto pela sociedade	0	1	0	
Problemas da profissão	Alguns psicólogos se formam para ter ferramentas na vida pessoal	0	1	0	
	Total	26	12	20	

Fonte: A autora, 2020.

A Tabela 17 mostra as descrições que os participantes da pesquisa fizeram do psicólogo. O grupo 1 os descrevem como pessoas bem resolvidas e também calmas, como se nota na UR a seguir: “É como se o psicólogo tivesse a obrigação de ser o resumo de todas as boas características e de personalidade porque conhecer todas as fraquezas e soluções para reverter esse quadro”.

Já o grupo 2 apresentou certa dificuldade de responder, contudo, suas respostas dizem respeito à capacidade de escuta e conversa do profissional. Além disso, eles ressaltaram pontos negativos e positivos do contato, já que esse grupo de participantes convive com psicólogo no ambiente de trabalho ou passou por alguma orientação profissional/avaliação psicológica.

As respostas do grupo 3 descrevem o psicólogo como bem resolvido, assim como o grupo 1, mas também como alguém observador, como ilustra a UR “Ele (psicólogo) te observa mais, seus comportamentos e tal”.

Tabela 17 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições de personalidade e mentais do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. RJ, Brasil. N = 25.

Questão 8 - E você, como os descreveria? Suas características, comportamentos, personalidade...				
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Dificuldade de responder	Não soube responder	1	4	1
O psicólogo é um profissional que ajuda	O psicólogo ajuda a lidar com problemas e questões pessoais	1	2	1
O psicólogo é um profissional competente	Psicólogos têm escuta qualificada	0	1	0
Descrição do trabalho do psicólogo	O psicólogo é aquele que ouve e conversa	1	2	0
	Quanto mais velho, mais experiente e mais segurança no atendimento	1	0	0
	Psicólogos analisam pessoas e situações	2	1	0
	O psicólogo deve ser totalmente profissional	0	0	1
	Psicólogos devem ser bem resolvidos	5	0	3
Atributos dos psicólogos	Psicólogos precisam de equilíbrio	0	1	0
	Psicólogos precisam estar dispostos a ouvir	0	1	0
	Psicólogos precisam ser centrados	0	1	0
	Psicólogos precisam ter tranquilidade	0	1	0
	Psicólogos são comprometidos	0	1	0
	Psicólogos são atenciosos	1	0	0
	Psicólogos são calmos	4	0	0
	Psicólogos são frágeis	1	0	0
	Psicólogos são importantes	1	0	0
	Psicólogos são inteligentes	1	0	1
	Psicólogos são pessoas comuns	1	0	1
	Psicólogos são pessoas comuns com diferencial da formação em psicologia	1	0	1
	Psicólogos são extrovertidos	1	0	0
	Psicólogos tem crenças religiosas	0	0	1
	Psicólogos tem caráter	0	0	2
	Psicólogos tem princípios	0	0	1
	Psicólogos são observadores	0	0	2
	Psicólogos são sérios	0	0	1
	Psicólogos são pessoas abertas	0	0	1
	Psicologia associada à loucura	Psicólogos são doidos	1	1
Avaliação negativa	Avaliação pessoal negativa do contato com psicólogo	0	3	1
Avaliação positiva	Contato profissional positivo com psicólogo no ambiente de trabalho	0	2	0
	O trabalho do psicólogo é necessário/importante	0	1	0
	Total	23	22	19

Fonte: A autora, 2020.

Os dados referentes às descrições físicas foram divididos em três tabelas (Tabelas 18, 19 e 20) por se tratar de um cruzamento entre o aspecto descrito e o sexo referente que foi descrito pelos participantes. Sendo assim, a Tabela 18 é referente aos resultados do grupo 1 e, em termos de descrição física dos psicólogos, as respostas possuem maior frequência em descrições femininas (Frequência = 19), seguidas de descrições indefinidas (Frequência = 15) e, em menor número, as masculinas (Frequência = 3).

Esses resultados acompanham os dados levantados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em que o maior número de profissionais na psicologia é do sexo feminino (90,0%), compreendendo mais de 132 mil mulheres em todo Brasil.

Tabela 18 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições físicas do psicólogo segundo o grupo de participantes que não teve contato profissional com psicólogo (Grupo 1). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 9.

Questão 9 - Como você descreveria fisicamente um psicólogo? (Grupo 1)			
Aspecto descrito/Sexo relacionado ao aspecto	Indefinido	Feminino	Masculino
Acessório	2	2	0
Aparência	0	1	0
Cabelo	0	2	1
Cor	0	1	0
Estética	1	4	0
Estilo	4	0	0
Sexo	0	0	0
Tipo físico	2	1	0
Vestimenta	2	8	2
Dificuldade de responder	2	0	0
Não existe um biótipo específico	2	0	0
Total	15	19	3

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 19 o grupo 2, assim como o grupo 1, apresenta maior frequência do sexo feminino associado aos aspectos físicos descritos (Frequência = 30), também seguido do sexo indefinido ou neutro (Frequência = 20), e do sexo masculino (Frequência = 11). Contudo o grupo 2 possui mais Unidades de Registro (Total de URs = 61) que o grupo 1 (Total de URs = 37), o que pode ser decorrente da proximidade do profissional, já que os participantes do grupo 1 não tiveram contato com psicólogo.

Assim, a proximidade do grupo 1 possivelmente acarreta um repertório maior e mais detalhado da descrição física do psicólogo, já que está em contato com o profissional usufruindo de seus serviços clínicos rotineiramente.

Tabela 19 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições físicas do psicólogo segundo o grupo de participantes que teve contato através do ambiente de trabalho, orientação profissional ou avaliação psicológica (Grupo 2). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 8

Questão 9 - Como você descreveria fisicamente um psicólogo? (Grupo 2)			
Aspecto descrito/Sexo relacionado ao aspecto	Indefinido	Feminino	Masculino
Acessório	1	2	1
Aparência	1	3	0
Cabelo	1	4	1
Cor	1	0	0
Estética	1	0	0
Estilo	2	4	0
Idade	4	0	0
Perfil	3	0	2
Sexo	0	6	0
Tipo físico	4	3	0
Vestimenta	0	8	7
Não existe um biótipo específico	2	0	0
Total	20	30	11

Fonte: A autora, 2020.

A Tabela 20 apresenta as respostas do grupo 3. Nela vemos mais respostas de aspectos físicos que não está ligada a um sexo específico, mas sim indefinido (Frequência = 19), seguida do sexo feminino (Frequência = 16) e, em menor número, do sexo masculino (Frequência = 3).

Tabela 20 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às descrições físicas do psicólogo segundo o grupo de participantes que teve contato através da terapia (Grupo 3). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 8

Questão 9 - Como você descreveria fisicamente um psicólogo? (Grupo 3)			
Aspecto descrito/Sexo relacionado ao aspecto	Indefinido	Feminino	Masculino
Acessório	2	1	0
Aparência	0	0	0
Cabelo	2	0	0
Cenário	0	1	0
Cor	0	0	0
Estética	1	1	0
Estilo	5	0	0
Idade	0	1	0
Perfil	0	2	0
Sexo	0	4	0
Tipo físico	0	0	0
Vestimenta	4	6	3
Dificuldade de responder	1	0	0
Não existe um biótipo específico	4	0	0
Total	19	16	3

Fonte: A autora, 2020.

Quando questionados quanto à classe social que os psicólogos têm, em geral, os participantes dos três grupos descrevem o profissional como alguém de classe média, seguida de classe média alta (Tabela 21). De fato, os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) mostram que o salário per capita do psicólogo

corresponde ao valor médio de R\$ 4.055 por mês, corroborando, assim, o pensamento majoritário dos participantes da presente pesquisa.

Tabela 21 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente às classes sociais do psicólogo pelos participantes segundo os participantes da pesquisa. RJ, Brasil. N = 25.

Questão 10 - Você acha que os psicólogos são, em geral, pessoas de que classe social?					
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	
Classe alta	Classe alta	2	1	1	
Classe baixa	Classe baixa	1	1	1	
Outros	Classe dos cidadãos de bem	1	0	0	
Classe média	Classe média	4	5	3	
Classe média alta	Classe média alta	2	3	4	
Existem de todas as classes sociais	Existem de todas as classes sociais	0	0	3	
	Total	10	10	12	

Fonte: A autora, 2020.

Quanto ao posicionamento político que os participantes atribuem ao psicólogo, o grupo 1 apresentou maior dificuldade de responder, contudo os três grupos afirmaram que, em geral, os psicólogos são de esquerda (Tabela 22). O grupo dois apresentou maior frequência de respostas (Total de URs = 15), possivelmente por se tratar de pessoas que, em parte, estão envolvidas com o profissional no ambiente de trabalho, o que abre margem para falar de assuntos pessoais, como o posicionamento político (o que não seria possível de conversar num ambiente formal de terapia, por exemplo).

Tabela 22 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente aos posicionamentos políticos do psicólogo pelos participantes segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.

Questão 11 - Que tipo de orientação política você acha que eles têm?					
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	
Indefinido	Psicólogos não se envolvem com política	1	0	0	
	Alguns de direita e outros de esquerda	1	0	0	
Direita	Direita	1	1	1	
	Esquerda	2	6	4	
Esquerda	Centro-esquerda	0	1	0	
	Psicólogos são abertos por isso são de esquerda	0	3	0	
Dificuldade de responder	Não soube responder	5	2	2	
Invisibilidade da direita na psicologia	Psicólogos de direita são raros, mas existem	0	2	0	
	Total	10	15	7	

Fonte: A autora, 2020.

Em relação ao nível de importância que os participantes acreditam que a sociedade dá para o trabalho do psicólogo (Tabela 23), o grupo 1 afirma que a sociedade considera pouco, enquanto o 2 considera que o trabalho é bem visto e, inclusive, é mais bem visto que antes. Já o grupo 3 concorda que a profissão é mais bem vista que antes, mas que ainda consideram pouco.

Tabela 23 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente aos níveis de importância do trabalho psicólogo segundo o que os participantes acreditam que a sociedade considera que tem. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.

Questão 12 - Na sua opinião, qual é o nível de importância que a sociedade dá para o trabalho do psicólogo?				
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
O trabalho dos psicólogos é bem avaliado socialmente	O trabalho do psicólogo é bem visto pela sociedade	5	5	0
	Atualmente a profissão é mais bem vista que antes	2	5	6
O trabalho dos psicólogos é medianamente avaliado socialmente	Consideram medianamente	1	2	2
O trabalho dos psicólogos é mal avaliado socialmente	Consideram pouco	6	2	4
Dificuldade de responder	Não soube responder	2	0	0
Visibilidade do psicólogo na sociedade	O psicólogo está muito presente na sociedade	2	1	0
Invisibilidade do psicólogo na sociedade	Deveria ter mais acesso ao profissional de psicologia	0	0	1
	Poucas pessoas vão ao psicólogo	1	0	0
Problemas da profissão	Procuram o psicólogo em último caso	0	0	1
Descrição do trabalho do psicólogo	O psicólogo é aquele que ouve e conversa	0	0	1
Atributos dos psicólogos	Psicólogos são de confiança	0	0	1
	O psicólogo é uma ferramenta de apoio	0	1	0
Psicologia associada à loucura	O trabalho do psicólogo é associado ao tratamento de loucos	0	4	0
Total		19	20	16

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 24 os participantes responderam quanto aos motivos de recomendação de serviço psicológico, já que todos os participantes da pesquisa responderam que recomendariam o serviço.

O grupo 1 recomendaria dependendo da situação e também por motivos de problemas, além de ter um local para desabafar, como se vê na UR “dependendo da pessoa acho que seria bom ela ter alguém para escutar”. No grupo 2 surge a recomendação do serviço por se tratar de algo importante e por considerarem que todos, em algum momento, precisam de terapia, como ilustram as URs a seguir, respectivamente: “Acho que é muito importante”; “Acho que todo mundo em algum momento da vida deveria passar por uma análise, fazer uma terapia”.

Tabela 24 - Resultados da análise de conteúdo das entrevistas referente aos motivos de recomendação do trabalho psicólogo segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. N = 25.

Questão 13 - Você recomendaria o serviço do psicólogo para alguém?					
Meta-tema	Tema	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	
Motivo de recomendação do serviço do psicólogo	Problemas	3	0	1	
	Gostaria de fazer terapia	1	2	0	
	Conhecimento e desenvolvimento pessoal	1	2	4	
	Local para falar/desabafar	2	0	2	
	Para recomendar o serviço depende da situação	5	1	0	
	Recomendaria, pois existe o trabalho do psicólogo e existe a religião	1	0	0	
	É um profissional competente	0	0	1	
	Fornecer uma perspectiva nova	0	0	2	
	Se todos fizessem o mundo seria melhor	0	0	1	
	Sempre recomendo/recomendaria	0	1	3	
	Todos deveriam fazer terapia	0	4	1	
	É importante	0	4	0	
	Em algum momento todos precisam de terapia	0	1	0	
	Prevenção	0	1	0	
	Procuram o psicólogo em último caso	0	1	0	
	Todos estão doentes emocionalmente	0	1	0	
	Total		13	18	15

Fonte: A autora, 2020.

4.4 Discussão

O presente estudo buscou investigar de forma exploratória quais são as representações sociais e estereótipos do psicólogo de pessoas que não tiveram nenhum contato profissional com este profissional, pessoas cujo contato ocorre/ocorreu através do ambiente de trabalho, orientação profissional ou avaliação psicológica, e pessoas cujo contato ocorre/ocorreu através da terapia.

Os resultados dessa pesquisa mesclam aspectos positivos e negativos do profissional, bem como de seu percurso ao longo do tempo, já que a profissão possui um passado associado ao tratamento da loucura e questões individuais devido à sua associação com as ciências médicas e uso de testes decorrentes de suas bases racionalista e positivista.

De fato, Moscovici (1978) ressalta que o pensamento que um grupo possui sobre determinado objeto está relacionado à história de ambos, ou seja, a forma como as pessoas pensam o psicólogo está intimamente relacionada à produção política e cultural da imagem e atuação desse profissional ao longo dos anos. Sobre sua história, cabe ressaltar que a psicologia pode ser considerada uma ciência recente, já que tem pouco menos de 150 anos desde que foi

inaugurada enquanto ciência na Alemanha. Contudo, em seu percurso ao longo da história tem conquistado cada vez mais espaço e avançado nos diversos campos de atuação.

Apesar disso, o pensamento acerca do psicólogo ainda parece estar associado ao campo médico (GIL, 1985) no quesito de realizar diagnóstico e dizer o que o paciente deve fazer para promover saúde mental. Em outras palavras, enquanto o médico cuida e prescreve medicamentos para o corpo, o psicólogo soa como aquele que através da escuta e da conversa atuam na resolução de problemas e crises.

Além disso, sua atuação é vista pelos participantes como algo ligado ao contexto da saúde e individualidade, ou seja, o contexto do hospital e dos consultórios. Possivelmente uma herança da história da disciplina que nasceu, enquanto ciência, no laboratório de um médico: Wilhelm Wundt.

Sobre a visão do trabalho do psicólogo, os participantes afirmam que apesar desta ter mudado ao longo dos anos, a sociedade ainda o concebe como algo de pouca importância social, sendo procurado, muitas vezes, em último caso. O aumento da visibilidade do psicólogo também foi ponderado pelos participantes que o consideram presentes na sociedade.

Contudo, ainda que os participantes ressaltem a importância e eficácia da profissão, surge nos resultados o lado obscuro encarnado por maus psicólogos que violam diretrizes éticas da profissão. Sobre esse assunto o CFP salienta que caso alguém se sinta lesado pela atuação do psicólogo pode encaminhar denúncias aos conselhos regionais da profissão.

A ética é uma área da filosofia que discute a conduta dos indivíduos a partir da liberdade e dos deveres. Ela estabelece normas universais, pois são fundamentadas sobre a razão humana, ou seja, se uma norma não puder ser universalizada, para Kant (1924/2018) trata-se de uma ação incorreta. Nesse sentido, a narrativa dos participantes quanto à tentativa de impor religião ou ideologia política pessoal por parte do psicólogo revelam a falta de ética, uma vez que infringe a liberdade da pessoa que solicitou o serviço.

A liberdade ferida, dentro desse contexto, é tanto de opinião quanto religiosa e comunicativa. Vivemos num Estado democrático, ou seja, caracterizado pela pluralidade e fornecedor de garantias quanto aos direitos individuais, dentre eles, a liberdade de expressão. Sobre isso, o artigo 19º da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 afirma que “todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão”.

Isto posto, qualquer tipo de restrição a este direito representa um exercício de violência, por parte de quem quer que o promova, seja a nível de Estado ou de uma simples pessoa próxima

(MENDES, COELHO, BRANCO, 2008), quanto mais de um profissional de psicologia que tem por dever prestar serviços calcados na ciência psicológica e na ética, como estabelece o código de ética da profissão (CFP, 2005).

Não cabe ao psicólogo expor sua cosmovisão pessoal, uma vez que uma das diferenças entre o profissional de psicologia e amigos/familiares é a impessoalidade e neutralidade do discurso a fim de utilizar de ferramentas técnicas em seus serviços. Esse tipo de comportamento antiético descredibiliza a profissão.

Esses problemas antiéticos de atuação falam da necessidade de reconhecimento para o que os gregos já apontavam há muito tempo: “conhece-se a ti mesmo”. Esta nada tem a ver com a leitura contemporânea individual e psicológica de introspecção, mas sim do lugar enquanto humano diferente dos deuses, ou seja, de reconhecer as próprias limitações (PONDÉ, 2019). Dito isto, ressalta-se a necessidade da Psicologia e, sobretudo do profissional que a exerce, nesse caso, o psicólogo, reconhecer as limitações da sua atuação e lidar com o ressentimento (no sentido filosófico de Nietzsche) que não é nem político, econômico ou social, mas sim existencial.

Para além disso, no que se refere à quebra de sigilo profissional relatada pelos participantes, trata-se de um crime sujeito a pena de três meses a um ano ou multa, como estabelece o art. 154 do código penal: “Revelar alguém, sem justa causa, segredo, de que tem ciência em razão de função, ministério, ofício ou profissão, e cuja revelação possa produzir dano a outrem” é crime de divulgação do segredo (Lei 2848/40).

Quanto à recomendação do serviço do psicólogo, os resultados mostram que pode ser por motivos de problemas e doenças emocionais, mas também por outros aspectos menos críticos, como o autoconhecimento e para ter um local onde se possa desabafar. Esses são aspectos que podem revelar o caráter secundário e elitizado da profissão, uma vez que podem ser vistos como motivos não tão essenciais e urgentes. A história da psicologia como uma disciplina burguesa e elitizada advém da vertente psicanalítica que, como ilustra Moscovici (1978) em sua tese de doutorado, era percebida pelos comunistas franceses como uma prática da elite social.

Quanto ao estereótipo do psicólogo, este parece associado a uma pessoa calma, equilibrada e bem resolvida que analisa pessoas e situações. O aspecto físico do estereótipo ainda é majoritariamente feminino, assim como a profissão, que é composta por 90% de mulheres (DIEESE/CFP, 2016).

Outro ponto dos estereótipos é que são percebidos como pessoas, em geral, de orientação política de esquerda e de classe social média. Mais do que isso, os psicólogos não

são associados a direita, pois como ressaltam os participantes psicólogos de direita são raros e, ainda segundo os participantes, uma vez que estes profissionais são vistos como “abertos”, eles só poderiam ser de esquerda.

Especificamente sobre cada um dos grupos da pesquisa, o grupo 1 ou grupo que não teve contato profissional com psicólogo, em parte apresenta avaliações negativas e em parte acredita que um possível contato com psicólogo seria neutro. Eles também fazem associações com outras profissões, como *coach* e psiquiatra. A falta de familiaridade pode tê-los feito ancorar o desconhecido a partir do que já é familiar. No campo das representações sociais esse processo se chama ancoragem (SÁ, 1993) e ocorre um elemento estranho é inserido numa categoria já conhecida.

O grupo 1 apresenta, ainda, a ideia de que o psicólogo é alguém que ajuda. Além disso, eles afirmam que o psicólogo não tem nada de ruim. Contudo, surgem algumas ideias que poderiam ser negativas relacionadas à profissão, como a absorção de problemas vindos dos pacientes e a dificuldade de se expor para alguém desconhecido.

Já o grupo 2 ou grupo das pessoas que tiveram contato através do ambiente de trabalho, orientação profissional ou avaliação psicológica, considera o trabalho do psicólogo importante, porém também resalta pontos negativos dos profissionais (como no ambiente de trabalho, por exemplo). Diferente do grupo 1 o contato que o grupo 2 teve com o profissional de psicologia possibilitou listar alguns aspectos desses profissionais, como os critérios de avaliação muito subjetivos e o fato de que alguns psicólogos se formam para ter ferramentas na vida pessoal.

São os participantes do grupo 2 que ressaltam os pontos que o psicólogo precisa ter, como equilíbrio, tranquilidade e comprometimento. Outro ponto é que de certa forma parece que o contato breve ou intermediário levou parte deles ao desejo pessoal de fazer terapia e à afirmação que todos, na verdade, deveriam fazer terapia.

O grupo 3 ou grupo das pessoas que fazem/fizeram terapia apresenta algumas particularidades, como uma expectativa frustrada do contato com o profissional. Alguns dizem que esperavam mais do contato, enquanto outros fizeram uma avaliação positiva.

Esse grupo também soube descrever melhor o trabalho do psicólogo. Assim, ele é visto como aquele que conversa e ouve, além de gerar uma perspectiva nova. Os participantes desse grupo apresentam respostas relacionadas a uma percepção menos positiva do psicólogo no qual o trabalho deles não apenas é pouco considerado, como também associado à loucura e solicitado em último caso.

Os psicólogos são vistos como pessoas equilibradas e bem resolvidas no grupo 3. Tal fato possivelmente tem a ver com a postura do profissional em situação de terapia, uma vez que o profissional atento costuma não esboçar reações bruscas ou exacerbadas.

Ademais, em comparação aos outros grupos eles veem o psicólogo como alguém de confiança e sempre recomendam seus serviços. A visão do profissional para eles é de alguém competente e, se todos fizessem terapia, o mundo seria um lugar melhor.

Considerando o conteúdo de todas as entrevistas, embora o assunto do psicólogo não tenha sido direcionado para uma área de atuação específica e, embora o CFP e a COF estabeleçam como áreas de atuação a Psicologia Escolar/Educacional; a Psicologia Organizacional e do Trabalho; a Psicologia de Trânsito; a Psicologia Jurídica; a Psicologia do Esporte; a Psicologia Clínica; a Psicologia Hospitalar; a Psicopedagogia; a Psicomotricidade; a Psicologia Social e a Neuropsicologia, os participantes, unânimes, responderam com enfoque na área da Psicologia Clínica.

Assim sendo, o padrão geral das respostas ilustra o psicólogo como alguém que desempenha terapia individual e que exerce suas atividades no consultório. Fazer clínica, nesse sentido, implica em avaliar o indivíduo e sua subjetividade de forma isolada e cognitiva, pois há certo afastamento do contexto social. O psicólogo é visto, então, como um profissional clínico e de análises intra-individuais. O único ponto que parece destoar desse padrão é relativo aos locais de atuação, onde surgem, então, outras áreas mais sociais e não necessariamente ligadas à saúde.

5 ESTUDO 3 – O QUE OS MORADORES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO PENSAM ACERCA DO PSICÓLOGO? UM ESTUDO DO PENSAMENTO SOCIAL

5.1 Objetivos

O objetivo geral é investigar o pensamento social do profissional de psicologia. Os objetivos específicos são a exploração do estereótipo do psicólogo a partir de quatro subdivisões: características físicas, mentais, traços de personalidade e comportamentos físicos (LIMA, PEREIRA, 2004).

5.2 Método

5.2.1 Participantes

O presente estudo abarca 340 participantes divididos em: 141 que não tiveram contato profissional com psicólogo e 199 que tiveram contato profissional com psicólogo. Além disso, ainda há uma subdivisão segundo a especificação do contato, sendo 101 participantes que tiveram contato somente através do ambiente de trabalho, 40 participantes que tiveram contato somente através da terapia e 58 que tiveram contato tanto no ambiente de trabalho quanto através da terapia (Tabela 25).

Tabela 25 - Participantes da pesquisa por tipo de contato com profissionais da psicologia

Descrição da relação com psicólogo	N	
Participantes que tiveram algum tipo de contato com psicólogo	Contato somente através do ambiente de trabalho	101
	Contato somente através da terapia	40
	Contato através do ambiente de trabalho e da terapia	58
Participantes que não tiveram contato com psicólogo	141	
Total	340	

Fonte: A autora, 2020.

A idade média dos participantes é 29,04 anos e o desvio padrão 2,82. Do total de participantes, 129 são do sexo masculino, 208 do sexo feminino e 3 marcaram outro como opção de resposta. Sobre a etnia/cor, 160 se definiram como brancos, 103 como pardos, 73 como negros, 1 como indígena, 2 como outro e 1 não quis/não soube responder.

No que diz respeito à localidade, os participantes são moradores do Estado do Rio de Janeiro (Angra dos Reis, Petrópolis, Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Niterói, Nova Iguaçu,

Volta Redonda, Nilópolis e São Gonçalo). A coleta dos dados na cidade do Rio de Janeiro compreende a zona norte, zona sul, centro e zona oeste, e nas demais cidades a zona central.

Cabe ressaltar que foi levado em consideração o rendimento mensal domiciliar de diferentes bairros (CHALEGRE, 2016) para que houvesse diversidade na amostra. Por isso, foram coletados dados na Maré, Mangueira, Gávea, Botafogo, Tijuca, Jacarepaguá, Barra de Guaratiba, Madureira, Bento Ribeiro e outros bairros.

5.2.2 Instrumentos

O instrumento é um questionário de 43 questões (APÊNDICE 5), incluindo Escalas de itens de Likert, Escalas de diferencial semântico, questões abertas e fechadas. Ele está dividido em seis blocos: o bloco 1 é sobre o trabalho do psicólogo; o bloco dois é sobre as características mentais e de personalidade do psicólogo, o bloco 3 é sobre aspectos gerais dos psicólogos, o bloco 4 é sobre a comparação dos psicólogos a outras profissões, o bloco 5 é sobre as características físicas dos psicólogos e o bloco 6 é referente às informações do respondente do questionário, como dados pessoais.

De forma geral, os primeiros 17 itens da Escala de Likert são sobre o trabalho do psicólogo em geral, ou seja, sem especificar sua área de atuação, contudo, como a visão acerca do psicólogo é fortemente associada à área clínica (Resultados do Estudo 2 da presente tese, além dos autores Mello, 1975; Lahm e Boeckel, 2008), os itens 18 ao 22 são referentes à área clínica.

Sobre a formulação dos blocos do questionário, os itens sobre o trabalho do psicólogo levam em consideração a forte associação do profissional com testes psicológicos e correção de distúrbios, além da ausência da dimensão social de atuação e o foco em comportamentos e emoções (CFP, 1992; PRAÇA, NOVAES, 2004). Contudo, também foram formulados itens com base do senso comum acerca da profissão (PRAÇA, NOVAES, 2004).

Os itens sobre os possíveis locais de atuação do psicólogo foram criados a partir das atribuições profissionais do psicólogo no Brasil descritas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em 1992, enquanto os itens sobre as características físicas compõem os principais tipos apontados na literatura sobre o tema (WEBER, PAVEI, BISCAIA, 2005; Levantamento de informações sobre a inserção dos psicólogos no mercado de trabalho brasileiro elaborado pelo Dieese e CFP, 2016).

Já os itens sobre as características mentais e de personalidade, bem como os itens sobre a importância do trabalho do psicólogo foram elaborados a partir de estudos acerca do senso

comum sobre a profissão (DE ALMEIDA, 1978; LEME, BUSSAB, OTTA, 1989; PRAÇA, NOVAES, 2004; DE ASSIS, DE SOUZA MATTHES, 2014).

Contudo, todos os itens das Escalas foram elaborados não só a partir dessas pesquisas, mas também a partir dos resultados do Estudo 2 da presente tese de doutorado.

5.2.3 Análise de dados

As perguntas fechadas foram calculadas manualmente a partir das frequências de respostas no Microsoft Office Excel e as perguntas abertas foram categorizadas e contabilizadas em frequências.

Concernente aos itens da Escala de Likert e da Escala de diferencial semântico, foram feitas duas análises a partir do software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). A primeira comparando o grupo que não teve contato profissional com psicólogo com o grupo que teve contato (teste t de Student) e a segunda comparando o grupo que não teve contato profissional com psicólogo com o grupo que teve contato através do ambiente de trabalho e o grupo que teve contato através da terapia (ANOVA).

5.3 **Resultados**

5.3.1 Resultados de participantes que tiveram contato profissional com psicólogo e que não tiveram contato algum com psicólogo

A Tabela 26 apresenta os resultados dos itens da Escala de Likert sobre o trabalho do psicólogo para participantes que tiveram (N = 199) e não tiveram (N = 141) contato profissional com psicólogo. Ambos os grupos discordam quanto ao psicólogo resolver e absorver os problemas dos outros (Itens 6 e 7) e quanto ao psicólogo ter optado pela profissão para lidar com a própria vida (Item 8).

Uma discordância ainda maior abarcada por ambos os grupos surge quanto à afirmação de que terapia é frescura (Item 20), coisa de maluco (Item 21) e coisa de gente rica (Item 22). Contudo, os participantes que tiveram contato com psicólogo discordam mais que os que não tiveram e os resultados são altamente significativos ($<0,001$).

Resultados de discordância mais neutros presentes em ambos os grupos, ou seja, mais próximos ao meio da escala, são referentes às afirmações de que o trabalho do psicólogo é malvisto na sociedade (Item 14) e semelhante ao do trabalho do *coach* (Item 17).

A questão do critério de avaliação dos psicólogos como algo subjetivo teve médias neutras (Item 12). Já o item sobre a visão do trabalho do psicólogo voltado para aconselhar (Item 3), apesar da neutralidade, apresenta uma leve concordância no grupo que não teve contato com o profissional, o que foi, inclusive, um resultado significativo notado no item ($<0,05$). Da mesma forma, o item 18 também apresenta médias neutras com leve concordância no grupo que não teve contato com o profissional, o que se soma ao resultado do item 19 sobre o valor dos atendimentos que, por sua vez, apresenta médias neutras mais concordantes em ambos os grupos.

Resultados de concordância em relação aos itens estão relacionados ao psicólogo como aquele que conversa (Item 2), que ajuda a lidar com problemas e questões pessoais (Item 9) e à mudança de visão sobre o trabalho do psicólogo (Item 15).

Em ambos os grupos a concordância é ainda maior nos itens no qual o psicólogo é aquele que ouve (Item 1), que ajuda e analisa pessoas (Itens 10 e 11), que ajuda a organizar ideias, a tratar e prevenir distúrbios (Itens 4 e 5). Além disso, há alta concordância quanto à importância do trabalho do psicólogo (Item 13) e sua eficácia na promoção de saúde mental (Item 16) sendo, inclusive, resultados significativos ($<0,001$ e $<0,01$ respectivamente). No entanto, as maiores médias são das respostas do grupo que teve contato com o profissional (Itens 13 e 16).

Tabela 26. Resultados dos itens da Escala de Likert calculados pelo teste t de Student (grau de liberdade = 337) sobre o trabalho do psicólogo para os participantes que tiveram e participantes que não tiveram contato profissional com psicólogo (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente). Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Itens da Escala de Likert sobre o trabalho do psicólogo	Classificação do contato com psicólogo	Média	Significância	Classificação da significância
1 - O psicólogo é aquele que ouve.	Não tiveram contato	4,65	0,359	n.s.
	Tiveram algum contato	4,61		
2 - O psicólogo é aquele que conversa.	Não tiveram contato	4,05	0,403	n.s.
	Tiveram algum contato	4,08		
3 - O psicólogo atua dando conselhos.	Não tiveram contato	3,75	0,021	$<0,05$
	Tiveram algum contato	3,24		
4 - O psicólogo ajuda a organizar ideias e fornece uma perspectiva	Não tiveram contato	4,47	0,100	n.s.
	Tiveram algum contato	4,57		
5 - Ajuda a prevenir e tratar distúrbios psicológicos.	Não tiveram contato	4,50	0,523	n.s.
	Tiveram algum contato	4,46		
6 - O psicólogo resolve problemas dos outros.	Não tiveram contato	2,52	0,999	n.s.
	Tiveram algum contato	2,30		
7 - Psicólogos absorvem problemas dos outros.	Não tiveram contato	2,37	0,146	n.s.
	Tiveram algum contato	2,26		
8 - Alguns psicólogos optam pela profissão para lidar com a própria vida.	Não tiveram contato	2,46	0,480	n.s.
	Tiveram algum contato	2,42		
9 - O psicólogo ajuda a lidar com problemas e questões pessoais	Não tiveram contato	4,28	0,961	n.s.
	Tiveram algum contato	4,32		
10 - Psicólogos ajudam as pessoas.	Não tiveram contato	4,60	0,135	n.s.
	Tiveram algum contato	4,58		

Tabela 26. Resultados dos itens da Escala de Likert calculados pelo teste t de Student (grau de liberdade = 337) sobre o trabalho do psicólogo para os participantes que tiveram e participantes que não tiveram contato profissional com psicólogo (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente). Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Itens da Escala de Likert sobre o trabalho do psicólogo	Classificação do contato com psicólogo	Média	Significância	Classificação da significância
11 - Psicólogos analisam pessoas e situações.	Não tiveram contato	4,64	0,316	n.s.
	Tiveram algum contato	4,57		
12 - Psicólogos tem critérios de avaliação muito subjetivos	Não tiveram contato	3,36	0,169	n.s.
	Tiveram algum contato	3,19		
13 - O trabalho do psicólogo é importante.	Não tiveram contato	4,80	0,0001	<0,001
	Tiveram algum contato	4,92		
14 - O trabalho do psicólogo é malvisto pela sociedade.	Não tiveram contato	2,51	0,445	n.s.
	Tiveram algum contato	2,64		
15 - A visão sobre a importância do trabalho dos psicólogos de uns tempos para cá mudou.	Não tiveram contato	4,09	0,508	n.s.
	Tiveram algum contato	4,13		
16 - O trabalho do psicólogo é eficaz para promover saúde mental.	Não tiveram contato	4,65	0,003	<0,01
	Tiveram algum contato	4,75		
17 - O trabalho do psicólogo é motivacional semelhante ao <i>coach</i>	Não tiveram contato	2,55	0,117	n.s.
	Tiveram algum contato	2,06		
18 - É possível viver normalmente sem fazer acompanhamento psicológico/terapia.	Não tiveram contato	3,70	0,306	n.s.
	Tiveram algum contato	3,12		
19 - O valor dos atendimentos com psicólogo é alto.	Não tiveram contato	3,62	0,977	n.s.
	Tiveram algum contato	3,79		
20 - Terapia é frescura.	Não tiveram contato	1,34	0,0001	<0,001
	Tiveram algum contato	1,09		
21 - Terapia é coisa de maluco.	Não tiveram contato	1,21	0,0001	<0,001
	Tiveram algum contato	1,09		
22 - Terapia é coisa de gente rica.	Não tiveram contato	2,02	0,622	n.s.
	Tiveram algum contato	1,89		

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 27 estão os resultados referentes à avaliação das características mentais e personalidade do psicólogo segundo os participantes da pesquisa. De forma geral, os resultados de ambos os grupos apontam para uma visão dos psicólogos como atenciosos (Item 25), inteligentes (Item 26), calmos (Item 27), pacientes (Item 29) e responsáveis (Item 30).

Apesar de também serem considerados mais sérios do que engraçados (Item 28), as médias de ambos os grupos se mostram perto do meio da escala, o que sugere um posicionamento mediano entre os dois adjetivos.

Médias neutras são vistas em ambos os grupos concernente aos adjetivos resolvidos/bem resolvidos (Item 23) e doidos/normais (Item 24). No entanto, apesar de neutras estas parecem mais voltadas para os polos dos adjetivos bem resolvidos e normais.

Tabela 27 - Resultados relativos à escala de diferencial semântico calculados pelo teste t de Student (grau de liberdade = 337) sobre o trabalho do psicólogo para os participantes que tiveram e participantes que não tiveram contato profissional com psicólogo (Escala de cinco pontos). Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Escala de diferencial semântico sobre as características mentais e personalidade do psicólogo	Classificação do contato com psicólogo	Média	Significância	Classificação da significância
23 - Os psicólogos em geral são mal resolvidos/bem resolvidos	Não tiveram contato	3,66	0,575	n.s.
	Tiveram algum contato	3,63		
24 - Os psicólogos em geral são doídos/normais	Não tiveram contato	3,77	0,754	n.s.
	Tiveram algum contato	3,96		
25 - Os psicólogos em geral são atenciosos/desatentos	Não tiveram contato	1,91	0,019	<0,05
	Tiveram algum contato	1,54		
26 - Os psicólogos em geral são inteligentes/ignorantes	Não tiveram contato	1,69	0,583	n.s.
	Tiveram algum contato	1,60		
27 - Os psicólogos em geral são calmos/agitados	Não tiveram contato	2,01	0,330	n.s.
	Tiveram algum contato	1,93		
28 - Os psicólogos em geral são sérios/engraçados	Não tiveram contato	2,65	0,494	n.s.
	Tiveram algum contato	2,62		
29 - Os psicólogos em geral são pacientes/estressados	Não tiveram contato	1,74	0,945	n.s.
	Tiveram algum contato	1,70		
30 - Os psicólogos em geral são responsáveis/desleixados	Não tiveram contato	1,75	0,233	n.s.
	Tiveram algum contato	1,57		

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 28 os participantes da pesquisa concebem os psicólogos como profissionais de classe média (50,3%), seguidos de classe média alta (21,8%) e não sei/não quero responder (14,1%). É interessante notar que apenas 8,8% dos participantes atribui ao psicólogo a classes baixa ou media baixa, ou seja, a grande maioria os vê como profissionais da classe média.

Tabela 28 - Resultados relativos à classe social dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Classe social em geral dos psicólogos segundo os participantes da pesquisa	N	%
Classe alta	5	1,5%
Classe média alta	74	21,8%
Classe média	171	50,3%
Classe média baixa	27	7,9%
Classe baixa	3	0,9%
Existem psicólogos de todas as classes	12	3,5%
Não sei/Não quero responder	48	14,1%
Total	340	100,0%

Fonte: A autora, 2020.

Quando à orientação política dos psicólogos (Tabela 29) os participantes afirmaram que não sabem ou não quiseram responder (52,6%). As respostas com maior frequência seguintes a esta foram centro-esquerda (15,9%) e esquerda (11,8%), respectivamente.

Tabela 29 - Resultados relativos à orientação política dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Orientação política em geral dos psicólogos segundo os participantes da pesquisa	N	%
Esquerda	40	11,8%
Centro-esquerda	54	15,9%
Centro	39	11,5%
Direita	10	2,9%
Centro-direita	5	1,5%
Existem psicólogos de todos os posicionamentos políticos/Isso não interfere na profissão	13	3,8%
Não sei/Não quero responder	179	52,6%
Total	340	100,0%

Fonte: A autora, 2020.

O trabalho do psicólogo em comparação a outras profissões e, mais precisamente, ao trabalho do psiquiatra é visto na Tabela 30. Nela, majoritariamente 89,1% dos participantes afirmaram que ambos os trabalhos possuem o mesmo nível de importância, seguido de não sei/não quero responder com 4,7%.

Tabela 30 - Resultados relativos ao nível de importância do trabalho do psicólogo em comparação ao trabalho do psiquiatra segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Nível de importância do trabalho do psicólogo em comparação ao trabalho do psiquiatra	N	%
Superior	13	3,8%
Tão importante quanto	303	89,1%
Inferior	8	2,4%
Não sei/Não quero responder	16	4,7%
Total	340	100,0%

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 31 temos os resultados sobre aparência física dos psicólogos em geral, mais especificamente, o gênero. O que se nota é a predominância do gênero feminino, pois 41,8% dos participantes atribui a mulher de 70% a 90% de chances de ser profissional de psicologia. Os homens têm, segundo a maioria das respostas (46,5%), 50% de chances.

Tabela 31 - Resultados relativos ao gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa	0% de chances de um psicólogo ser		20% a 40% de chances de um psicólogo ser		50% de chances de um psicólogo ser		70% a 90% de chances um psicólogo ser		100% de chances de um psicólogo ser		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Mulher	1	0,3%	7	2,1%	84	24,7%	142	41,8%	99	29,1%	7	2,1%
Homem	11	3,2%	47	13,8%	158	46,5%	68	20,0%	41	12,1%	15	4,4%

Fonte: A autora, 2020.

Em relação à vestimenta e acessórios em geral (Tabela 32), os participantes da pesquisa afirmam que os psicólogos têm 50% de chances de usar óculos de grau (39,7%), colar e acessórios coloridos (34,7%), ter piercings e tatuagens (36,8%), usar roupa confortável (30,6%) e roupa social (30,9%). Já o jaleco foi atribuído de 20% a 40% de chances de ser usado por um psicólogo (27,1%).

Tabela 32 - Resultados relativos à vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa	0% de chances de um psicólogo usar/ter		20% a 40% de chances de um psicólogo usar/ter		50% de chances de um psicólogo usar/ter		70% a 90% de chances de um psicólogo usar/ter		100% de chances de um psicólogo usar/ter		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
	Óculos de grau	25	7,4%	48	14,1%	135	39,7%	82	24,1%	37	10,9%	13
Colar e/ou acessórios coloridos	23	6,8%	80	23,5%	118	34,7%	72	21,2%	32	9,4%	15	4,4%
Piercings e tatuagens	41	12,1%	112	32,9%	125	36,8%	30	8,8%	13	3,8%	19	5,6%
Jaleco	81	23,8%	92	27,1%	84	24,7%	33	9,7%	37	10,9%	13	3,8%
Roupa confortável	4	1,2%	32	9,4%	104	30,6%	100	29,4%	88	25,9%	12	3,5%
Roupa social	18	5,3%	40	11,8%	105	30,9%	94	27,6%	71	20,9%	12	3,5%

Fonte: A autora, 2020.

Os resultados referentes à etnia/cor (Tabela 33) são de 70% a 90% para o psicólogo branco (36,2%), de 50% para o psicólogo negro (45,3%), e de 20% a 40% para indígena (46,8%) ou asiático (40,3%).

Tabela 33 - Resultados relativos à etnia/cor dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Cor/etnia dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa	0% de chances de um psicólogo ser		20% a 40% de chances de um psicólogo ser		50% de chances de um psicólogo ser		70% a 90% de chances de um psicólogo ser		100% de chances de um psicólogo ser		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
	Branco	11	3,2%	11	3,2%	92	27,1%	123	36,2%	87	25,6%	16
Negro	12	3,5%	71	20,9%	154	45,3%	53	15,6%	34	10,0%	16	4,7%
Indígena	85	25,0%	159	46,8%	52	15,3%	16	4,7%	10	2,9%	18	5,3%
Asiático	60	17,6%	137	40,3%	92	27,1%	25	7,4%	13	3,8%	13	3,8%

Fonte: A autora, 2020.

A imagem corporal dos psicólogos segundo os participantes da pesquisa está descrita na Tabela 34. Os psicólogos têm 50% de chances de ter o tipo físico atlético (43,8%), magro (46,2%) e de ter entre 55 e 75 anos (38,8%). As chances de ter tipo físico obeso estão empatadas em 20% a 40% de chances (35,6%) e 50% de chances (35,6%). A idade entre 25 e 45 anos teve maiores respostas (35,9%) no escore de 70% a 90%, enquanto a idade de 80 anos ou mais, no escore de 20% a 40% de chances (47,9%).

Tabela 34 - Resultados relativos à imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa	0% de chances de um psicólogo ser/ter		20% a 40% de chances de um psicólogo ser/ter		50% de chances de um psicólogo ser/ter		70% a 90% de chances de um psicólogo ser/ter		100% de chances de um psicólogo ser/ter		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Atlético	49	14,4%	85	25,0%	149	43,8%	29	8,5%	13	3,8%	15	4,4%
Magro	10	2,9%	24	7,1%	157	46,2%	91	26,8%	39	11,5%	19	5,6%
Obeso	39	11,5%	121	35,6%	121	35,6%	24	7,1%	15	4,4%	20	5,9%
Entre 25 e 45 anos	6	1,8%	16	4,7%	77	22,6%	122	35,9%	106	31,2%	13	3,8%
Entre 55 e 75 anos	25	7,4%	91	26,8%	132	38,8%	52	15,3%	24	7,1%	16	4,7%
80 anos ou mais	92	27,1%	163	47,9%	52	15,3%	8	2,4%	8	2,4%	17	5,0%

Fonte: A autora, 2020.

Quando perguntados sobre alguma situação antiética experienciada a nível pessoal ou mencionada por terceiros (Tabela 35) 76% das respostas foi “não passei e não conheço quem tenha passado por nenhuma situação antiética”. Contudo, 11,3% das respostas são relativas à quebra de sigilo profissional e a soma total das situações antiéticas passadas ou relatadas por outros chega a 24%.

Tabela 35 - Resultados relativos às situações antiéticas experienciadas pessoalmente ou relatadas por terceiros aos participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Situações antiéticas da atuação do psicólogo	N	%
Não passei e não conheço quem tenha passado por nenhuma situação antiética	269	76,0%
Quebra de sigilo do profissional	40	11,3%
Induzir/falar sobre posicionamento político	21	5,9%
Induzir/falar sobre religião	22	6,2%
Outro	2	0,6%
Total	354	100,0%

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 36 temos 96,5% dos participantes afirmando que sim, recomendariam o serviço do psicólogo, porém 3,5% dos participantes afirmaram que não recomendariam.

Tabela 36 - Resultados relativos à recomendação pessoal do serviço psicológico segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Recomendaria o serviço do psicólogo?	N	%
Não	12	3,5%
Sim	328	96,5%
Total	340	100,0%

Fonte: A autora, 2020.

Os motivos de recomendação do serviço do psicólogo (Tabela 37) são, em sua maioria, com a finalidade de conhecimento e desenvolvimento pessoal (28,7%), seguido da afirmação de que em algum momento todos precisam de terapia (23,3%), e de auxílio aos problemas (17,1%).

Tabela 37 - Resultados relativos aos motivos de recomendação do serviço psicológico segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 328.

Motivos de recomendação do serviço do psicólogo	N	%
Problemas	101	17,1%
Conhecimento e desenvolvimento pessoal	169	28,7%
Para ter com quem falar/desabafar	90	15,3%
Para recomendar o serviço depende da situação	70	11,9%
Em algum momento todos precisam de terapia	137	23,3%
Não sei/Não quero responder	21	3,6%
Outro	1	0,2%
Total	589	100,0%

Fonte: A autora, 2020.

Na tabela 38, quando questionados sobre se sentirem ofendidos caso alguém recomendasse o serviço do psicólogo, 42,1% dos participantes não soube ou não quis responder. Outros 36,2% afirmou que não se sentiria ofendido, 20,3% respondeu que depende de quem e como fala, e 1,5% disse que sim, se sentiria ofendido.

Tabela 38 - Resultados relativos à ofensa ou não ofensa da recomendação do serviço psicológico por terceiros segundo os participantes da pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil. N = 340.

Você se sentiria ofendido caso alguém recomendasse o serviço do psicólogo?	N	%
Não	123	36,2%
Sim	5	1,5%
Depende de quem/como fala	69	20,3%
Não sei/Não quero responder	143	42,1%
Total	340	100,0%

Fonte: A autora, 2020.

5.3.2 Resultados de participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia, que tiveram contato através do ambiente de trabalho e que não tiveram contato profissional com psicólogo

Os resultados a seguir são referentes a um recorte da amostra de 340 participantes. Foram selecionados para essa análise, aleatoriamente, 60 participantes que não tiveram contato com psicólogo, 50 que tiveram contato somente através da terapia e 40 que tiveram contato com psicólogo somente através do ambiente de trabalho, totalizando, assim, 150 participantes.

Na Tabela 39 os resultados mostram a concordância dos três grupos de participantes quanto aos itens que descrevem a atuação do psicólogo (itens 1, 2, 4, 5, 9 e 10), contudo o item 11 apresenta resultados significativos ($<0,05$) quanto à afirmação do psicólogo como um

profissional que analisa pessoas e situações. O grupo dos participantes que não teve contato com o psicólogo apresenta maior média que os outros dois grupos que tiveram contato.

Médias neutras aparecem nos itens 3 e 12, porém no item 3 os resultados são significativos ($<0,05$) e mostram que os participantes que não tiveram contato com psicólogo apresentam maior concordância do que os demais grupos quanto à atuação do psicólogo enquanto alguém que dá conselhos.

Os resultados com médias desfavoráveis surgem nos itens 6, 7 e 8. Quanto à visão dos psicólogos como profissionais que resolvem problemas e que optam pela carreira por motivos pessoais, os participantes que tiveram contato através da terapia são os que mais discordam dessas afirmações. Já quanto à absorção de problemas dos pacientes, os participantes que não tiveram contato com psicólogo apresentam médias próximas do meio da escala, ou seja, mais neutras.

Relevância e imagem do trabalho do psicólogo estão descritas nos itens 13, 14 e 15. Os participantes concordam que o trabalho é importante e que a visão acerca deste mudou ao longo do tempo, no entanto a concordância é maior no grupo dos que tiveram contato através da terapia. Quanto à afirmação do trabalho do psicólogo ser malvisto na sociedade, no item 14, os resultados são significativos ($<0,01$) e chama atenção a média neutra dos participantes que tiveram contato por meio da terapia em comparação às médias desfavoráveis dos demais grupos.

A eficácia do trabalho do psicólogo é acordada entre os três grupos de participantes (item 14). Da mesma forma, é de comum acordo que o trabalho psicólogo não é semelhante ao do coach (item 17), mas os participantes que tiveram contato através da terapia discordam mais que os demais grupos, sendo esse resultado altamente significativo (0,001).

A atuação na área da psicologia clínica foi avaliada nos itens 18, 19, 20, 21 e 22. Os participantes discordam quanto às afirmações que terapia é coisa de maluco (item 21), coisa de gente rica (item 22) ou frescura (20), porém, nesse último item, o grupo que não teve contato com psicólogo discorda menos que os outros e esse resultado foi significativo ($<0,05$).

Nos itens 18 e 19 vemos médias levemente favoráveis nos resultados dos três grupos. Resultados altamente significativos ($<0,001$) estão no item 18, onde os que não tiveram contato com psicólogo concordam que é possível viver sem acompanhamento terapêutico, enquanto os que tiveram contato através do trabalho também concordam, embora mais próximos à neutralidade, e os que tiveram contato por conta da terapia se mostram neutros. Já no item 19 há concordância entre os três grupos quanto ao alto valor dos atendimentos terapêuticos, chamando atenção as médias dos participantes que fazem terapia.

Tabela 39 - Resultados dos itens da Escala de Likert calculados pela Análise de Variância (ANOVA) sobre o trabalho do psicólogo para os participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia, que tiveram contato através do ambiente de trabalho e participantes que não tiveram contato profissional com psicólogo (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente). Rio de Janeiro, Brasil. N = 150.

Itens de Likert sobre o trabalho do psicólogo	Classificação do contato	Média	Significância	Classificação da sig.
1 - O psicólogo é aquele que ouve.	Não contato	4,75	0,293	n.s.
	Contato terapia	4,58		
	Contato trabalho	4,77		
2 - O psicólogo é aquele que conversa.	Não contato	4,22	0,079	n.s.
	Contato terapia	4,22		
	Contato trabalho	3,77		
3 - O psicólogo atua dando conselhos.	Não contato	3,90	0,051	<0,05
	Contato terapia	3,30		
	Contato trabalho	3,39		
4 - O psicólogo ajuda a organizar ideias e fornece uma perspectiva	Não contato	4,44	0,407	n.s.
	Contato terapia	4,62		
	Contato trabalho	4,62		
5 - Ajuda a prevenir e tratar distúrbios psicológicos.	Não contato	4,48	0,291	n.s.
	Contato terapia	4,28		
	Contato trabalho	4,56		
6 - O psicólogo resolve problemas dos outros.	Não contato	2,45	0,236	n.s.
	Contato terapia	2,12		
	Contato trabalho	2,62		
7 - Psicólogos absorvem problemas dos outros.	Não contato	2,50	0,412	n.s.
	Contato terapia	2,20		
	Contato trabalho	2,21		
8 - Alguns psicólogos optam pela profissão para lidar com a própria vida.	Não contato	2,32	0,556	n.s.
	Contato terapia	2,13		
	Contato trabalho	2,39		
9 - O psicólogo ajuda a lidar com problemas e questões pessoais	Não contato	4,23	0,950	n.s.
	Contato terapia	4,16		
	Contato trabalho	4,21		
10 - Psicólogos ajudam as pessoas.	Não contato	4,65	0,724	n.s.
	Contato terapia	4,64		
	Contato trabalho	4,54		
11 - Psicólogos analisam pessoas e situações.	Não contato	4,77	0,033	<0,05
	Contato terapia	4,54		
	Contato trabalho	4,44		
12 - Psicólogos têm critérios de avaliação muito subjetivos	Não contato	3,45	0,260	n.s.
	Contato terapia	3,04		
	Contato trabalho	3,18		
	Não contato	4,77	0,266	n.s.

Tabela 39 - Resultados dos itens da Escala de Likert calculados pela Análise de Variância (ANOVA) sobre o trabalho do psicólogo para os participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia, que tiveram contato através do ambiente de trabalho e participantes que não tiveram contato profissional com psicólogo (Escala de cinco pontos sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente). Rio de Janeiro, Brasil. N = 150.

Itens de Likert sobre o trabalho do psicólogo	Classificação do contato	Média	Significância	Classificação da sig.
13 - O trabalho do psicólogo é importante.	Contato terapia	4,90		
	Contato trabalho	4,87		
14 - O trabalho do psicólogo é malvisto pela sociedade.	Não contato	2,42	0,011	<0,01
	Contato terapia	3,06		
	Contato trabalho	2,33		
15 - A visão sobre a importância do trabalho dos psicólogos de uns tempos para cá mudou.	Não contato	4,10	0,828	n.s.
	Contato terapia	4,22		
	Contato trabalho	4,16		
16 - O trabalho do psicólogo é eficaz para promover saúde mental.	Não contato	4,75	0,719	n.s.
	Contato terapia	4,70		
	Contato trabalho	4,80		
17 - O trabalho do psicólogo é motivacional semelhante ao coach	Não contato	2,55	0,001	<0,001
	Contato terapia	1,59		
	Contato trabalho	2,41		
18 - É possível viver normalmente sem fazer acompanhamento psicológico/terapia.	Não contato	3,97	0,001	<0,001
	Contato terapia	3,00		
	Contato trabalho	3,46		
19 - O valor dos atendimentos com psicólogo é alto.	Não contato	3,63	0,563	n.s.
	Contato terapia	3,84		
	Contato trabalho	3,61		
20 - Terapia é frescura.	Não contato	1,30	0,035	<0,05
	Contato terapia	1,08		
	Contato trabalho	1,10		
21 - Terapia é coisa de maluco.	Não contato	1,20	0,350	n.s.
	Contato terapia	1,06		
	Contato trabalho	1,15		
22 - Terapia é coisa de gente rica.	Não contato	2,17	0,690	n.s.
	Contato terapia	2,10		
	Contato trabalho	1,95		

Fonte: A autora, 2020.

Quanto às características mentais e de personalidade dos psicólogos, segundo os três grupos de participantes da pesquisa, a Tabela 40 mostra a visão dos profissionais atrelada, em geral, a pessoas bem resolvidas, normais, atenciosas, inteligentes, calmas, sérias, pacientes e responsáveis. Entretanto, os participantes que não tiveram contato com psicólogo possuem

médias de respostas mais voltadas para o extremo da escala do que os outros grupos, como se pode notar nos itens 26, 28, 29 e 30.

Tabela 40 - Resultados relativos à escala de diferencial semântico calculados pela Análise de Variância (ANOVA) sobre o trabalho do psicólogo para participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia, que tiveram contato através do ambiente de trabalho e participantes que não tiveram contato profissional com psicólogo (Escala de cinco pontos). Rio de Janeiro, Brasil. N = 150.

Escala de diferencial semântico sobre as características mentais e personalidade do psicólogo	Classificação do contato com psicólogo	Média	Significância	Classificação da significância
23 - Os psicólogos em geral são mal resolvidos/bem resolvidos	Não contato	3,71	0,564	n.s.
	Contato terapia	3,53		
	Contato trabalho	3,54		
24 - Os psicólogos em geral são doídos/normais	Não contato	3,82	0,964	n.s.
	Contato terapia	3,81		
	Contato trabalho	3,87		
25 - Os psicólogos em geral são atenciosos/desatentos	Não contato	1,75	0,551	n.s.
	Contato terapia	1,58		
	Contato trabalho	1,56		
26 - Os psicólogos em geral são inteligentes/ignorantes	Não contato	1,50	0,505	n.s.
	Contato terapia	1,61		
	Contato trabalho	1,69		
27 - Os psicólogos em geral são calmos/agitados	Não contato	1,88	0,165	n.s.
	Contato terapia	2,14		
	Contato trabalho	1,74		
28 - Os psicólogos em geral são sérios/engraçados	Não contato	2,42	0,470	n.s.
	Contato terapia	2,64		
	Contato trabalho	2,46		
29 - Os psicólogos em geral são pacientes/estressados	Não contato	1,62	0,780	n.s.
	Contato terapia	1,72		
	Contato trabalho	1,74		
30 - Os psicólogos em geral são responsáveis/desleixados	Não contato	1,53	0,886	n.s.
	Contato terapia	1,56		
	Contato trabalho	1,62		

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 41 os participantes que não tiveram contato com psicólogo deram, como resposta, 50% de chance de um psicólogo ser do gênero masculino (48,3%) do que no feminino (35,5%).

Tabela 41 - Resultados relativos ao gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo. Rio de Janeiro, Brasil. N = 60.

Gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo	0% de chances de um psicólogo ser		20% a 40% de chances de um psicólogo ser		50% de chances de um psicólogo ser		70% a 90% de chances de um psicólogo ser		100% de chances de um psicólogo ser		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
	Mulher	0	0,0%	2	3,3%	21	35,0%	20	33,3%	15	25,0%	2
Homem	2	3,3%	8	13,3%	29	48,3%	13	21,7%	4	6,7%	4	6,7%

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 42, as maiores porcentagens dos participantes que não tiveram contato com psicólogo estão na atribuição de 50% de chance de um psicólogo usar óculos (50,0%), usar colar ou acessórios coloridos (43,3%), ter piercings e tatuagens (38,3%), usar jaleco (26,7%), roupa confortável (33,3%) ou social (38,3%).

Tabela 42 - Resultados relativos à vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo. RJBrasil. N = 60.

Vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo	0% de chances de um psicólogo usar/ter		20% a 40% de chances de um psicólogo usar/ter		50% de chances de um psicólogo usar/ter		70% a 90% de chances de um psicólogo usar/ter		100% de chances de um psicólogo usar/ter		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
	Óculos de grau	5	8,3%	10	16,7%	30	50,0%	11	18,3%	2	3,3%	2
Colar e/ou acessórios coloridos	5	8,3%	13	21,7%	26	43,3%	7	11,7%	5	8,3%	4	6,7%
Piercings e tatuagens	11	18,3%	17	28,3%	23	38,3%	4	6,7%	1	1,7%	4	6,7%
Jaleco	15	25,0%	14	23,3%	16	26,7%	4	6,7%	8	13,3%	3	5,0%
Roupa confortável	0	0,0%	5	8,3%	20	33,3%	18	30,0%	15	25,0%	2	3,3%
Roupa social	4	6,7%	2	3,3%	23	38,3%	11	18,3%	17	28,3%	3	5,0%

Fonte: A autora, 2020.

Quanto à cor/etnia, a Tabela 43 mostra que as maiores porcentagens dos participantes que não tiveram contato com psicólogo estão na atribuição de 50% de chance de um psicólogo ser branco (38,3%), negro (55,0%) ou asiático (33,3%). Já a maior porcentagem quanto aos indígenas (46,7%) foi a de 20% a 40% de chance.

Tabela 43 - Resultados relativos à etnia/cor dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo. Rio de Janeiro, Brasil. N = 60.

Cor/etnia dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo	0% de chances de um psicólogo ser		20% a 40% de chances de um psicólogo ser		50% de chances de um psicólogo ser		70% a 90% de chances de um psicólogo ser		100% de chances de um psicólogo ser		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
	Branco	3	5,0%	1	1,7%	23	38,3%	18	30,0%	10	16,7%	5
Negro	3	5,0%	12	20,0%	33	55,0%	4	6,7%	3	5,0%	5	8,3%
Índigena	19	31,7%	28	46,7%	7	11,7%	1	1,7%	1	1,7%	4	6,7%
Asiático	12	20,0%	19	31,7%	20	33,3%	4	6,7%	1	1,7%	4	6,7%

Fonte: A autora, 2020.

Quanto à imagem dos psicólogos, a Tabela 44 mostra que as maiores porcentagens dos participantes que não tiveram contato com psicólogo estão na atribuição de 50% de chance de um psicólogo ser atlético (46,7%), magro (61,7%), obeso (31,7%) e ter entre 25 e 45 anos (31,7%). A maior porcentagem quanto a ter 80 anos ou mais (45,0%) foi de 20% a 40% de chance, com a ressalva de empate nas respostas de 20% a 40% de chance e de 50% de chance na porcentagem na idade de 55 a 75 anos.

Tabela 44 - Resultados relativos à imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo. RJ, Brasil. N = 60.

Imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que não tiveram contato com psicólogo	0% de chances de um psicólogo ser/ter		20% a 40% de chances de um psicólogo ser/ter		50% de chances de um psicólogo ser/ter		70% a 90% de chances de um psicólogo ser/ter		100% de chances de um psicólogo ser/ter		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Atlético	14	23,3%	11	18,3%	28	46,7%	3	5,0%	1	1,7%	3	5,0%
Magro	3	5,0%	3	5,0%	37	61,7%	10	16,7%	3	5,0%	4	6,7%
Obeso	12	20,0%	17	28,3%	19	31,7%	7	11,7%	1	1,7%	4	6,7%
Entre 25 e 45 anos	0	0,0%	2	3,3%	19	31,7%	14	23,3%	23	38,3%	2	3,3%
Entre 55 e 75 anos	3	5,0%	21	35,0%	21	35,0%	8	13,3%	3	5,0%	4	6,7%
80 anos ou mais	21	35,0%	27	45,0%	6	10,0%	0	0,0%	2	3,3%	4	6,7%

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 45 os participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia deram como resposta 50% de chance de um psicólogo ser de gênero masculino (62,0%). Contudo, a maior frequência de respostas esteve no escore de 70% a 90% a maior porcentagem no gênero feminino (50,0%).

Tabela 45 - Resultados relativos ao gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através da terapia. Rio de Janeiro, Brasil. N = 50.

Gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato através da terapia	0% de chances de um psicólogo ser		20% a 40% de chances de um psicólogo ser		50% de chances de um psicólogo ser		70% a 90% de chances de um psicólogo ser		100% de chances de um psicólogo ser		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Mulher	0	0,0%	0	0,0%	11	22,0%	25	50,0%	10	20,0%	4	8,0%
Homem	1	2,0%	3	6,0%	31	62,0%	7	14,0%	3	6,0%	5	10,0%

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 46, as maiores porcentagens dos participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia estão na atribuição de 50% de chance de um psicólogo usar óculos (46,0%), de usar colar ou acessórios coloridos (40,0%) e ter piercings e tatuagens (24,0%). As

chances de usar jaleco (42,0%) estão, em sua maioria, no escore de 20% a 40% de chances, enquanto roupa confortável (30,0%) e roupa social (34,0%) ficaram com as maiores porcentagens de 70% a 90% de chance.

Tabela 46 - Resultados relativos à vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através da terapia. Rio de Janeiro, Brasil. N = 50.

Vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato através da terapia	0% de chances de um psicólogo usar/ter		20% a 40% de chances de um psicólogo usar/ter		50% de chances de um psicólogo usar/ter		70% a 90% de chances de um psicólogo usar/ter		100% de chances de um psicólogo usar/ter		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Óculos de grau	1	2,0%	8	16,0%	23	46,0%	8	16,0%	4	8,0%	6	12,0%
Colar e/ou acessórios coloridos	2	4,0%	9	18,0%	20	40,0%	12	24,0%	3	6,0%	4	8,0%
Piercings e tatuagens	6	12,0%	12	24,0%	20	40,0%	4	8,0%	1	2,0%	7	14,0%
Jaleco	13	26,0%	21	42,0%	9	18,0%	1	2,0%	1	2,0%	5	10,0%
Roupa confortável	0	0,0%	6	12,0%	13	26,0%	15	30,0%	12	24,0%	4	8,0%
Roupa social	4	8,0%	6	12,0%	15	30,0%	17	34,0%	5	10,0%	3	6,0%

Fonte: A autora, 2020.

Quanto à cor/etnia, a Tabela 47 mostra que as maiores porcentagens dos participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia estão na atribuição de 70% a 90% de chance de um psicólogo ser branco (42,0%), 50% de chance de ser negro (36,0%) e de 20% a 40% de chance de ser indígena (48,0%) ou asiático (48,0%).

Tabela 47 - Resultados relativos à etnia/cor dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através da terapia. RJ, Brasil. N = 50.

Cor/etnia dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato através da terapia	0% de chances de um psicólogo ser		20% a 40% de chances de um psicólogo ser		50% de chances de um psicólogo ser		70% a 90% de chances de um psicólogo ser		100% de chances de um psicólogo ser		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Branco	1	2,0%	2	4,0%	9	18,0%	21	42,0%	11	22,0%	6	12,0%
Negro	4	8,0%	14	28,0%	18	36,0%	6	12,0%	3	6,0%	5	10,0%
Indígena	11	22,0%	24	48,0%	7	14,0%	1	2,0%	0	0,0%	7	14,0%
Asiático	8	16,0%	24	48,0%	11	22,0%	1	2,0%	1	2,0%	5	10,0%

Fonte: A autora, 2020.

Quanto à imagem dos psicólogos, a Tabela 48 mostra que as maiores porcentagens dos participantes que tiveram contato com psicólogo através da terapia estão na atribuição de 50% de chance de um psicólogo ser atlético (44,0%), magro (46,0%) e de ter entre 55 e 75 anos (36,0%). A maior porcentagem quanto a ter 80 anos ou mais (45,0%) ou ser obeso (32,0%) foi

de 20% a 40% de chance, enquanto a porcentagem na idade de 25 a 45 anos foi maior no escore de 70% a 90% de chance.

Tabela 48 - Resultados relativos à imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através da terapia. Rio de Janeiro, Brasil. N = 50.

Imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato através da terapia	0% de chances de um psicólogo ser/ter		20% a 40% de chances de um psicólogo ser/ter		50% de chances de um psicólogo ser/ter		70% a 90% de chances de um psicólogo ser/ter		100% de chances de um psicólogo ser/ter		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Atlético	9	18,0%	8	16,0%	22	44,0%	3	6,0%	2	4,0%	6	12,0%
Magro	1	2,0%	2	4,0%	23	46,0%	12	24,0%	4	8,0%	8	16,0%
Obeso	7	14,0%	16	32,0%	14	28,0%	2	4,0%	2	4,0%	9	18,0%
Entre 25 e 45 anos	1	2,0%	2	4,0%	14	28,0%	20	40,0%	8	16,0%	5	10,0%
Entre 55 e 75 anos	6	12,0%	14	28,0%	18	36,0%	5	10,0%	1	2,0%	6	12,0%
80 anos ou mais	13	26,0%	26	52,0%	4	8,0%	1	2,0%	0	0,0%	6	12,0%

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 49 os participantes que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho obtiveram a maior porcentagem de respostas no escore do gênero masculino (40,0%). Contudo, os participantes obtiveram no escore de 70% a 90% a maior porcentagem no gênero feminino (45,0%).

Tabela 49 - Resultados relativos ao gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho. Rio de Janeiro, Brasil. N = 40.

Gênero dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato através do ambiente de trabalho	0% de chances de um psicólogo ser		20% a 40% de chances de um psicólogo ser		50% de chances de um psicólogo ser		70% a 90% de chances de um psicólogo ser		100% de chances de um psicólogo ser		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Mulher	1	2,5%	0	0,0%	6	15,0%	18	45,0%	15	37,5%	0	0,0%
Homem	2	5,0%	7	17,5%	16	40,0%	8	20,0%	6	15,0%	1	2,5%

Fonte: A autora, 2020.

Na Tabela 50, as maiores porcentagens dos participantes que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho estão na atribuição de 50% de chance de um psicólogo usar óculos (40,0%), de usar colar ou acessórios coloridos (37,5%), ter piercings e tatuagens (45,0%) e usar jaleco (27,5%). As chances de usar roupa confortável (35,0%) e usar roupa social (30,0%) estão, em sua maioria, no escore de 70% a 90% de chance.

Tabela 50 - Resultados relativos à vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho. Rio de Janeiro, Brasil. N = 40.

Vestimenta e acessórios dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato através do ambiente de trabalho	0% de chances de um psicólogo usar/ter		20% a 40% de chances de um psicólogo usar/ter		50% de chances de um psicólogo usar/ter		70% a 90% de chances de um psicólogo usar/ter		100% de chances de um psicólogo usar/ter		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
	Óculos de grau	5	12,5%	5	12,5%	16	40,0%	9	22,5%	4	10,0%	1
Colar e/ou acessórios coloridos	4	10,0%	8	20,0%	15	37,5%	9	22,5%	3	7,5%	1	2,5%
Piercings e tatuagens	5	12,5%	12	30,0%	18	45,0%	3	7,5%	1	2,5%	1	2,5%
Jaleco	10	25,0%	4	10,0%	11	27,5%	9	22,5%	5	12,5%	1	2,5%
Roupa confortável	2	5,0%	1	2,5%	12	30,0%	14	35,0%	10	25,0%	1	2,5%
Roupa social	3	7,5%	7	17,5%	9	22,5%	12	30,0%	8	20,0%	1	2,5%

Fonte: A autora, 2020.

Quanto à cor/etnia, a Tabela 51 mostra que as maiores porcentagens dos participantes que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho estão na atribuição de 50% de chance de um psicólogo ser branco (42,5%) e negro (45,0%), e de 20% a 40% de chances de ser indígena (52,5%) ou asiático (35,0%).

Tabela 51 - Resultados relativos à etnia/cor dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho. Rio de Janeiro, Brasil. N = 40.

Cor/etnia dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato através do ambiente de trabalho	0% de chances de um psicólogo ser		20% a 40% de chances de um psicólogo ser		50% de chances de um psicólogo ser		70% a 90% de chances de um psicólogo ser		100% de chances de um psicólogo ser		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
	Branco	4	10,0%	0	0,0%	17	42,5%	12	30,0%	6	15,0%	1
Negro	2	5,0%	5	12,5%	18	45,0%	10	25,0%	4	10,0%	1	2,5%
Indígena	8	20,0%	21	52,5%	6	15,0%	3	7,5%	1	2,5%	1	2,5%
Asiático	10	25,0%	14	35,0%	9	22,5%	4	10,0%	2	5,0%	1	2,5%

Fonte: A autora, 2020.

Quanto à imagem dos psicólogos, a Tabela 52 mostra que as maiores porcentagens dos participantes que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho estão na atribuição de 50% de chance de um psicólogo ser atlético (50,0%), magro (50,0%), obeso (40,0%) e ter entre 55 e 75 anos (35,0%). A maior porcentagem quanto a ter 80 anos ou mais (45,0%) foi de 20% a 40% de chances, enquanto a porcentagem na idade de 25 a 45 anos foi maior no escore de 70% a 90% de chances.

Tabela 52 - Resultados relativos à imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato com psicólogo através do ambiente de trabalho. Rio de Janeiro, Brasil. N = 40.

Imagem corporal dos psicólogos em geral segundo os participantes da pesquisa que tiveram contato através do ambiente de trabalho	0% de chances de um psicólogo ser/ter		20% a 40% de chances de um psicólogo ser/ter		50% de chances de um psicólogo ser/ter		70% a 90% de chances de um psicólogo ser/ter		100% de chances de um psicólogo ser/ter		Não sei/Não quero responder	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Atlético	5	12,5%	11	27,5%	20	50,0%	2	5,0%	1	2,5%	1	2,5%
Magro	2	5,0%	13	32,5%	20	50,0%	1	2,5%	3	7,5%	1	2,5%
Obeso	7	17,5%	12	30,0%	16	40,0%	3	7,5%	1	2,5%	1	2,5%
Entre 25 e 45 anos	3	7,5%	1	2,5%	7	17,5%	17	42,5%	11	27,5%	1	2,5%
Entre 55 e 75 anos	4	10,0%	8	20,0%	14	35,0%	11	27,5%	2	5,0%	1	2,5%
80 anos ou mais	13	32,5%	18	45,0%	6	15,0%	1	2,5%	1	2,5%	1	2,5%

Fonte: A autora, 2020.

5.4 Discussão

Este estudo buscou investigar o pensamento social do psicólogo segundo pessoas que tiveram e não tiveram contato com o profissional de psicologia e, mais precisamente, investigar o pensamento acerca do psicólogo de três grupos de pessoas: aqueles que não tiveram contato profissional com psicólogo, aqueles que tiveram/têm contato através da terapia e aqueles que tiveram/têm contato através do ambiente de trabalho.

De forma geral, os participantes veem os psicólogos como pessoas de classe média ou alta e um número pequeno de participantes os atribui a classe baixa. De fato, segundo levantamento do Dieese (2016), a pedido do CFP, o salário médio per capita dos psicólogos correspondente ao valor de R\$ 4.055 por mês, o que constitui um salário de classe média (MAZZON, KAMAKURA, 2016).

Poucos participantes não opinam sobre a classe social dos psicólogo, porém os mesmos desconhecem sua orientação política, embora uma parte dos participantes os associe ao espectro político de esquerda. De fato, esta se faz presente na categoria profissional uma vez que influenciou e influencia através de temas críticos e sociais que vão além do exercício legal da profissão e sua fiscalização de exercício (HUR, 2009). Sendo assim, os resultados deste estudo acompanham a literatura que aborda a história e a realidade atual da categoria como uma profissão de classe média e associada à esquerda (BOCK, FURTADO, 2013).

No que se refere ao aspecto comportamental do estereótipo do psicólogo, os participantes não veem o serviço terapêutico como frescura, coisa de maluco e de gente rica, porém o contato com o profissional parece ser um fator para o aumento da discordância

referente a essas afirmações. Já a concordância dos participantes aparece na visão do trabalho do psicólogo voltado para aconselhamento, bem como a visão sobre o valor dos atendimentos que parece voltada para um valor alto.

Além disso, há concordância quanto ao psicólogo enquanto alguém que conversa, ouve e ajuda as pessoas. Outro ponto forte é a concordância, dos participantes em geral, quanto à relevância do trabalho do psicólogo e sua eficácia. Contudo, a concordância é maior no grupo que teve algum tipo de contato profissional com o psicólogo.

Em suma, o grupo dos que tiveram contato com psicólogo parece se posicionar de forma mais enfática quanto à sua atuação, enquanto os que não tiveram contato se mostram mais neutros. Trata-se de um fator compreensível, uma vez que o aspecto prescritivo do objeto analisado, no caso o psicólogo, é comum a quem já teve contato com este.

Sobre esse ponto, Abric (2003) ressalta que existem dois grupos de elementos referentes ao objeto representado: elementos normativos e os funcionais, sendo este último atrelado ao objeto de forma prática e operatória. Por conseguinte, é coerente que o grupo que teve contato profissional com psicólogo saiba se posicionar de forma mais clara e precisa sobre a esfera comportamental do mesmo.

Já a visão do psicólogo enquanto alguém que ajuda é uma forte marca da profissão que amiúde é vista como uma ferramenta que auxilia, fornece suporte e proporciona saúde na esfera psicológica das pessoas que necessitam (LEME, BUSSAB, OTTA, 1989). Inclusive, a premissa de ajudar as pessoas é comumente uma assertiva dos aspirantes ao curso de psicologia, vista como uma das “profissões de ajuda”, ao lado do serviço social e terapia ocupacional (MAGALHÃES, STRALIOTTO, KELLER, GOMES, 2001).

As características mentais e os traços de personalidade, segundo as respostas dos participantes, apontam para um estereótipo positivo do psicólogo associado aos adjetivos atenciosos, inteligentes, calmos, pacientes e responsáveis. Além disso, são percebidos como mais sérios do que engraçados. Ainda assim, a neutralidade aparece quanto aos psicólogos serem doidos ou normais, bem resolvidos ou não, o que pode se explicar, possivelmente, pela influência que a visão da psicologia e, sobretudo os psicólogos, tem associada à loucura no senso comum (MARTINS, ROCHA, AUGUSTO, LEE, 2010; LEITÃO, DE SOUZA FÁVARO, COSTA, 2016).

As características físicas prototípicas do estereótipo do psicólogo, segundo os participantes da pesquisa, formam a figura de um profissional do sexo feminino, de cor branca, possivelmente com um colar ou acessórios coloridos, tatuagem ou piercing e não

necessariamente de jaleco. Provavelmente usa roupa confortável ou social, e o tipo físico são indiferentes, mas a idade média associada à profissão é entre 25 e 45 anos.

Segundo o DIEESE/CFP (2016) a categoria profissional dos psicólogos é 90% do sexo feminino, somando cerca de 130 mil mulheres no país. No que se refere à cor/etnia, os negros compõem 16,5% dos psicólogos, enquanto os não negros chegam a 83,5%. Dessarte, o embranquecimento da figura física do profissional de psicologia, bem como sua visão feminina condiz com a realidade da categoria no Brasil.

Contudo, é interessante que os participantes percebem o número de psicólogos do sexo masculino em torno de 50%, embora segundo o DIEESE/CFP (2016) eles compreendam apenas 10,0% da categoria no Brasil.

De forma específica, os resultados do recorte que discriminou o contato com o psicólogo através da terapia e através do trabalho, além do não contato, mostram pontos em comum, mas também divergentes.

O estereótipo dos participantes que **não tiveram contato com psicólogo** aparece associado à ideia de uma atuação do profissional a partir de conselhos. A ausência de contato profissional com psicólogo parece favorecer um estereótipo bem marcado, pois além das respostas quanto à atuação, esses participantes possuem respostas mais extremas nas escalas quanto às características mentais e de personalidade.

A distância que esse grupo tem do objeto, no caso o psicólogo, contribui para a presença de elementos normativos (ABRIC, 2003), ou seja, elementos de dimensão social e avaliativa do grupo. Esses elementos são diferentes dos elementos funcionais, que são voltados para práticas e condutas diante do objeto.

Nesse contato, a distância do grupo em relação ao objeto é dada pelo nível de prática relativa ao objeto e envolvimento com o objeto. Logo, quanto maior é a distância do objeto, mais se ativam elementos normativos, e quanto menor é a distância do objeto, mais se ativam elementos funcionais, privilegiando as descrições.

Consequentemente, os resultados do grupo que não teve contato com psicólogo tendem a médias mais favoráveis relacionadas aos elementos normativos (itens avaliativos sobre os psicólogos), enquanto os grupos que tiveram contato com psicólogo, aos elementos funcionais (itens sobre a descrição do trabalho do psicólogo).

Quanto ao aspecto físico do estereótipo do psicólogo, os participantes que não tiveram contato com o profissional apresentam respostas medianas quase sempre na probabilidade de 50% de chance do psicólogo ter uma ou outra característica. A falta de clareza quanto à imagem possivelmente se dá pelo desconhecimento real do profissional.

Outro ponto é que os participantes que tiveram **contato com psicólogo através da terapia** ressaltam a importância do trabalho do profissional, porém se mostram neutros quanto ao trabalho ser malvisto na sociedade. Eles também evidenciam o alto valor dos atendimentos.

O Código de Ética Profissional do psicólogo especifica no artigo 4º que ao fixar a remuneração pelo seu trabalho, o psicólogo deve levar em conta a justa retribuição aos serviços prestados e as condições do usuário ou beneficiário; deve estipular o valor de acordo com as características da atividade e o comunicar ao usuário ou beneficiário antes do início do trabalho a ser realizado; e deve, ainda, assegurar a qualidade dos serviços oferecidos independentemente do valor acordado.

Dito isto, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a Federação Nacional dos Psicólogos (Fenapsi) divulgaram a tabela de referência para atualização dos valores dos honorários relativos aos serviços prestados pelo psicólogo (DIEESE, 2016) e o valor médio para atendimento psicoterapêutico é de R\$311,08. Contudo, o valor médio de honorários cobrados pelos psicólogos brasileiros no ano de 2016 foi de R\$121,65.

Ademais, além do valor não ser considerado acessível para algumas pessoas, o imediatismo da hipermodernidade pode ser um fator para considerar terapia algo caro. Isso porque adquirir um serviço psicoterápico não obedece a lógica comum do mercado de consumo, já que não é algo imediato como comprar um bem material ou até mesmo um medicamento. Normalmente a terapia ocorre a longo prazo e os benefícios não são percebidos logo no início do tratamento, o que pode levar ao abandono da mesma.

Quanto ao aspecto físico do estereótipo do psicólogo, os participantes que tiveram contato com o profissional através da terapia descreveram o psicólogo, em sua maioria, como alguém do sexo feminino, de cor branca, possivelmente de óculos de grau, acessórios coloridos e tatuagens/piercings, não necessariamente de jaleco, mas sim com alguma roupa confortável ou social e entre 25 e 45 anos. Esses resultados acompanham, em parte, os dados do relatório do DIEESE/CFP (2016) que descreve a psicologia como uma profissão feminina (90% são mulheres) e de maioria não negra.

O grupo dos participantes que teve **contato com psicólogo através do ambiente de trabalho** os vê como alguém que conversa, ouve e atua na prevenção e no cuidado de distúrbios psicológicos. Eles possuem a maior média de respostas quanto à eficácia do psicólogo para promover saúde mental.

Aqui, o ponto a ser destacado é que a conversa e a escuta do psicólogo se diferem de um amigo íntimo ou familiar. Além de ter estudado para ouvir e intervir através da fala, o

psicólogo atua numa esfera neutra, pois não se beneficia das informações do cliente/paciente e nem o aconselha, diferente das pessoas diretamente envolvidas na situação abordada.

O estereótipo da prática do psicólogo no cuidado e prevenção de distúrbios psicológicos por parte dos participantes que tiveram contato com o profissional do ambiente de trabalho pode ser decorrente da associação que se faz entre psicologia e loucura (MARTINS, ROCHA, AUGUSTO, LEE, 2010; LEITÃO, DE SOUZA FÁVARO, COSTA, 2016).

O surgimento da psicologia atrelada às demandas para corrigir ajustes mentais e sociais serviu para fazer dela um ramo pensado a partir da prevenção, manutenção e também de cura. Entretanto, a psicoterapia não gira em torno somente de psicopatologias, mas também de autoconhecimento, suporte em determinadas etapas da vida (gravidez, escolha profissional, casamento, etc), lidar com questões pessoais, como conflitos e mudanças, e outros pontos de desenvolvimento coletivo e pessoal.

Quanto ao aspecto físico do estereótipo do psicólogo, os participantes que tiveram contato com o profissional através do ambiente de trabalho descreveram o psicólogo, em sua maioria, praticamente da mesma forma que o grupo que teve contato através da terapia. Trata-se de uma mulher, de cor branca, possivelmente de óculos de grau, acessórios coloridos e tatuagens/piercings, não necessariamente de jaleco, mas sim com alguma roupa confortável ou social e entre 25 e 45 anos. Aliás, nos três grupos desse estudo os negros aparecem com maior número de respostas na probabilidade de 50% de chance, enquanto asiáticos e indígenas, de 20% a 40% de chances.

Esse resultado parece apontar para um mascaramento das respostas, na medida em que, apesar dos participantes atribuírem maiores porcentagens ao branco, o negro se encontra apenas um pouco abaixo, seguida da porcentagem ainda menor nos asiáticos e indígenas. Além disso, a porcentagem de 0% de chance possui os menores escores tanto no negro quanto no branco, o que não acontece com o indígena ou com asiático. Ou seja, o negro foi equiparado ao branco nas respostas, mas o indígena e o asiático não, o que sugere respostas de acordo com a desejabilidade social, uma vez que a pauta em prol dos negros está em voga na sociedade entre outras razões por conta do centenário de abolição da escravatura e do movimento negro, mas a pauta dos indígenas e asiáticos nem tanto.

Sobre a relevância da atuação, embora os três grupos ressaltem a importância do trabalho do psicólogo, os que não tiveram contato com psicólogo concordam mais que é possível viver sem acompanhamento terapêutico, e os que tiveram contato através do trabalho também concordam, embora mais próximos à neutralidade, enquanto os que tiveram contato por conta da terapia se mostram neutros.

Sobre a possibilidade de viver sem acompanhamento terapêutico, muitas pessoas em sofrimento que poderiam se beneficiar da terapia insistem em tratá-la como um acessório dispensável. Esse posicionamento não é atual e possivelmente essa forma de pensar vem do discurso de desqualificação da esfera psicológica em detrimento da esfera física (CAMPBELL, 2016), como afirmou Spurgeon (p. 1, 1855):

Cuidamos das doenças do corpo muito prontamente. Elas são muito dolorosas para nos permitir dormir em silêncio e logo nos impelem a procurar um médico ou cirurgião para nos curar. Oh, quem dera fôssemos assim tão atentos em relação às mais sérias feridas do nosso homem interior.

Outro ponto que contribui negativamente na profissão é a atuação de alguns psicólogos que não está de acordo com a ética profissional. Apesar de 76% das respostas dos participantes não terem passado ou conhecido alguém que tenha passado por alguma situação antiética, um total de 24% das respostas foram relativas à quebra de sigilo, indução de posicionamento político e religião por parte dos psicólogos.

Os limites legais do exercício da profissão do psicólogo estão estabelecidos no Código de Ética Profissional dos Psicólogos (CFP, 2005). Sabe-se que nos anos de 1988 a 1989 foram 119 processos apurados pela Câmara de Ética do Conselho Federal de Psicologia e a maioria dos motivos foram denúncias envolvendo desde atuação profissional sem o devido registro profissional, até questões relativas à quebra de sigilo, abusos físicos, uso inadequado de testes, demissão injusta, fornecimento de receitas por psicólogos, entre outros motivos (FRANCISCO, 1991). Da mesma forma, a quebra do sigilo e a indução de opção política e religiosa obteve considerável número de respostas no presente estudo o que nos conduz a um alerta, pois toda atuação antiética por parte do profissional, seja ele qual for, carece de atenção por parte dos órgãos de fiscalização da categoria.

Infringir a ética profissional não é um delito simples. No que se refere a quebra de sigilo, por exemplo, trata-se de um crime (art. 154 da Lei 2848/40) sujeito as suas penalidades. Quanto à indução política ou religiosa, sabe-se que aderir à uma crença religiosa ou espectro político é um direito assegurado pela Constituição Federal (1988) a todo cidadão brasileiro, porém essa deve ser uma escolha pessoal de cada um a fim de assegurar a liberdade individual.

Ainda que a psicologia pondere a religião como uma das formas fundamentais para compreender o ser humano na sua totalidade, não cabe ao psicólogo fazer qualquer tipo de direcionamento pró ou contra algum tipo de religião. Isso quer dizer que independente da crença pessoal do psicólogo, seja ele cristão, hindu ou ateu, por exemplo, esta não deve interferir na sua conduta profissional.

Contudo, vale admitir que o limite entre o pessoal e o profissional constitui um desafio. No entanto, para auxiliar nesses dilemas de atuação foi criado o código de ética da profissão (CFP, 2005) assegurando as vedações e deveres do psicólogo.

Para além dos pontos de atuação profissional, os participantes também ponderaram o componente comportamental em relação ao estereótipo do psicólogo. Os resultados apontam 96,5% dos participantes afirmando que recomendariam o serviço do psicólogo a terceiros, e quanto à finalidade de recomendação, a maioria é o conhecimento e desenvolvimento pessoal (28,7%), seguido da afirmação de que em algum momento todos precisam de terapia (23,3%) e de problemas (17,1%). Entretanto, a nível pessoal, quando questionados sobre se sentirem ofendidos caso alguém recomendasse o serviço do psicólogo, 42,1% dos participantes não soube ou não quis responder. Contudo, apenas 36,2% afirmou que não se sentiria ofendido, 20,3% respondeu que depende de quem e como fala, e 1,5% disse que sim, se sentiria ofendido.

Em suma, praticamente todos os participantes recomendariam os serviços psicológicos, mas quase metade destes não soube responder ou afirmou que dependendo de quem e como fala se sentiria ofendido caso alguém o recomendasse o serviço. Esses são resultados parecidos com a realidade dos brasileiros na última década, pois 99% destes não se definiram como preconceituosos, mas 98% afirmaram que conheciam alguém preconceituoso (SCHWARCZ, 1993). Em outras palavras, apesar de admitir o preconceito, este não foi assumido de forma pessoal (NUNES, CAMINO, 2011).

A semelhança com esse estudo sobre preconceito dos brasileiros em geral se dá por conta dos participantes da presente pesquisa se mostrarem disponíveis para recomendar o serviço do psicólogo (96,5% recomendaria), mas não tanto quanto a receber a recomendação, pois os números já não são tão altos (36,2% aceitaria a recomendação sem se sentir ofendido).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese se enquadra no campo de estudos da Psicologia Social e contempla o enfoque teórico da arquitetura do pensamento social. O foco foi, a partir desse quadro teórico, investigar os psicólogos e sua atuação a partir da visão deles mesmos e das pessoas em geral. Acrescenta-se que quanto às pessoas em geral, houve a subdivisão dos participantes a partir do contato com o profissional: contato através da terapia, através do ambiente de trabalho/avaliação psicológica/orientação profissional e pessoas que não tiveram contato profissional com psicólogo.

Como se vê no estudo 1, o pensamento dos psicólogos acerca da carreira profissional parece favorável ao curso e à universidade de formação. O fato dos participantes demonstrarem positivamente a relevância do curso e da universidade para o seu processo formativo é muito importante, pois possivelmente se relaciona com a subjetividade e identidade dos participantes, uma vez que ou uma formação é experiencial, ou não é formativa, como ressalta Josso (2002).

Em outras palavras, para acontecer formação é necessário que haja implicação na esfera existencial do sujeito, logo, se os resultados são positivos quanto ao curso e universidade de formação, quer dizer que houve aprendizagem pessoal positiva ao longo da formação e que esta foi uma etapa fundamental para construção identitária dos participantes.

Parece óbvio, mas não é, pois o sucesso ou fracasso dessa formação influencia diretamente a perspectiva e atuação no ambiente de trabalho, uma vez que a finalidade da formação é subsidiá-lo. Nesse sentido, é preciso explicar a realidade do Ensino Superior no Brasil, pois segundo o IBGE estamos diante do crescimento da população universitária: se nos anos 2000 apenas 4,4% eram formados, em 2010 o número subiu para 7,9% e em 2016 o número praticamente dobrou para 15,3% de formados.

Somado a esse dado, temos a diversidade das instituições de Ensino Superior marcada majoritariamente pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão decorrente das universidades públicas e as demais instituições de ensino técnico, profissionalizante e/ou faculdades privadas que, tradicionalmente, se ocupam do ensino, mas não da formação integral dos estudantes. De Paula (2009, p. 81) afirma que isso “representa um golpe no conceito tradicional de universidade enquanto instituição que alia ensino e pesquisa de alto nível”.

Trata-se de uma alternativa menos custosa financeiramente e intelectualmente para quem procura o Ensino Superior, todavia que tem produzido a divisão entre as instituições de excelência, comumente públicas (com exceção de algumas poucas instituições privadas), mais

procuradas pela elite da sociedade, e outras instituições que se encarregam do ensino de estudantes com menos capital social, cultural e financeiro (DE PAULA, 2009).

No que se refere à realidade dos egressos do curso de psicologia da UERJ que avaliaram bem tanto o curso quanto a universidade, provavelmente o pilar integral de formação (ensino, pesquisa e extensão) contribuiu bastante para sua formação e sua atuação profissional.

Quanto a esta última, o grupo dos psicólogos apresenta um pensamento positivo, já que afirmam que não trabalham por obrigação e, apesar de não estarem muito satisfeitos com a remuneração, não contam os dias para a chegada da folga. Eles também possuem pensamento positivo de si já que eles não se sentem defasados se comparados a outros profissionais, mas sim seguros, talentosos, bem-sucedidos e competentes.

Esses resultados se relacionam com a formação dos participantes, mas também com a identidade gerada a partir dela. Segundo Tajfel (1972), Deschamps e Moliner (2009) o simples fato de integrar um grupo já ocasiona uma avaliação mais positiva do mesmo. Isso porque a identidade social permite avaliar não só o exogrupo, mas também o endogrupo, uma vez que é relacional e comparativa (CABECINHAS, LÁZARO, 1997).

Portanto, possivelmente há uma identidade social elevada e difundida no grupo dos participantes psicólogos, pois estes não apresentam diferenciação intragrupal. Cabecinhas e Lázaro (1997) ressaltam que parece existir uma relação entre identidade social elevada e distintividade grupal positiva. Ou seja, a forte integração ao grupo faz com que os participantes atribuam à própria categoria profissional aspectos positivos.

Verifica-se também que pelo viés da estratificação social não houve diferença entre os grupos segundo o capital cultural e financeiro. Esse pensamento mais homogêneo, mais uma vez, pode ser decorrente da identidade fortalecida do grupo uma vez que após a saída da universidade, ou seja, quando formados, os participantes parecem constituir uma forma muito semelhante de pensar e representar sua atividade profissional.

Essa forma semelhante de pensar diz respeito ao prazer dos participantes em relação à atuação. Para os psicólogos dessa pesquisa a atividade profissional é dotada de significado e realização acarretando outros tipos de ganho além do financeiro. Esse prazer na atividade laboral parece contribuir com o desempenho e disposição em realizar as tarefas apesar de certa insatisfação relatadas por eles quanto à remuneração (SIQUEIRA, MARTINS, 2013; SIQUEIRA, JÚNIOR, 2014).

Enquanto o estudo 1 trata da visão que os psicólogos possuem de si mesmos e da sua vida profissional, a visão que os outros possuem dessa categoria foi investigada a partir dos

participantes da pesquisa que tiveram e não tiveram contato com psicólogo nos estudos 2 e 3. Eles mesclam positivos e negativos da categoria profissional.

De forma geral, nos estudos 2 e 3, os psicólogos são vistos como pessoas de classe média e, da mesma maneira, os participantes do estudo 1 possuem, de fato, uma renda média, assim como os psicólogos da pesquisa feita no Brasil pelo DIEESE/CFP (2016). Eles também são vistos como pessoas de orientação política de esquerda, embora boa parte dos participantes não soubesse responder quanto à orientação política no estudo 3.

Quanto à orientação política dos psicólogos vale ressaltar que a psicologia brasileira se relaciona bem com o espectro político de esquerda e, sobretudo, o marxismo (BOCK, FURTADO, 2013). Historicamente, a construção da psicologia no país até a década de 70 foi marcada por psicólogos militantes da esquerda.

A entrada da esquerda e, sobretudo do marxismo, se deu durante a ditadura, onde as ideias de Marx se tornaram interessantes e acabaram se desenvolvendo por conta da busca de combate e demanda de organização social, uma vez que a ditadura se instalara (BOCK, FURTADO, 2013). Esse interesse decorrente da ditadura surgiu não só no Brasil, mas em toda América Latina e Lapassade, Sílvia Lane e Martin-Baró são alguns nomes que exemplificam a disseminação do marxismo na psicologia.

No estudo 2, o grupo de pessoas que teve contato com psicólogo através da terapia descreve aspectos negativos do contato com o profissional, como a expectativa frustrada dos atendimentos. Contudo, também apresentam pontos positivos, como a eficácia e importância do psicólogo, além de ser o grupo que mais descreve sua atuação.

Essa facilidade do grupo que teve contato com psicólogo para descrever sua atuação no estudo 2 e também para se posicionar de forma mais enfática quanto à atuação no estudo 3 se justifica pelo contato do grupo com o objeto, o que faz emergir o aspecto prescritivo em relação ao objeto analisado, no caso o psicólogo. Em outras palavras, o contato com o psicólogo possibilita que ao pensar sobre ele surjam ideias práticas e operatórias, ou seja, elementos funcionais (ABRIC, 2003).

Tanto no estudo 2 quanto no 3 os participantes que tiveram contato através da terapia avaliam de forma positiva, no geral, o psicólogo. Ele é visto em ambos os estudos como alguém que ouve, conversa e também como alguém que gera uma perspectiva. Outro ponto é a visão do psicólogo enquanto um profissional que ajuda.

Já os participantes que tiveram contato através do ambiente de trabalho, avaliação psicológica ou orientação profissional, em ambos os estudos, 2 e 3, ressaltam a eficácia da atuação do psicólogo como alguém que possui uma escuta diferenciada de amigos e familiares.

Ainda nos estudos 2 e 3, o grupo dos participantes que não teve contato profissional com psicólogo possui uma visão da profissão semelhante ao *coach* e à psiquiatria. Eles ressaltam que o psicólogo fornece ajuda, porém também pode absorver problemas dos pacientes. Sobre sua atuação, ela aparece ligada ao aconselhamento e análise de pessoas e situações. Outro ponto é a falta de clareza quanto ao tipo físico dos psicólogos e a concordância com a afirmação que é possível viver sem terapia.

Em suma, os participantes dos estudos 2 e 3, de todos os grupos, apresentam um pensamento voltado para a eficiência do psicólogo e sua capacidade de ajudar os outros. Essa forma de pensar é uma marca da profissão que frequentemente é associada ao auxílio, cuidado, suporte e saúde na esfera psicológica (LEME, BUSSAB, OTTA, 1989). E no que se refere à ajuda, esta é de fato uma das aspirações dos estudantes universitários do curso de psicologia, vista como uma das “profissões de ajuda”, ao lado do serviço social e terapia ocupacional (MAGALHÃES, STRALIOTTO, KELLER, GOMES, 2001).

Quanto aos resultados em geral dos estudos 1, 2 e 3, tanto os participantes do grupo dos psicólogos quanto o grupo das demais pessoas apresentam avaliação positiva da categoria profissional e as percebem ligadas à prática clínica/de consultório. Essa preferência de atuação e reconhecimento da profissão a partir da clínica é vista na literatura de Mello (1975), Leme, Bussab e Otta (1989), Lahm e Boeckel (2008).

Além disso, nos estudos 2 e 3 o psicólogo foi associado à prevenção e ao cuidado de distúrbios psicológicos, além de ter sua profissão associada ao psiquiatra. Esses resultados associados ao pensamento dos psicólogos do estudo 1 enquanto uma profissão ligada à clínica podem ter relação com o início da psicologia. Historicamente, a psicologia foi associada à medicina pela presença de disciplinas psicológicas nas faculdades de medicina no Brasil em diversos lugares do país no ano 1800 (LISBOA, BARBOSA, 2009).

Outro ponto que parece corroborar para essa associação é do uso de psicoterapia e outros tratamentos para doenças psíquicas e somáticas por meio dos médicos (MONTEIRO, JACÓ-VILELA, 2013). Ou seja, eram os médicos que administravam o que hoje é objeto de estudo e foco da psicologia.

O próprio termo “clínica” vem do grego e significa “leito”. E o que dizer das semelhanças de atuação entre médico e psicólogo quanto à anamnese, diagnóstico e tratamento? Isso sem mencionar que o pai da psicanálise, Sigmund Freud, era médico psiquiatra. Dito isto, não há como negar que a clínica psicológica é herdeira do modelo médico (MOREIRA, ROMAGNOLIS, DE OLIVEIRA NEVES, 2007).

Outro ponto em comum entre os psicólogos da pesquisa e os demais participantes é que os psicólogos são, em sua maioria, mulheres de cor branca e também são percebidos, em sua maioria, dessa mesma cor e sexo. Esse ponto em comum também acompanha a estatística nacional (DIEESE/CFP, 2016) referente à psicologia que abarca 132 mil mulheres e 122.559 mil não negros.

Embora o campo de estudos do pensamento social não tenha o objetivo de expressar o reflexo exato da realidade no campo das ideias, nos resultados da presente tese o que se pensa acerca do psicólogo está cada vez mais de acordo com a realidade profissional dessa categoria, assim como em outros estudos acerca do tema (WEBER, PAVEI, BISCAIA, 2005).

Cabe ressaltar que, quanto ao estereótipo e discriminação referente aos psicólogos, os participantes apesar de avaliar bem os profissionais e sua atuação, além de recomendar que busquem terapia/acompanhamento terapêutico, apresentam considerável nível de ofensa quanto à possibilidade de recomendação pessoal para uso de serviços do psicólogo. Dessa forma, os participantes ressaltam a importância e eficácia do trabalho do psicólogo realizado com terceiros, porém não assumem tal trabalho como algo tão positivo quando recebem indicação pessoal (SCHWARCZ, 1993; NUNES, CAMINO, 2011).

Tais resultados indicam que existe algum tipo de preconceito negativo com psicólogo, uma vez que na esfera comportamental há certa discriminação: enquanto 96,5% recomendaria o serviço do psicólogo, apenas 36,2% aceitaria a recomendação sem se sentir ofendido. Ora, isso parece apontar para a ideia “Os psicólogos são recomendáveis, mas para os outros, não para mim”. E, de fato, são resultados muito semelhantes com pesquisas realizadas com participantes brasileiros na última década, em que 99% destes não se definiram como preconceituosos, mas 98% afirmaram que conheciam alguém preconceituoso (SCHWARCZ, 1993; BENTO, 2002; NUNES, CAMINO, 2011).

Enquanto produto final das crenças estereotipadas e do preconceito, a discriminação é a esfera comportamental que provém da esfera afetiva do preconceito e da esfera cognitiva do estereótipo (LEYENS, 1979). Logo, parece que aqui há um mascaramento decorrente de um estereótipo não tão positivo, pois em ambas as pesquisas existe a esfera cognitiva, a ideia geral de concordância maciça (Recomendação do serviço do psicólogo/Existe preconceito no Brasil), porém existe a esfera comportamental que sugere incompatibilidade com esta ideia (Me sentiria ofendido caso alguém me recomendasse um psicólogo/Sou preconceituoso).

Esses resultados sugerem que o pensamento social do psicólogo não é tão positivo quanto parece. Não cabe nesta tese esgotar quais são as razões, contudo o aspecto ético da profissão sugere certa influência, pois um resultado alarmante surgiu a partir dos relatos de

atuação antiética dos psicólogos e dentre os relatos estão quebra de sigilo, indução política e indução religiosa.

Quando um psicólogo faz algum tipo de indução a quem solicitou seus serviços profissionais, ele está impondo um ponto de vista pessoal e assegurando um juízo de valor quanto às suas escolhas. Esse tipo de ação é incabível, pois desde que as condutas humanas foram estabelecidas a partir da razão humana, Kant (1924/2018) ressalta que se uma ação não pode ser universalizada, então se trata de uma ação errada.

Como diria o brilhante escritor C. S. Lewis (1952/2017, p. 31): “qualquer indivíduo está sujeito a diferentes conjuntos de leis, mas há apenas uma lei à qual ele tem a liberdade de desobedecer”. Isso significa que embora não possamos desobedecer à lei da gravidade, por exemplo, podemos escolher desobedecer à lei da natureza humana, ou seja, o que Lewis chama de lei do certo e errado.

Em vista disso, é claro que é necessário que as leis que nos regem e podem ser ou não obedecidas tenham suas consequências fortemente asseguradas pelas instituições superiores, no caso da psicologia pelo Conselho Federal da profissão, o CFP, porém mais do que isso, é necessário repensar a forma como a ética é ministrada nas instituições de Ensino Superior que formam esses profissionais. O pensamento ético precisa estar ligado à prática psicológica, além de orientar os limites quanto à liberdade e autonomia profissional.

De fato, os temas contemporâneos, ou seja, a política, religião e sexualidade estão muito latentes na sociedade e constituem situações da profissão que conduzem a dilemas de atuação, porém a dificuldade de lidar com esses dilemas não pode ser justificativa para propagar má atuação profissional.

Em suma, o pensamento acerca do psicólogo por egressos da UERJ e por moradores do Rio de Janeiro apresenta pontos positivos e negativos ligados ao passado da psicologia enquanto ciência e também aos desafios atuais da disciplina. Enquanto uma profissão recente há muito para caminhar, construir e desconstruir. É um desafio despretensioso e esperançoso a ser alcançado.

REFERÊNCIAS

ABBAD, G. S.; BORGES-ANDRADE, J. E. Aprendizagem humana em organizações de trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Orgs.) **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil-2**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ABRIC, J. C. Jeux, Conflits et représentations sociales, Thèse de doctorat, Université de Provence, Aix-en-Provence, 1976.

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000, p. 27-37.

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. S. (orgs.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. UCG, 2003, p. 37-57.

ACSELRAD, Henri. Trabalho, qualificação e competitividade. **Em Aberto**, v. 15, n. 65, p. 50-62, 2008.

AJZEN, I. **Attitudes, personality, and behavior**. McGraw-Hill Education (UK), 2005

AJZEN, I.; FISHBEIN, M.. **Understanding attitudes and predicting social behavior**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1980.

ALLPORT, F. The psychology of nationalism. **Harper's**, v. 155, p. 291-301, 1927.

ALLPORT, G. W. Attitudes. In: C. M. MURCHISON (Ed.), **Handbook of Social Psychology**. Winchester, MA: Clark University Press, 1935.

ALLPORT, G. **The nature of prejudice**. New York, 1954.

ALMEIDA, A. M. O. (2009) Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 713-737, set./dez.

AMORIM, S. M. F. **Loucura, ética e política: escritos militantes**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

ANTUNES, L. **O papel dos estereótipos nas representações sociais compartilhadas por adolescentes sobre as pessoas que vivem com HIV/AIDS**. Dissertação. Programa de pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

ARAÚJO, S. F. Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia: Rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau editora, 2013.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Trad. Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo, SP: Edições 70, 2011.

BARKER, C. **Cultural studies: Theory and practice**. Sage, 2003.

BARNES, J. Aristóteles. São Paulo: Loyola, 2001.

BAUMAN, Z. **Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: I. CARONE; M. A. S. BENTO (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. A psicologia no Brasil e suas relações com o marxismo. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia: Rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau editora, 2013.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOURDIEU, P.; DE SAINT-MARTIN, M. Anatomie du goût. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 2, n. 5, p. 2-81, 1976.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **The forms of capital**. Cultural theory: An anthology, p. 81-93, 1986.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre/São Paulo: Zouk/Edusp, 2008.

BRUNER, J. S. On perceptual readiness. **Psychological review**, v. 64, n. 2, p. 123, 1957.

CABECINHAS, R. **Preto e Branco: A naturalização da discriminação racial**. Porto: Campo das Letras, 2007.

CABECINHAS, R.; LÁZARO, A. Identidade Social e Estereótipos Sociais de Grupos em Conflito: Um Estudo numa Organização Universitária. **Cadernos do Noroeste**, v. 10, n. 1, p. 411-426, 1997.

CAMARGO JR, K. R. A razão inconstante: ciência, saber e legitimação social. In: A. M. JACÓ-VILELA; L. SATO. **Diálogos em Psicologia Social**. Porto alegre: Editora Evangraf, 2007, p. 17-34

CAMINO, L.; SILVA, P. D.; MACHADO, A.; PEREIRA, C. A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. **Revista de Psicologia Política**, v. 1, n. 1, p. 13-36, 2001.

CAMPBELL, M. P. It's All in Your Head: True Stories of Imaginary Illness by Suzanne O'Sullivan. **British Journal of Psychotherapy**, v. 32, n. 2, p. 282-285, 2016.

CASTRO, A. C.; CASTRO, A. G.; JOSEPHSON, S. C.; JACÓ-VILELA, A. M. Medir, classificar e diferenciar. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia: Rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau editora, 2013.

CHALEGRE, R. F. Representação social acerca do estágio acadêmico e sua importância na graduação. Monografia de conclusão de curso. Psicologia, UERJ, 2013, 47 p.

CHALEGRE, R. F. A identidade social de moradores da zona sul e do subúrbio do Rio de Janeiro: Representações e crenças acerca do carioca. Dissertação de Mestrado. Psicologia Social, UERJ, 2016, 126 p.

CHERKAOUI, M. Estratificação. In: BOUDON, R. (Org.) Tratado de sociologia. Zahar, 1995.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil, 1992. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Código de Ética Profissional do Psicólogo, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>

COSTA-LOPES, R.; VALA, J.; PEREIRA, C.; AGUIAR, P. “A construção social das diferenças nas relações entre grupos sociais”. In Manuel Villaverde Cabral, Karin Wall, Sofia Aboim, e Filipe Carreira da Silva (Orgs.), Itinerários – A Investigação nos 25 Anos do ICS, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 769-790. [capítulo de livro científico], 2008.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988.

DALCASTAGNÈ, R. D.. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 31, p. 87-110, 2008.

DA SILVA, J. F.; PEREIRA, M. E. Ameaça dos estereótipos no desempenho intelectual de estudantes universitários cotistas. In: LORDÊLO, J. Á. C.; DAZZANI, M. V., Orgs. Avaliação educacional: desatando e reatando nós [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 349 p.

DE ALMEIDA, A. R. Estereótipo do psicólogo em quatro grupos profissionais: um estudo preliminar. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, v. 30, n. 1-2, p. 61-67, 1978. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpa/article/viewFile/17876/16625>

DE ASSIS, C. L.; DE SOUZA MATTHES, G. A. Representações sociais sobre a psicologia e o psicólogo em universitários de uma faculdade privada de Rondônia, Brasil. **Aletheia**, v. 43, p. 66-90, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115039411006.pdf>

DE CÁSSIA PEREIRA LIMA, R.; FARIA CAMPOS, P. H. Campo e grupo: aproximação conceitual entre Pierre Bourdieu e a teoria moscovicianiana das representações sociais. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 1, p. 63-77, 2015.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Adotada e proclamada pela Resolução nº 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em em 10 de dezembro de 1948.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Assertividade, sistema de crenças e identidade social. **Psicologia em Revista**, v. 9, n. 13, p. 125-136, 2008.

DE REZENDE PINTO, M. A Teoria do Comportamento Planejado (TCP) e o Índice de Disposição de Adoção de Produtos e Serviços Baseados em Tecnologia (TRI): Uma Interface Possível?. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 7, n. 2, p.1-13, 2010.

DESCHAMPS, J. C.; MOLINER, P. **A identidade em Psicologia Social: dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

DE SOUSA, H.; BARDAGI, M. P.; DA SILVA NUNES, C. H. S. Autoeficácia na formação superior e vivências de universitários cotistas e não cotistas. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 12, n. 2, p. 253-261, 2013.

DE GOUVÊA, M. C. S. Imagens do negro na literatura infantil brasileira. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 1, p. 77-89, 2005.

DEL CURA, M. L. A.; RODRIGUES, A. R. F. Satisfação profissional do enfermeiro. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 7, n. 4, p. 21-28, 1999.

DE PAULA, M. D. F. A formação universitária no Brasil: concepções e influências. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v.14, n. 1, p. 71-84, 2009.

DIEESE/CFP. Levantamento de informações sobre a inserção dos psicólogos no mercado de trabalho brasileiro. Relatório final, Dieese, CFP, 2016.

DIWAN, P. **Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

DOISE, W.; DESCHAMPS, J-C. **Expériences entre groupes**. Walter de Gruyter, 1979.

DOISE, W. Les représentations sociales. In: R. GHIGLIONE, C. BONNET & J.-F. RICHARD (Eds.). **Traité de Psychologie Cognitive: Tome 3. Cognition, représentation, communication** (pp. 111-174). Paris: Dunod, 1990.

DOISE, W.; SINCLAIR, A. The categorisation process in intergroup relations. **European Journal of Social Psychology**, v. 3, n. 2, p. 145-157, 1973.

DOLLARD, J.; MILLER, N. E.; DOOB, L. W.; MOWRER, O. H.; SEARS, R. R. **Frustration and aggression**. New Haven: Yale University Press, 1939.

DOS SANTOS CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

DUMONT, L. **Homo aequalis: genèse et épanouissement de l'idéologie économique**. Paris: Gallimard, 1977.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa** [The elementary forms of religious life]. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 381-387, 2004.

EAGLY, A. H.; CHAIKEN, S. **The psychology of attitudes**. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers, 1993.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARR, R. **As raízes da Psicologia Social moderna**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERREIRA, M. C. A Psicologia Social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 25ANOS, p. 51-64, 2010.

FITCH, G. Effects of self-esteem, perceived performance, and choice on causal attributions. **Journal of personality and social psychology**, v. 16, n. 2, p. 311-315, 1970.

FLAMENT, C. L'analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les représentations. *Informatique et Sciences Humaines*, n. 67, p. 41-58, 1985.

FLAMENT, C. Pratiques et représentations sociales. In: Beauvois, J. L et all (dir.). **Perspective cognitive et conduits sociaux**(p.143-150). Paris: Del Val, 1987.

FLAMENT, C.; ROUQUETTE, M. L. **Anatomie des idées ordinaires**. Paris: Armand Colin, 2003.

FRANCISCO, A. L. As questões de ética: denúncias encaminhadas aos CRPs e CFP. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 11, n. 1-4, p. 28-31, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931991000100005&lng=en&nrm=iso>

GAZETA DO POVO. Pesquisa comprova que preconceito atinge 99,3% do ambiente escolar no Brasil. **Gazeta do Povo**. Agência Estado [17/06/2009] [14h25], Curitiba, 2009.

GERGEN, K. J. A psicologia social como história. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 475-484, 2008.

GIL, A. C. O psicólogo e sua ideologia. **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 12-17, 1985. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931985000100005&lng=pt&nrm=iso>

GOMES, J. B. B. **Ação afirmativa & Princípio Constitucional da Igualdade: O Direito como Instrumento de Transformação Social**. A Experiência dos EUA. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

- GONDIM, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 299-309, 2002.
- GONDIM, S. M. G.; SILVA, N. Motivação no trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Orgs.) **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil-2**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- GONDIM, S. M. G.; SIQUEIRA, M. M. M. Emoções e afetos no trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Orgs.) **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil-2**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- GUARESCHI, P. O que é mesmo Psicologia Social? Uma perspectiva crítica de sua história e seu estado hoje. In: A. M. JACÓ-VILELA; L. SATO. **Diálogos em Psicologia Social**. Porto alegre: Editora Evangraf, 2007, p. 37-52.
- GUERRA, A. M. C. O Social na Clínica e a Clínica do Social: Sutilezas de uma Prática. In: Gonçalves, B. D.; Guerra, A. M. C. & Moreira, J. de O. (orgs.). **Clínica e Inclusão Social: Novos Arranjos Subjetivos e Novas Formas de Intervenção**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002, pp. 29-48.
- GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.
- HAMILTON, D. L.; GIFFORD, R. K. Illusory correlation in interpersonal perception: A cognitive basis of stereotypic judgments. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 12, n. 4, p. 392-407, 1976.
- HILTON, J. L.; VON HIPPEL, W. Stereotypes. **Annual review of psychology**, v. 47, n. 1, p. 237-271, 1996.
- HIRATA, E. S. Estigma e depressão. **Revistas Grupo Editorial Moreira Jr.** v. 72, n. Especial H2, p. 19-30, 2015.
- HUR, D. U. O surgimento da esquerda nas entidades profissionais dos psicólogos de São Paulo, CRP-06 e SPESP, no período da abertura política brasileira. **Mnemosine**, v. 5, n. 1, p. 126-145, 2009
- JAHODA, M. **Empleo y desempleo: un análisis socio-psicológico**. Madri: Ediciones Morata, 1987.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____ (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERj, 1989/2001. p. 17-44.
- JOST, J. T.; BANAJI, M. R. The role of stereotyping in system-justification and the production of false consciousness. **British journal of social psychology**, v. 33, n. 1, p. 1-27, 1994.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

KANT, I. Lições de ética. São Paulo: Editora Unesp digital, 1924/2018.

KATZ, D. The functional approach to the study of attitudes. **Public opinion quarterly**, v. 24, n. 2, p. 163-204, 1960.

KATZ, I.; HASS, R. G. Racial ambivalence and American value conflict: Correlational and priming studies of dual cognitive structures. **Journal of personality and social psychology**, v. 55, n. 6, p. 893, 1988.

KELLEY, H. H. The processes of causal attribution. **American psychologist**, v. 28, n. 2, p. 107-128, 1973.

KINDER, D. R.; SEARS, D. O. Prejudice and politics: Symbolic racism versus racial threats to the good life. **Journal of personality and social psychology**, v. 40, n. 3, p. 414, 1981.

LAHM, C. R.; BOECKEL, M. G. Representação social do psicólogo em uma clínica-escola do município de Taquara/RS. **Contextos clínicos**, v. 1, n. 2, p. 79-92, 2008.

Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940.

Lei nº 4.119 de 27 de Agosto de 1962.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/96).

LEITÃO, I. B.; DE SOUZA FÁVARO, D.; COSTA, E. S. A. O abandono da psicoterapia pela ótica do psicólogo clínico. **Psicologia.pt**, p. 1-15, 2017.

LEME, M. A. V. S.; BUSSAB, V. S. R.; OTTA, E. A representação social da Psicologia e do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 29-35, 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000100009&lng=en&nrm=iso.

LERNER., M. The Desire for Justice and Reactions to Victims. In. J. MACAULAY e L. BARKOWITZ. New York: Academic Press, 1970.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 1952/2017.

LEYENS, J. P. **Psychologie Sociale**. Bruxelas: Pierre Mardaga, 1979.

LEYENS, J. P.; RODRIGUEZ-PEREZ, A.; RODRIGUEZ-TORRES, R.; GAUNT, R.; PALADINO, M. P.; VAES, J.; DEMOULIN, S. Psychological essentialism and the differential attribution of uniquely human emotions to ingroups and outgroups. **European Journal of Social Psychology**, v. 31, n. 4, p. 395-411, 2001.

LIMA, M. E. O.; FRANÇA, D. X. Trajetórias de pesquisa sobre preconceito e relações intergrupais no Brasil. São Cristóvão: Editora UFS, 2019.

- LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- LIMA, M. E. O.; VALA, J. A cor do sucesso: efeitos da performance social e econômica no branqueamento e na infra-humanização dos negros no Brasil. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 143-165, 2005.
- LINES, R. The structure and function of attitudes toward organizational change. **Human Resource Development Review**, v. 4, n. 1, p. 8-32, 2005.
- LIPPMAN, W. Estereótipos. In: STEINBERG, C. (Org.). Meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Cultrix, 1980.
- LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, n. 4, p. 718-737, 2009.
- MAGALHÃES, M.; STRALIOTTO, M.; KELLER, M. S. M.; GOMES, W. B. Eu Quero Ajudar as Pessoas: A Escolha Vocacional em Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 21, n. 2, p.10-27, 2001.
- MANFREDI, S. M. Trabalho, qualificação e competência profissional: das dimensões conceituais e políticas. **Educação e Sociedade**, v. 19, n. 64, p. 13-49, 1998.
- MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Zahar, 1997.
- MARX, K. **O capital: Crítica da economia política** (Vol.I) – 2ª edição. São Paulo: Ed. Nova cultural, 1985.
- MARTINELLI, M. L.; RODRIGUES, M. L.; MUCHAIL, S. T. **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. EDUC-Editora da PUC-SP, 1995.
- MARTINS, A. M.; ROCHA, M. I. A.; AUGUSTO, R. C.; LEE, H. O. A formação em Psicologia e a percepção do meio rural: um debate necessário. **Psicologia, Ensino & Formação**, v. 1, n. 1, p. 83-98, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612010000100008&lng=pt&nrm=iso>
- MARQUES, T. **O pensamento social de jovens universitários cariocas acerca da reserva de vagas nas universidades públicas**. 2014, 45f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- MARQUES, T. **Pensamento social, justiça e cotas: um estudo de representações sociais com universitários**. 2016, 88f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- MARQUES, J.; PAEZ, D. Processos cognitivos e estereótipos sociais. In VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (coord.) **Psicologia Social**, p. 333-386. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2006.

MARQUES, T.; SANTOS, B. K. A. dos. Um estudo sobre o pensamento social de jovens universitários acerca da justiça e das cotas raciais. *Psicologia e Saber Social*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 108-125, 2015.

MATSUURA, S. Relatório detalha em números explosão de preconceito na internet em 2014. **O Globo**. Rio de Janeiro, 2016.

MAZZON, J. A.; KAMAKURA, W. A. **Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil**. São Paulo: Editora Blucher, 2016.

MCCONAHAY, J. B. Modern racism, ambivalence, and the modern racism scale. In: J.F. Dovidio & S. L. Gaertner (Orgs.) **Prejudice, discrimination, and racism** (pp. 91-125). New York: Academic Press, 1986.

MEERTENS, R.; PETTIGREW, T. Será o racismo sutil mesmo racismo? In: J. Vala (Org.), **Novos racismos: Perspectivas comparativas** (pp. 11-29). Oeiras: Celta, 1999.

MENDES, G. F.; COELHO, I. M.; BRANCO, P. G. G. **Curso de direito constitucional**. Editora: Saraiva, 2008.

MENDONÇA, A.; LIMA, M. E. O. Representações sociais e cognição social. **Psicologia & saber social**, v. 3, n. 2, p. 191-206, 2014.

MENDONÇA, A. P. Pensamento social acerca das Viagens: Relações intergrupais e status. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MELLO, S. L. **Psicologia e profissão em São Paulo**. São Paulo: Ática, 1975.

MERTON, R. K. **Social theory and social structure**. New York: Free Press, 1968.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda, 2015.

MOEHLECKE, S. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p.197-218, nov. 2002.

MOLINER, P. A two-dimensional model of social representations. **European Journal of Social Psychology**, v. 25, n.1, p. 27-40, 1996.

MONTEIRO, D. B. R.; JACÓ-VILELA, A. M. Fios, seduções e olhares: os primórdios “psi” nas terapias para corpos e mentes perturbadas. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia: Rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau editora, 2013.

MOREIRA, J. O.; ROMAGNOLIS, R. C.; DE OLIVEIRA NEVES, E.. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, n. 4, p. 608-621, 2007.

MOSCOVICI, S. **A Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, S. The myth of the lonely paradigm: A rejoinder. **Social research**, v. 51, n.4, p. 939-967, 1984.

MUNANGA, K. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa das cotas. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 31-43, 2001.

NETO, F.; SRITAM, N.; NOSEK, B.; GREENWALD, A.; BANAJI, M. Explorar as atitudes e crenças implícitas: Lançamento de um site da internet em língua portuguesa. **Psicologia, Educação e Cultura**, v. 11, n. 1, p. 165-173, 2007.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, p. 39-64, 1998.

NORTH, C. C.; HATT, P. K. Occupational Status and Prestige. **Opinion News**, v. 9, p. 3-13, 1947.

NUNES, A. V. L.; CAMINO, L. Atitude político-ideológica e inserção social: fatores psicossociais do preconceito. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 135-143, 2011.

OLIVEN, A. C. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: Uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. *Educação*, Porto Alegre, v. 30, n. 61, p. 29-51, 2007.

OLSON, J. M.; ZANNA, M. P. Attitudes and attitude change. **Annual review of psychology**, v. 44, n. 1, p. 117-154, 1993.

PARECER CNE/CES Nº 1.314/2001, APROVADO EM 7 DE NOVEMBRO DE 2001.

PEREIRA, M. E., FAGUNDES, A. L. M., DA SILVA, J. F., & TAKEI, R. Os estereótipos e o viés lingüístico intergrupar. **Interação em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 125-137, 2003.

PEREIRA, F. M.; PEREIRA NETO, A. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em estudo**, v. 8, n. 2, p. 19-27, 2003.

PEREIRA, C.; TORRES, A. R. R.; ALMEIDA, S. T.. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, n. 1, p. 95-107, 2003.

PEREIRA, C.; VALA, J. Preconceito, normas sociais e justificações para a discriminação das pessoas negras. In: M. B. Monteiro, M. M. Calheiro, R. Jerónimo, C. Mouro, & P. Duarte (Eds.), **Percursos da investigação em Psicologia Social e Organizacional** (Vol. 2, pp. 145-164). Lisboa, Portugal: Colibri, 2007.

PEREIRA, M. E. Grupos sociais e performance intelectual: O efeito da ameaça dos estereótipos. In M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Eds.), **Estereótipos, preconceitos e**

discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas (pp. 69-87). Salvador, BA: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2004.

PEREIRA, M. E. Cognição, categorização, estereótipos e vida urbana. **Ciências & Cognição**, v. 13, n. 3, p. 280-287, 2008.

PONDÉ, L. F. A era do ressentimento. São Paulo: Globo livros, 2019.

PRAÇA, K. B. D.; NOVAES, H. G. V. A representação social do trabalho do psicólogo. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 24, n. 2, p. 32-47, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

QUEIROZ, D. M.; SANTOS, J. T. Sistema de cotas: um debate. Dos dados à manutenção de privilégios e de poder. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 96, p. 717-737, 2006.

RATEAU, P.; MONACO, G. L. La Teoría de las Representaciones Sociales: orientaciones conceptuales, campos de aplicaciones y métodos (la Theorie des Representations Sociales: orientations conceptuelles, champs d'applications et methodes). **CES Psicología**, v. 6, n. 1, p. 22-42, 2013.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. **Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

ROMANO, B. W. **Princípios Para a prática da Psicologia Clínica**. Casa do psicólogo, 1999.

ROSE, N. Psicologia como uma ciência social. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 2, p.155-168, 2008.

ROUQUETTE, M-L. La pensée sociale. In: S. MOSCOVICI (Ed.). **Introduction à la psychologie sociale** (pp. 299-327). Paris: Larouse, 1973.

ROUQUETTE, M-L. Représentations et idéologie. In: J-C DESCHAMPS & J-L BEAUVOIS (Ed.). **Des attitudes aux attributions** (pp. 163-173). Grenoble: PUG, 1996.

ROUQUETTE, M-L. **La pensée sociale: Perspectives fondamentales et recherches appliquées**. Toulouse: Erès, 2009.

ROZA. L. A. G. Psicologia: um espaço de dispersão do saber. **Radice: Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 1. n. 4, p. 33-37. 1977.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993, 19-45.

SÁ, C. P. As representações sociais na história recente e na atualidade da Psicologia Social. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia: Rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau editora, 2013.

SÁ, C. P. **Estudos de psicologia social: história, comportamento, representações e memória**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

SANTOS, R. M. R. De café e de leite... In: I. CARONE; M. A. S. BENTO (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. Companhia das Letras, 1993.

SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. 5 ed. SP: Cultrix, 1992.

SHERIF, M. **The Robbers Cave Experiment: Intergroup Conflict and Cooperation**. [Orig. Pub. as Intergroup Conflict and Group Relations, 1966]. Wesleyan University Press, 2010.

SIQUEIRA, M. M. M.; JÚNIOR, S. G. Vínculos do indivíduo com o trabalho e com a organização. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Orgs.) **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil-2**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

SIQUEIRA, M. M. M.; MARTINS, M. C. F. Promoção de saúde e bem-estar em organizações. In: BORGES, L. O.; MOURÃO, L. **O trabalho e as Organizações: Atuações a partir da Psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

SMITH, M. B. The personal setting of public opinions: A study of attitudes toward Russia. **Public Opinion Quarterly**, v. 11, n. 4, p. 507-523, 1947.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Letras Contemporaneas Oficina Editorial, 2003.

SPINK, M. J. P.; SPINK, P. K. A psicologia social da atualidade. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia: Rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau editora, 2013.

SPURGEON, C. H. Healing from the wounded. New Park Street Chapel, Southwark, Sermão 53, 1855. Disponível em:
https://www.blueletterbible.org/Comm/spurgeon_charles/sermons/0053.cfm

STEELE, C.; ARONSON, J. Stereotypes threat and the intellectual test performance of African Americans. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 69, n. 5, p. 797-811, 1995.

TAFANI, E.; SOUCHET, L. Changement d'attitude et dynamique représentationnelle. In Moliner, P. (Ed.), **Dynamique des Représentations Sociales** (pp. 59-88). Grenoble : Presses Universitaires de Grenoble, 2001.

TAJFEL, H. La catégorisation sociale. In: S. Moscovici (Ed.), **Introduction à la psychologie sociale** (v. 1). Paris: Larousse, 1972.

TAJFEL, H. (Ed.). **Differentiation Between Social Groups: Studies in the Social Psychology of Intergroup Relations**. London: Academic Press, 1978.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

TAJFEL, H. **Social identity and intergroup relations**. Cambridge University Press, 2010.

TORRES, C.; NEIVA, E. R. **Psicologia Social**. Artmed Editora, 2011.

VALA, J. Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In: J. VALA & M.B. MONTEIRO (Orgs.), **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

VALENTIM, J. P. What future for social representations?/Que futuro para as representações sociais?. **Psicologia & saber social**, v. 2, n. 2, p. 158-167, 2013.

VIDAL, F. “A mais útil de todas as ciências”. Configurações da psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do iluminismo. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia: Rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau editora, 2013.

WACHELKE, J.; WOLTER, R. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 521-526, 2011.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, v. 10, n. 16, p. 63-71, 2007.

WEBER, L. N. D.; PAVEI, C. A.; BISCAIA, P. Imagem social do psicólogo e da psicologia para a população de Curitiba: 12 anos depois. **Psicologia Argumento**, v. 23, n. 40, p. 19-30, 2005. Disponível em: <http://lidiaweber.com.br/Artigos/2005/2005ImagensocialdopsicologoedapsicologiaparaapopulacaodeCuritiba12anosdepois.pdf>

WEINER, B. **Achievement motivation and attribution theory**. General Learning Press, 1974.

WOLTER, R. P. **Pensée sociale et situations de crise**. 2008. 258f. Tese (Doutorado em Psicologia). Université Paris Descartes, Paris, 2008.

YAMAMOTO, O. H. Graduação e Pós-Graduação em Psicologia: relações possíveis. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 3, n. 6, 2006.

ZAMORA, M. H. R. N. Racial inequality, racism and its effects. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, n. 3, p. 563-578, 2012.

ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil-2**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ZEBROWITZ, L. (1996). Physical appearance as a basis of stereotyping. In: Macrae, C.N; Stangor, C. & M. Hewstone (Orgs.). **Stereotypes and stereotyping**. New York: Guilford.

APÊNDICE A – Descrição da amostra do estudo 1

Tabela 1 - Descrição dos participantes respondentes da pesquisa por situação de emprego. N = 117. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Situação de emprego dos participantes	F	%
Psicólogos que trabalham em psicologia e também em outras áreas	24	20,5%
Psicólogos que trabalham somente com a profissão de psicologia	47	40,2%
Psicólogos que não exercem a profissão de psicologia e sim outras funções	29	24,8%
Psicólogos desempregados	17	14,5%
Total	117	100,0%

Tabela 2 - Descrição das áreas de atuação segundo CFP (Conselho Federal de Psicologia) dos psicólogos participantes que exercem a profissão de psicólogo em até três empregos. N = 113. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Áreas de atuação dos psicólogos em seus empregos	F	%
Neuropsicologia	1	0,9%
Psicologia organizacional e do Trabalho	4	3,5%
Psicologia escolar/educacional	4	3,5%
Psicologia clínica	47	41,6%
Psicologia hospitalar	6	5,3%
Psicologia jurídica	1	0,9%
Psicologia social	5	4,4%
Psicologia do trânsito	2	1,8%
Psicopedagogia	0	0,0%
Psicomotricidade	0	0,0%
Psicologia do Esporte	0	0,0%
Outra	10	8,8%
Não respondeu	23	20,4%
Total	113	100,0%

Tabela 3 - Descrição das áreas de atuação dos psicólogos participantes que não exercem a profissão em até dois empregos. N = 84. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Áreas/funções de atuação dos psicólogos participantes que não exercem a profissão em seus empregos	F	%
Autônomo	12	14,3%
Ensino	12	14,3%
Banco	2	2,4%
Designer	2	2,4%
Empresa	15	17,9%
Fio Cruz	1	1,2%
IBGE	2	2,4%
INMETRO	1	1,2%
Administrativo	7	8,3%
OAB	2	2,4%
Prefeitura	4	4,8%
Ministério da saúde	1	1,2%
Universidade	5	6,0%
Não desejo informar	18	21,4%
Total	84	100,0%

Tabela 4 - Categorização das respostas abertas a partir da análise de conteúdo segundo Bardin (2011) dos participantes desempregados quanto ao motivo pelo qual não estão trabalhando com total de dez categorias e dezenove unidades de registro. N = 17. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Categorização da descrição dos participantes quanto ao(s) motivo(s) pelo qual estão em situação de desemprego	F	%
Dedicação a atividades não remuneradas	1	5,30%
Dedicação à maternidade	2	10,50%
Desemprego descrito como recente ou momentâneo	6	31,60%
Escolhas erradas na graduação	1	5,30%
Está fazendo especialização	2	10,50%
Falta de experiência profissional	2	10,50%
Mudança de localidade	1	5,30%
O mercado de trabalho está difícil	2	10,50%
Falta de planejamento do futuro	1	5,30%
Existe a máfia da indicação	1	5,30%
Total	19	100,00%

Tabela 5 - Descrição dos participantes respondentes da pesquisa por cor/etnia. N = 117. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Cor/etnia	Frequência	%
Branco	96	82,0%
Indígena	0	0,0%
Negro	8	6,8%
Pardo	13	11,1%
Total	117	100,0%

Tabela 6 - Descrição dos participantes respondentes da pesquisa por ano de formação no curso de Psicologia da UERJ. N = 117. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Ano de Formação	F	%
2008	3	2,6%
2009	4	3,4%
2010	8	6,8%
2011	6	5,1%
2012	8	6,8%
2013	18	15,4%
2014	17	14,5%
2015	24	20,5%
2016	11	9,4%
2017	16	13,7%
Não respondeu	2	1,7%
Total	117	100,0%

Tabela 7 - Descrição dos participantes respondentes da pesquisa feito por frequência cruzada da renda mensal atual e cor/etnia. N = 117. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Renda/Cor	Pardos/negros	%	Branco	%	Total
Até R\$ 1.000,00	3	14,3%	9	9,4%	12
De R\$ 1.000,00 a R\$ 1.576,01	0	0,0%	8	8,3%	8
De R\$ 1.576,01 a R\$ 3.152,00	5	23,8%	19	19,8%	24
De R\$ 3.152,01 a R\$ 7.880,00	8	38,1%	30	31,3%	38
De R\$ 7.880,01 a R\$ 15.760,00	2	9,5%	9	9,4%	11
R\$ 15.760,01 ou mais	1	4,8%	1	1,0%	2
Não deseja informar/Não possui renda atualmente	2	9,5%	20	20,8%	22
Total	21	100,0%	96	100,0%	117

Tabela 8 - Descrição dos participantes respondentes da pesquisa segundo situação de ingresso na universidade através das cotas ou não. N = 117. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Situação de ingresso na graduação dos egressos formados em psicologia na UERJ	F	%
Não foram cotistas durante sua graduação em psicologia	68	58,1%
Foram cotistas durante sua graduação em psicologia	49	41,9%
Total	117	100,0%

Tabela 9 - Descrição dos participantes respondentes da pesquisa segundo situação de ingresso na universidade através das cotas. N = 49. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Situação dos participantes cotistas quanto ao tipo de cota de ingresso na UERJ	F	%
Cotas destinadas a estudantes oriundos de escola pública	25	51,0%
Cotas destinadas a pardos e negros	21	42,9%
Cotas destinadas a índios	0	0,0%
Cotas destinadas a filhos de policiais civis, bombeiros e inspetores mortos ou incapacitados em razão do serviço	2	4,1%
Cotas destinadas para deficientes físicos	0	0,0%
Não respondeu	1	2,0%
Total	49	100,0%

Tabela 10 - Descrição da situação de continuação pós formação acadêmica dos participantes relacionada a especialização lato sensu. N = 117. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Situação da especialização <i>lato sensu</i>	F	%
Nenhuma especialização	52	44,4%
1 especialização	38	32,5%
2 especializações	20	17,1%
3 especializações	6	5,1%
Não respondeu	1	0,9%
Total	117	100,0%

Tabela 11 - Descrição da situação de continuação pós formação acadêmica dos participantes relacionada a especialização stricto sensu. N = 117. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Situação da pós graduação <i>stricto sensu</i>	F	%
Nenhuma pós-graduação	82	70,1%
Mestrado	18	15,4%
Doutorado	16	13,7%
Não respondeu	1	0,9%
Total	117	100,0%

Tabela 12 - Relação de respostas sobre trocar de profissão. N = 117. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Relação de respostas sobre trocar de profissão	F	%
Não trocaria de profissão	70	59,8%
Não sabe/Não quis responder	28	23,9%
Trocaria de profissão	19	16,2%
Total	117	100,0%

Tabela 13 - Categorização das respostas referentes aos psicólogos que responderam que trocariam de profissão. N = 19. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Categorização das respostas referentes aos psicólogos que responderam que trocariam de profissão	F	%
Administração	2	9,5%
Advocacia	3	14,3%
Arquitetura	1	4,8%
Biologia	1	4,8%
Nutrição	1	4,8%
Engenharia civil	1	4,8%
Jornalismo	1	4,8%
Publicidade	1	4,8%
Medicina	5	23,8%
Musicoterapeuta	1	4,8%
Artes	1	4,8%
Pedagogia	1	4,8%
Oficial de inteligência	1	4,8%
Alguma profissão com média de renda mais alta	1	4,8%
Total	21	100,0%

Tabela 14 - Relação respostas sobre trocar sua área de atuação na psicologia. N = 117. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Relação respostas sobre trocar sua área de atuação na psicologia	F	%
Não trocaria sua área de atuação	66	56,4%
Não sabe/Não quis responder	22	18,8%
Trocaria sua área de atuação	29	24,8%
Total	117	100,0%

Tabela 15 - Categorização das respostas referentes aos psicólogos que responderam que trocariam sua área de atuação na psicologia. N = 29. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Categorização das respostas referentes aos psicólogos que responderam que trocariam sua área de atuação na psicologia	F	%
Psicologia clínica	3	10,0%
Psicologia aplicada à comunicação social	1	3,3%
Psicologia aplicada ao marketing	1	3,3%
Atenção básica	1	3,3%
Educação	6	20,0%
Psicologia social	1	3,3%
Psicologia jurídica	4	13,3%
Recursos humanos	6	20,0%
Psicologia hospitalar	3	10,0%
Psicanálise	1	3,3%
Saúde mental	1	3,3%
Neuropsicologia	1	3,3%
Sistemas de inteligência de segurança e geopolítica	1	3,3%
Total	30	100,0%

APÊNDICE B – Instrumento do estudo 1: questionário on line

<p>1. Escreva as 5 primeiras palavras ou expressões que lhe vem à mente quando lê “psicólogos”</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>2. Escreva as 5 primeiras palavras ou expressões que lhe vem à mente quando lê “cotas”</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
--	---

3. Como você definiria seu sexo?

Feminino Masculino

4. Qual é a sua idade? __

5. Você se define como:

Branco Indígena Negro Pardo Outro. Qual? _____

6. Você se formou em Psicologia na UERJ?

Não Sim

6.1. Se sim, em que ano se formou?

Antes de 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005
 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012
 2013 2014 2015 2016 2017

7. Você ingressou pelo sistema de cotas?

Não Sim

7.1. Se sim, qual tipo de cota?

Negros
 Indígenas
 Estudantes oriundos de escola pública
 Deficientes físicos
 Filhos de policiais civis, bombeiros e inspetores mortos ou incapacitados em razão do serviço

8. Desde que se formou você está trabalhando atualmente como Psicólogo(a)? Não Sim

8.1. Se sim, quantos empregos como psicólogo tem atualmente?

1 emprego
 2 empregos
 3 empregos
 4 empregos
 5 empregos ou mais

8.1.1 Seu atual emprego como psicólogo é em que instituição (caso tenha mais de um responder de acordo com o primeiro)? _____

8.1.2 Qual área de atuação desse emprego? (Pode marcar mais de uma opção)

<input type="checkbox"/> Psico Escolar /Educativa	<input type="checkbox"/> Psi. Organizacional e do Trabalho	<input type="checkbox"/> Psicologia de Trânsito	<input type="checkbox"/> Psicologia Jurídica
<input type="checkbox"/> Psicologia Clínica	<input type="checkbox"/> Psicologia Hospitalar	<input type="checkbox"/> Psicopedagogia	<input type="checkbox"/> Psicomotricidade
<input type="checkbox"/> Psicologia Social	<input type="checkbox"/> Neuropsicologia	<input type="checkbox"/> Psicologia do Esporte	<input type="checkbox"/> Outra. Qual? _____

8.1.3 Há quanto tempo está nesse emprego?

- () 6 meses ou menos
 () 1 ano
 () 2 anos
 () 3 anos
 () 4 anos
 () 5 anos ou mais

8.1.4 Qual a Carga horária diária desse emprego?

- () até 8 horas
 () entre 8 e 10 horas
 () mais de 10 horas

8.1.5 Qual é o salário desse emprego?

- () até R\$ 1.000,00
 () de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.576,01
 () de R\$ 1.576,01 a R\$ 3.152,00
 () de R\$ 3.152,01 a R\$ 7.880,00
 () de R\$ 7.880,01 a R\$ 15.760,00
 () R\$ 15.760,01 ou mais
 () Não desejo informar
 () Não possui vínculo empregatício

8.1.6 Como chegou a esse emprego? *(Pode marcar mais de uma opção)*

- () Indicação
 () Recrutamento e seleção
 () Concurso
 () Empresa pessoal ou familiar
 () Autônomo
 () Outro. Qual? _____

8.2.1 Seu SEGUNDO EMPREGO como psicólogo é em que instituição? _____

8.2.2 Qual área de atuação desse segundo emprego? *(Pode marcar mais de uma opção)*

() Psico Escolar /Educativa	() Psi. Organizacional e do Trabalho	() Psicologia de Trânsito	() Psicologia Jurídica
() Psicologia Clínica	() Psicologia Hospitalar	() Psicopedagogia	() Psicomotricidade
() Psicologia Social	() Neuropsicologia	() Psicologia do Esporte	() Outra. Qual? _____

8.2.3 Há quanto tempo está nesse segundo emprego?

- () 6 meses ou menos
 () 1 ano
 () 2 anos
 () 3 anos
 () 4 anos
 () 5 anos ou mais

8.2.4 Qual a Carga horária diária desse segundo emprego?

- () até 8 horas
 () entre 8 e 10 horas
 () mais de 10 horas

8.2.5 Qual é o salário desse segundo emprego?

- () até R\$ 1.000,00
 () de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.576,01
 () de R\$ 1.576,01 a R\$ 3.152,00
 () de R\$ 3.152,01 a R\$ 7.880,00

- de R\$ 7.880,01 a R\$ 15.760,00
 R\$ 15.760,01 ou mais
 Não desejo informar
 Não possuo vínculo empregatício

8.2.6 Como chegou a esse segundo emprego? *(Pode marcar mais de uma opção)*

- Indicação
 Recrutamento e seleção
 Concurso
 Empresa pessoal ou familiar
 Autônomo
 Outro. Qual? _____

8.3.1 Seu TERCEIRO EMPREGO como psicólogo é em que instituição? _____

8.3.2 Qual área de atuação? *(Pode marcar mais de uma opção)*

<input type="checkbox"/> Psico Escolar /Educativo	<input type="checkbox"/> Psi. Organizacional e do Trabalho	<input type="checkbox"/> Psicologia de Trânsito	<input type="checkbox"/> Psicologia Jurídica
<input type="checkbox"/> Psicologia Clínica	<input type="checkbox"/> Psicologia Hospitalar	<input type="checkbox"/> Psicopedagogia	<input type="checkbox"/> Psicomotricidade
<input type="checkbox"/> Psicologia Social	<input type="checkbox"/> Neuropsicologia	<input type="checkbox"/> Psicologia do Esporte	<input type="checkbox"/> Outra. Qual? _____

8.3.4 Há quanto tempo está nesse terceiro emprego?

- 6 meses ou menos
 1 ano
 2 anos
 3 anos
 4 anos
 5 anos ou mais

8.3.5 Qual a Carga horária diária desse terceiro?

- até 8 horas
 entre 8 e 10 horas
 mais de 10 horas

8.3.6 Qual é o salário desse terceiro emprego?

- até R\$ 1.000,00
 de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.576,01
 de R\$ 1.576,01 a R\$ 3.152,00
 de R\$ 3.152,01 a R\$ 7.880,00
 de R\$ 7.880,01 a R\$ 15.760,00
 R\$ 15.760,01 ou mais
 Não desejo informar
 Não possuo vínculo empregatício

8.3.7 Como chegou a esse terceiro emprego? *(Pode marcar mais de uma opção)*

- Indicação
 Recrutamento e seleção
 Concurso
 Empresa pessoal ou familiar
 Autônomo
 Outro. Qual? _____

É possível adicionar quarto emprego

É possível adicionar quinto emprego

9 Desde que se formou você está trabalhando em outra área que não a de psicólogo? () Não () Sim

9.1. Se sim, quantos empregos atualmente em outra área que não a de formação você tem?

- 1 emprego
- 2 empregos
- 3 empregos
- 4 empregos
- 5 empregos ou mais

9.1.2 Onde você trabalha (nome da empresa/instituição)? _____

9.1.3 Qual área de atuação e/ou função exercida? _____

9.1.4 Há quanto tempo está nesse emprego?

- 6 meses ou menos
- 1 ano
- 2 anos
- 3 anos
- 4 anos
- 5 anos ou mais

9.1.5 Qual a Carga horária diária?

- até 8 horas
- entre 8 e 10 horas
- mais de 10 horas

9.1.6 Qual o Salário?

- até R\$ 1.000,00
- de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.576,01
- de R\$ 1.576,01 a R\$ 3.152,00
- de R\$ 3.152,01 a R\$ 7.880,00
- de R\$ 7.880,01 a R\$ 15.760,00
- R\$ 15.760,01 ou mais
- Não desejo informar

9.1.7 Como chegou a esse emprego? (*Pode marcar mais de uma opção*)

- Indicação
- Recrutamento e seleção
- Concurso
- Empresa pessoal ou familiar
- Autônomo
- Outro. Qual? _____

9.2.2 Onde você trabalha (nome da empresa/instituição) (SEGUNDO EMPREGO)?

9.2.3 Qual área de atuação e/ou função exercida nesse segundo emprego? _____

9.2.4 Há quanto tempo está nesse segundo emprego?

- 6 meses ou menos
- 1 ano
- 2 anos
- 3 anos
- 4 anos
- 5 anos ou mais

9.2.5 Qual a Carga horária diária desse segundo emprego?

- até 8 horas
- entre 8 e 10 horas
- mais de 10 horas

9.2.6 Qual o Salário desse segundo emprego?

- até R\$ 1.000,00

- de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.576,01
- de R\$ 1.576,01 a R\$ 3.152,00
- de R\$ 3.152,01 a R\$ 7.880,00
- de R\$ 7.880,01 a R\$ 15.760,00
- R\$ 15.760,01 ou mais
- Não desejo informar

9.2.7 Como chegou a esse segundo emprego? (Pode marcar mais de uma opção)

- Indicação
- Recrutamento e seleção
- Concurso
- Empresa pessoal ou familiar
- Autônomo
- Outro. Qual? _____

9.3.2 Onde você trabalha (nome da empresa/instituição) (TERCEIRO EMPREGO)?

9.3.3 Qual área de atuação e/ou função exercida nesse terceiro emprego? _____

9.3.4 Há quanto tempo está nesse terceiro emprego?

- 6 meses ou menos
- 1 ano
- 2 anos
- 3 anos
- 4 anos
- 5 anos ou mais

9.3.5 Qual a Carga horária diária desse terceiro emprego?

- até 8 horas
- entre 8 e 10 horas
- mais de 10 horas

9.3.6 Qual o Salário desse terceiro emprego?

- até R\$ 1.000,00
- de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.576,01
- de R\$ 1.576,01 a R\$ 3.152,00
- de R\$ 3.152,01 a R\$ 7.880,00
- de R\$ 7.880,01 a R\$ 15.760,00
- R\$ 15.760,01 ou mais
- Não desejo informar

9.3.7 Como chegou a esse terceiro emprego? (Pode marcar mais de uma opção)

- Indicação
- Recrutamento e seleção
- Concurso
- Empresa pessoal ou familiar
- Autônomo
- Outro. Qual? _____

É possível adicionar quarto emprego

É possível adicionar quinto emprego

10 Desde que se formou você fez/iniciou/está fazendo alguma especialização lacto sensu (MBA, residência, psicanálise, atendimento infantil, etc.)? () Não () Sim

10.1 Se sim, quantas especializações você fez/iniciou/está fazendo? () uma () duas () três

10.1.1 Onde ocorre/ocorreu sua especialização (nome da universidade/instituição)? _____

10.1.2 Qual é o tipo de especialização (MBA, residência, psicanálise, atendimento infantil, etc.)?

10.1.3 Status da especialização (responder de acordo com a primeira caso tenha duas):
() concluído () em andamento () incompleto

10.1.4 Ganha/ganhava bolsa? () Não () Sim

10.2.1 Onde ocorre/ocorreu sua SEGUNDA especialização (nome da universidade/instituição)?

10.2.2 Qual é o tipo de especialização (MBA, residência, psicanálise, atendimento infantil, etc.)?

10.2.3 Status da especialização (responder de acordo com a primeira caso tenha duas):
() concluído () em andamento () incompleto

10.2.4 Ganha/ganhava bolsa? () Não () Sim

11 Desde que se formou você fez/iniciou/está fazendo pós graduação stritu sensu (mestrado doutorado, etc)?

() Não () Sim

11.1 Qual é o tipo de pós graduação stritu sensu? () mestrado () doutorado

11.1.1 Onde você fez/está fazendo seu mestrado (nome da universidade/instituição)? _____

11.1.2 Status do mestrado: () concluído () em andamento () incompleto

11.1.3 Ganha/ganhava bolsa? () Não () Sim

11.2.1 Onde você fez/está fazendo seu doutorado (nome da universidade/instituição)? _____

11.2.2 Status do doutorado: () concluído () em andamento () incompleto

11.2.3 Ganha/ganhava bolsa? () Não () Sim

12 Você está desempregado?

() Não () Sim

12.1 Caso não tenha trabalho, por que? _____

13 Qual é sua renda mensal atual?

() até R\$ 1.000,00

() de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.576,01

() de R\$ 1.576,01 a R\$ 3.152,00

() de R\$ 3.152,01 a R\$ 7.880,00

() de R\$ 7.880,01 a R\$ 15.760,00

() R\$ 15.760,01 ou mais

() Não desejo informar

() Não possui renda atualmente

Caso nunca tenha trabalhado, pular para **questão 29**.

Caso trabalhe responder de acordo com emprego atual,

Caso seja aposentado ou desempregado, responder de acordo com último emprego.

Responda os itens a seguir de acordo com seu trabalho:

<p>14 A razão que me faz trabalhar é o dinheiro Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>	<p>15 Eu trabalho para sustentar minha família (esposo/a, filhos/as, etc.) ou lar. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>
<p>16 Eu trabalho para que eu seja reconhecido socialmente. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>	<p>17 Eu trabalho por obrigação. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>
<p>18 Sinto que ganho menos do que outros profissionais da minha área que estão no mercado de trabalho. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>	<p>19 O tempo “voa” quando estou trabalhando. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>
<p>20 Quando levanto pela manhã fico triste ao saber que preciso trabalhar. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>	<p>21 Conto os dias para chegada dos dias de folga. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>
<p>22 É difícil me desligar do trabalho. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>	<p>23 Meu trabalho não condiz com as expectativas de quando era universitário(a). Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>
<p>24 Sinto que tive uma formação útil na universidade para lidar com meu trabalho. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>	<p>25 Não tenho a menor ideia do que faria caso perdesse o emprego. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>
<p>26 Me sinto satisfeito com a remuneração do meu trabalho. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>	<p>27 A atividade que desempenho no trabalho tem grande significado para mim. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>
<p>28 Qualquer um pode fazer minha atividade de trabalho. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>	

Sobre a universidade em que se formou e o mercado de trabalho:

<p>29 Quando olho para vida profissional das pessoas que se formaram comigo fico preocupado com minha carreira. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>	<p>30 Quando olho para vida profissional das pessoas que se formaram comigo acho que estou no caminho certo. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>
<p>31 Quando olho para vida profissional das pessoas que se formaram comigo percebo que estou melhor do que eles. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>	<p>32 Sinto que estou defasado em relação aos demais profissionais do mercado de trabalho. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente</p>

33 A universidade em que me formei contribuiu positivamente para minha inserção no mercado de trabalho. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente	34 Estou muito satisfeito com a universidade em que me formei. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente
35 Estou muito satisfeito com o curso em que me formei. Concordo totalmente O---O---O---O---O Discordo totalmente	

36 Você é favorável ao sistema de cotas em universidades públicas? () Não () Sim

36.1 Caso seja favorável, com quais tipos de cotas concorda? (*Pode marcar mais de uma opção*)

- () Negros
 () Indígenas
 () Portadores de Necessidades Especiais
 () Mulheres
 () Baixa Renda
 () Portadores de HIV
 () Homossexuais
 () Outro. Qual? _____
 () Não sei

Em relação à maioria das pessoas que se formaram contigo, você se sente:

37 Seguro O---O---O---O---O Inseguro	38 Talentoso O---O---O---O---O Sem talento
39 Bem-sucedido O---O---O---O---O Fracassado	40 Superior O---O---O---O---O Inferior
41 Competente O---O---O---O---O Incompetente	

42 Você optaria por outra profissão se pudesse?

- () Não () Sim () Não sei/Não quero responder

42.1 Se sim, qual profissão? _____

43 Você optaria por outra área de atuação dentro da sua profissão se pudesse?

- () Não () Sim () Não sei/Não quero responder

43.1 Se sim, qual área de atuação? _____

44 Pense em 2 dos seus melhores amigos. Qual a profissão deles?

Amigo(a) 1	Profissão	Amigo(a) 2	Profissão
------------	-----------	------------	-----------

45 Das atividades culturais das listadas a seguir com qual frequência faz uso delas nas horas livres?

OPÇÕES	Uma vez por semana ou menos	2 a 3 vezes por mês	Algumas vezes por ano	Pelo menos uma vez por ano	Nunca
Cinema					
Eventos esportivos					
Eventos eruditos (ópera, ballet, concertos)					
Eventos religiosos					
Museus/centros culturais					
Shows de música					
Teatro					

46 Já fez/está fazendo algum curso de língua estrangeira? () Não () Sim

46.1 Se sim, qual língua estrangeira? () Inglês () Espanhol () Francês () Outra. Qual? _____

- 47** Na sua rede de conhecidos você tem proximidade com alguém de(a): *(mais de uma resposta possível)*
- () Empresa: Dirigente, Gerente, Coordenador, Dono de Empresa...
 - () Leis e Política: Deputado, Vereador, Prefeito, Secretário...
 - () Justiça: Delegado, Juiz, Promotor...
 - () Setor Público: Secretaria do Estado, DETRAN, Ministérios...
 - () Educação: Cargos de chefia ou influência em Universidades, em Escolas...
 - () Saúde: Cargos de chefia ou influência em Hospitais, Clínicas de Saúde, UPA...
 - () Organizações: ONGs, associação de moradores, escolas de samba...
 - () Líderes religiosos: pastor, pai de santo, bispo...
 - () Não possuo proximidade com ninguém dos grupos sociais acima

APÊNDICE C – Descrição da amostra do estudo 2

Tabela 1 - Descrição detalhada dos participantes respondentes da pesquisa. N = 25. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Número dos participantes	Classificação do contato	Sexo	Idade	Cor	Profissão	Bairro da Cidade do RJ onde reside
Participante 1	Não teve contato profissional	Masculino	57	Branca	Balconista aposentado	Jacarepaguá
Participante 2	Não teve contato profissional	Masculino	63	Branca	Empresário	Jacarepaguá
Participante 3	Não teve contato profissional	Feminino	54	Parda	Cabelereira	Jacarepaguá
Participante 4	Não teve contato profissional	Feminino	26	Parda	Vendedora desempregada	Jacarepaguá
Participante 5	Ambiente de trabalho	Feminino	29	Branca	Fonoaudióloga	Jacarepaguá
Participante 6	Não teve contato profissional	Feminino	50	Branca	Dona de casa	Jacarepaguá
Participante 7	Não teve contato profissional	Feminino	50	Preta	Boleira	Jacarepaguá
Participante 8	Terapia	Feminino	26	Parda	Manicure	Jacarepaguá
Participante 9	Terapia	Feminino	16	Parda	Estudante	Jacarepaguá
Participante 10	Não teve contato profissional	Feminino	26	Preta	Administradora	Jacarepaguá
Participante 11	Terapia	Feminino	29	Preta	Técnica de enfermagem	Jacarepaguá
Participante 12	Ambiente de trabalho	Masculino	51	Preta	Vigilante e técnico de enfermagem	Pavuna
Participante 13	Não teve contato profissional	Masculino	24	Parda	Militar e estudante de direito	Jacarepaguá
Participante 14	Terapia	Feminino	30	Parda	Coordenadora financeira	Flamengo
Participante 15	Terapia	Masculino	30	Amarela	Securitário	Flamengo
Participante 16	Orientação profissional	Feminino	26	Preta	Socióloga	Bento Ribeiro
Participante 17	Terapia	Feminino	25	Branca	Estudante de nutrição	Freguesia
Participante 18	Não teve contato profissional	Masculino	25	Parda	Militar e estudante de fisioterapia	Bento Ribeiro
Participante 19	Terapia	Feminino	31	Preta	Educadora física	Jacarepaguá
Participante 20	Avaliação psicológica	Masculino	25	Branca	Estudante de ciências matemáticas	Jacarepaguá
Participante 21	Orientação profissional	Feminino	26	Amarela	Jornalista	Barra de Guaratiba
Participante 22	Terapia	Feminino	71	Branca	Professora aposentada	Bento Ribeiro
Participante 23	Ambiente de trabalho	Feminino	34	Branca	Pedagoga	Vila Isabel
Participante 24	Ambiente de trabalho	Feminino	35	Branca	Assistente social	Centro
Participante 25	Ambiente de trabalho	Feminino	19	Preta	Jovem aprendiz	Vila Kennedy

APÊNDICE D – Instrumento do estudo 2: Roteiro de entrevista estruturado

Roteiro de entrevista da pesquisa “Pensamento social do psicólogo”.

Dados do entrevistado: Sexo – Idade – Cor – Profissão/ocupação – Cidade e Bairro onde mora

- 1) Por favor, descreva como foi ou como imagina ser o contato com o psicólogo.
- 2) O que você acha de bom no psicólogo?
- 3) O que você acha de ruim no psicólogo?
- 4) Na sua opinião, como a sociedade vê o trabalho do psicólogo?
- 5) E você, como descreveria o trabalho do psicólogo?
- 6) Gostaria que me descrevesse os locais onde os psicólogos podem atuar.
- 7) Em sua opinião, como as pessoas, em geral, descrevem os psicólogos? Suas características, comportamentos, personalidade...
- 8) E você, como os descreveria?
- 9) Como você descreveria fisicamente um psicólogo?
- 10) Você acha que os psicólogos são, em geral, pessoas de que classe social?
- 11) Que tipo de orientação política você acha que eles têm?
- 12) Na sua opinião, qual é o nível de importância que a sociedade dá para o trabalho do psicólogo?
- 13) Você recomendaria o serviço do psicólogo para alguém? Por que?

APÊNDICE E – Instrumento do estudo 3: questionário

I - Sobre o trabalho do psicólogo responda:

1 - O psicólogo é aquele que ouve.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
2 - O psicólogo é aquele que conversa.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
3 - O psicólogo atua dando conselhos.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
4 - O psicólogo ajuda a organizar ideias e fornece uma perspectiva	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
5 - Ajuda a prevenir e tratar distúrbios psicológicos.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
6 - O psicólogo resolve problemas dos outros.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
7 - Psicólogos absorvem problemas dos outros.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
8 - Alguns psicólogos optam pela profissão para lidar com a própria vida.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
9 - O psicólogo ajuda a lidar com problemas e questões pessoais	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
10 - Psicólogos ajudam as pessoas.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
11 - Psicólogos analisam pessoas e situações.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
12 - Psicólogos tem critérios de avaliação muito subjetivos	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
13 - O trabalho do psicólogo é importante.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
14 - O trabalho do psicólogo é malvisto pela sociedade.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
15 - A visão sobre a importância do trabalho dos psicólogos de uns tempos para cá mudou.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
16 - O trabalho do psicólogo é eficaz para promover saúde mental.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
17 - O trabalho do psicólogo é motivacional semelhante ao coach	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
18 - É possível viver normalmente sem fazer acompanhamento psicológico/terapia.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
19 - O valor dos atendimentos com psicólogo é alto.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
20 - Terapia é frescura.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
21 - Terapia é coisa de maluco.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente
22 - Terapia é coisa de gente rica.	Pouco provavelmente	O---O---O---O---O	Muito provavelmente

II - Sobre as características mentais e personalidade do psicólogo responda:

23 - Mal resolvidos	O---O---O---O---O	Bem resolvidos	24 - Doidos	O---O---O---O---O	Normais
25 - Atenciosos	O---O---O---O---O	Desatentos	26 - Inteligentes	O---O---O---O---O	Ignorantes
27 - Calmos	O---O---O---O---O	Agitados	28 - Sérios	O---O---O---O---O	Engraçados
29 - Pacientes	O---O---O---O---O	Estressados	30 - Responsáveis	O---O---O---O---O	Desleixados

III - Sobre os psicólogos, em geral, responda:

31 - Você acha que eles são de qual classe social em geral?	32 - Que tipo de orientação política você acha que eles têm em geral?
() Classe alta	() Esquerda
() Classe média alta	() Centro-esquerda
() Classe média	() Centro
() Classe média baixa	() Direita
() Classe baixa	() Centro-direita
() Não sei/Não quero responder	() Não sei/Não quero responder
() Outro. Qual?	() Outro. Qual?

IV - Sobre a profissão do psicólogo em comparação às outras profissões responda:

- 33 - O trabalho do psicólogo em comparação ao psiquiatra é:
- () Superior
 () Tão importante quanto
 () Inferior
 () Não sei/Não quero responder

V - Sobre as características físicas do psicólogo, responda:

34 - Para cada alternativa marque **A** (0%), **B** (de 20 a 40%), **C** (50%), **D** (de 70 a 90%) ou **E** (100%) para as chances mais prováveis das características físicas do psicólogo:

- () Mulher () Jaleco () Asiático
 () Óculos de grau () Atlético () Indígena
 () Se veste de forma confortável () Se veste de forma social () Homem
 () Entre 25 e 45 anos () Entre 55 e 75 anos () 80 anos ou mais
 () Colar e/ou acessórios coloridos () Branco () Tatuagens e piercings
 () Obeso () Magro () Negro

VI - Sobre você responda:

35 - Você trabalha ou já trabalhou com algum psicólogo? () Não () Sim, já trabalhei/trabalho	36 - Você já fez terapia ou teve algum acompanhamento terapêutico com psicólogo? () Não () Sim
36.1 - <u>Se sim</u> , quanto tempo fez terapia ou teve algum acompanhamento terapêutico com psicólogo? () Estou fazendo terapia () Até 6 meses () De 1 à 2 anos () Mais de 2 anos	37 - Você já passou ou conhece alguém que já passou por alguma dessas situações com o psicólogo? () Não passei e não conheço quem tenha passado por nenhuma situação antiética () Quebra de sigilo do profissional (falar fora do ambiente terapêutico sobre o caso dos pacientes nomeando-os, etc.) () Induzir/falar sobre posicionamento político (debater ou coentar sobre política abertamente, etc.) () Induzir/falar sobre religião (fazer mapa astral, convidar para cerimônia religiosa, etc.) () Aconselhamento (dar conselhos, dizer o que fazer da vida ou de situação específica, etc.) () Outro. Qual?
38 - Você recomendaria o serviço do psicólogo para alguém? () Não () Sim	38.1 - <u>Se sim</u> , por qual ou quais motivos você recomendaria o serviço do psicólogo para alguém? () Problemas () Conhecimento e desenvolvimento pessoal () Para ter com quem falar/desabafar () Para recomendar o serviço depende da situação () Em algum momento todos precisam de terapia () Não sei/Não quero responder () Outro. Qual?
39 - Você se sentiria ofendido caso alguém dissesse que você precisa de atendimento psicológico? () Não () Sim () Depende de quem fala/como fala	39.1 - <u>Se sim</u> , por quê?
40 - Qual é o seu sexo? () Masculino () Feminino () Outro	41 - Você se define como: () Branco () Indígena () Negro () Pardo () Outro. Qual? _____
42 - Qual é a sua idade? ___ anos	43 - Você nasceu onde? () RJ () Outro. Qual? _____